



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA - DAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA - PPGA

Som e fúria: uma etnografia da produção e consumo da música pelos jovens no centro histórico de João Pessoa/PB

RAFAEL RODRIGUES PONTUAL

RECIFE
2013

RAFAEL RODRIGUES PONTUAL

SOM E FÚRIA: UMA ETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO E CONSUMO DA MÚSICA
PELOS JOVENS NO CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA/PB

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Departamento de Antropologia e Museologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção de título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Motta

RECIFE
2013

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva CRB-4 1291.

P818s Pontual, Rafael Rodrigues.
Som e fúria : uma etnografia da produção e consumo da música pelos jovens no centro histórico de João Pessoa/PB / Rafael Rodrigues Pontual.
- Recife: O autor, 2013.
118 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Motta.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2013.
Inclui referências e anexos.

1. Antropologia. 2. Música e juventude – João Pessoa (PB). 3. Lazer. 4. Gentrificação. 5. Conflito social. I. Motta, Antônio (Orientador). II. Título.

301 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2013-153)

RAFAEL RODRIGUES PONTUAL

SOM E FÚRIA: UMA ETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO E CONSUMO DA
MÚSICA PELOS JOVENS NO CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA/PB

Dissertação apresentada ao Programa de pós-
graduação em Antropologia da Universidade
Federal de Pernambuco como requisito parcial para
a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovado em: 26/04/2013

BANCA EXAMINADORA

Prof^o Dr^o Antonio Motta (orientador)

Programa de Pós-graduação em Antropologia – UFPE

Prof^o Dr^o Carlos Sandroni (Examinador Titular Interno)

Programa de Pós-graduação em Antropologia – UFPE

Prof^a Dr^a Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (Examinadora Titular Externa)

Departamento de Ciências Sociais - UFPB

Aos meus avós,
Dona Silvia, Natanael e Seu Zé, *in memoriam*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao pessoal do Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFPE, professores, funcionários, alunos (em especial da minha turma de 2011), pelas experiências compartilhadas durante este tempo do mestrado.

Ao orientador Antonio Motta pelo seu apoio e contribuições para a elaboração desta dissertação, sempre incentivando a buscar a qualidade e a inovação.

Aos músicos e produtores culturais de João Pessoa pelas experiências compartilhadas durante a pesquisa de campo e pela disponibilidade em contribuir com no trabalho. Entre eles Rayan do Coletivo Mundo, Alexandre do Varadouro Cultural, Seu Carlos da Cachaçaria Philipéia e outros.

Aos amigos e a toda a minha família, em especial a minha mãe Janete, meu pai Eliel, meus irmãos Marcella, Jane e Jason, e à minha prima/irmã Sandra pelo apoio e incentivo para concluir o mestrado.

Ao programa REUNI/CAPES pelo financiamento desta pesquisa.

Enfim, obrigado a tod@s!

- *Está no ar? Estamos aqui em plena Cinelândia gravando o programa Brasa Viva, vamos entrevistar um transeunte... Hei você aí, qual o tipo de música que você prefere? melodiosa ou barulhenta?*
- *Barulhenta né! Eu sou jovem!*

Introdução da música “Todo mundo está feliz” de Raul Seixas e Brauner Megda

RESUMO

Este trabalho é um estudo etnográfico sobre a produção e o consumo da música pelos jovens no centro histórico de João Pessoa/PB. A pesquisa tem como objeto as experiências concretas dos mesmos em alguns espaços na cidade que permitem o consumo e a produção cultural, e o lazer. Busca-se compreender como os sujeitos constroem e exercem seus estilos de vida através da música e da sonoridade em geral, emitida tanto pelo humano quanto pelo não-humano. O recorte recai, mais especificamente, no contexto de alguns espaços públicos do centro histórico que passaram por processos de *gentrification* (enobrecimento) através da “revitalização” no sentido de preservar os bens patrimoniais inseridos, e de dar novas dinâmicas socioculturais ao lugar, estas transformações atraíram grupos estrangeiros ávidos por consumir e produzir cultura, e que contrapõem aos grupos que historicamente ocupam aquele espaço. O foco da análise realizada são os eventos culturais realizados nestes espaços, principalmente o “chorinho”, que acontece na mancha (MAGNANI, 2002) de lazer da *Praça Rio Branco*. Neste evento, vários jovens e grupos estão presentes com as suas mais diversas performances e percepções musicais, e formas de vivenciar o lazer. Entre os grupos se destacam os “sambistas e/ou chorões”, os “roqueiros” e os que eu chamo de “parahybas”. Existe também uma diferenciação e uma desigualdade em termos de classe social, entre grupos de classe média e grupos populares. As experiências vividas pelos jovens através da música no centro histórico de João Pessoa possibilitam tanto momentos sociabilidades quanto situações de conflitos, que de maneira igual agem no sentido de criar nos jovens um sentimento comum de pertencimento àquele lugar e a um grupo etário, apesar das diferenças.

Palavras-chave: juventudes, música, lazer, *gentrification*, sociabilidade, conflito.

ABSTRACT

This paper is an ethnographic study on the production and consumption of music by young people in the historic center of João Pessoa / PB. The research aims to concrete experiences in some of these spaces in the city that allow cultural production and consumption, and leisure. We seek to understand how subjects construct and perform their lifestyles through music and sound in general issued by both the human and the nonhuman. The cut falls , more specifically , in the context of some public spaces of the historic center that have undergone processes of gentrification through the " revitalization " to preserve the patrimony inserted , and give new sociocultural dynamics to place these transformations groups attracted foreigners eager to consume and produce culture , which historically opposed groups to occupy that space . The focus of the analysis are the cultural events held in these spaces, especially "chorinho" , what happens in the spot (MAGNANI , 2002) leisure from Praça Rio Branco. In this event, several young people and groups are present with their diverse musical performances and perceptions, and ways of experiencing pleasure. Among the groups stand out "sambistas and / or chorões", the "rockers" and what I call "parahybas" . There is also differentiation and inequality in terms of social class, among middle-class groups and grassroots groups. The experiences of the young people through music in the historic center of João Pessoa enable both times sociability as conflict situations, which equally act to create in young people a sense of common belonging to that place and age group, despite differences

Keywords: youth, music, leisure, gentrification, sociability, conflict.

ÍNDICE DE FIGURAS

Imagem 1: Pontos de escuta dentro da mancha de lazer da <i>Praça Rio Branco</i>	30
Imagem 2: Praça Rio Branco antes da reforma realizada em 2010.....	52
Imagem 3: Jovens em frente à loja Música Urbana.....	55
Imagem 4: Músicos se apresentando dentro da Cachaçaria Philipéia.....	58
Imagem 5: Durante a apresentação da cantora Poliana Resende.....	64
Imagem 6: Pessoas conversando na Praça Rio Branco.....	72
Imagem 7: Performances musicais no beco da Cachaçaria Philipéia.....	78
Imagem 8: Jovem dando um “moche”.....	84
Imagem 9: Presença de alguns “roqueiros” dentro da Cachaçaria Philipéia.....	86
Imagem 10: Jovens vestidos no estilo punk.....	87
Imagem 11: Jovens vestidos no estilo gótico.....	88
Imagem 12: Jovens vestidos no estilo metaleiro.....	88
Imagem 13 – Jovem usando um chapéu panamá.....	89
Imagem 14 – Vendedor de chapéus na Praça Rio Branco.....	89

SUMÁRIO

“COMEÇANDO OS TRABALHOS...”: INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - SER OU NÃO SER UM NATIVO? EIS A QUESTÃO.....	20
CAPÍTULO 2 - O CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA: UM LUGAR EM INVENÇÃO	32
2.1. O Centro Histórico na história de João Pessoa.....	32
2.2. A mancha de lazer do <i>Centro Histórico</i>	37
2.2.1. A Praça Antenor Navarro e o Largo São Frei Pedro Gonçalves	37
2.2.2. A Rua da Areia	42
2.2.3. O atual <i>Centro Histórico</i>	44
2.3. A mancha de lazer da <i>Praça Rio Branco</i>	50
2.3.1. A historicidade da Praça Rio Branco.....	50
2.3.2. Nova em “pedra e cal”	52
2.3.3. Formação e reconfigurações de uma mancha de lazer	54
CAPÍTULO 3 - JOVENS EM “JAMPA”: ESTILOS DE VIDA, SONORIDADES, LAZER E PERFORMANCES MUSICAIS NO CENTRO HISTÓRICO.....	59
3.1. Juventudes, música e lazer.....	63
3.2. Diferenças e desigualdades de classe no centro histórico	69
3.3. Discursos e performances musicais na mancha da <i>Praça Rio Branco</i>	71
3.4. Grupos e estilos de vida juvenis	87
“ENCERRANDO OS TRABALHOS...”: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	92
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	95
ANEXOS	100

“COMEÇANDO OS TRABALHOS...”: INTRODUÇÃO

Esta dissertação é resultado de um estudo etnográfico sobre as relações construídas em torno das culturas juvenis, expressões musicais, lazer e o espaço público de João Pessoa. Foi interesse conhecer como os sujeitos, principalmente os jovens, constroem e exercem seus estilos de vida nas experiências em alguns espaços de produção e consumo de música nesta cidade, e ver como estes espaços são reconfigurados a partir dos sentidos construídos em torno destas experiências.

O fazer e a apreciação musical pelos sujeitos nos espaços públicos urbanos, além de ser um meio por onde elaboram formas estéticas musicais variadas, é uma forma de construir e exprimirem seus estilos de vida, ou seja, um jeito próprio de ver, sentir, vivenciar e se apropriar da cidade. A música tocada no contexto urbano conforma os grupos, o gosto musical comum gera a empatia entre os sujeitos e os levam a frequentar os espaços onde tocam os estilos e os gêneros musicais de suas preferências.

A pesquisa realizada se deu principalmente no contexto da Praça Rio Branco e em seu entorno, mas também foram privilegiados outros espaços do centro histórico de João Pessoa, onde fica localizada esta praça. O interesse por estudar as relações construídas em torno da música surgiu a partir do que foi observado em campo. Percebeu-se que os atos de sociabilidade e as situações de conflito se processavam muito em torno dela, apesar de outros elementos interferirem. Também por que a música possibilita aos sujeitos emoções, sentimentos, e intersubjetividades.

A Praça Rio Branco foi o trecho do centro histórico mais recentemente requalificado e se tornou um lugar de forte efervescência musical, principalmente depois que a Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE) passou a promover apresentações de grupos de choro e de samba todos os sábados naquele espaço. Isto possibilitou um fluxo intenso de um público consumidor e produtor desta música. Apesar de que antes disto, ali já era um lugar de produção e consumo de músicas na cidade de João Pessoa, o espaço da loja Música Urbana já era frequentado por grupos identificados com o rock, em suas várias vertentes, e no espaço da Cachaçaria Philipéia era frequentado por grupos identificados com o forró e a cultura popular da Paraíba em geral.

A reforma provocou uma reanimação deste lugar, tendo em vista que um número bem maior de pessoas passou a frequentá-lo, e com isso o público que frequentava noutros tempos passou a se relacionar com mesmo e no mesmo de maneira mais intensa. Desta forma, este trabalho procura analisar como se dá a conformação dos grupos e como se relacionam nesta

nova realidade, principalmente três grupos que têm presenças destacadas na mancha¹ de lazer da *Praça Rio Branco*²: os dos “roqueiros” em suas diversas vertentes, identificados com a cultura globalizada do *rock n’ roll*; dos “sambistas e/ou chorões”, identificados com a cultura “nacionalizada” do samba e do choro; e por último os que eu chamo de “parahybas”, grupo que busca construir uma identidade autenticamente paraibana, através da valorização do patrimônio histórico e cultural local, seja material ou imaterial. Apesar de não haver uma fronteira rígida que separam estes grupos, e de haver um trânsito dos jovens entre eles, existem diferenças que são percebidas nas práticas corporais, nas performances musicais, nos discursos, e nas formas como os espaços são usados e ocupados.

Assim, compartilhando da ideia de Magnani (2005, p. 177), a proposta aqui é entender o comportamento dos jovens através da “[...] sua inserção na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde circulam”, e o centro histórico é um lugar onde vários grupos juvenis com suas respectivas culturas se fazem presentes. Por estar localizado numa região central de João Pessoa é um lugar bastante frequentado, seja nos dias da semana quando os fluxos de pessoas giram mais em torno do comércio e dos diversos serviços oferecidos ali, seja nos fins de semana quando se torna um espaço de lazer e cultura.

Mas além do aspecto espacial, outro importante elemento para entender o comportamento juvenil na cidade é a sonoridade. A cidade contemporânea, diferente de outras realidades, se apresenta como um ambiente extremamente ruidoso. Somos o tempo todo “bombardeados” por sons e mesmo que nos neguem a ouvir determinada sonoridade que não nos agrada, não conseguimos. Até mesmo no ambiente privado da casa estamos sujeitos aos sons da cidade. Seja o som do carro passando na rua, o som de uma propaganda em carro de som, a buzina do vendedor de picolé, a música da moda tocada na casa do vizinho nas últimas alturas, etc. Desta forma, como salienta Fortuna (1998, p. 27), em vista desta impossibilidade de fuga dos sons urbanos, “o refúgio no silêncio não passa de um estratagema cultural e psicológico assente na capacidade individual para aumentar os limiares da tolerância acústica”.

¹ Utiliza-se aqui da categoria mancha proposta por Magnani, que a define como sendo “[...] áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. Numa *mancha* de lazer, os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina etc., os quais, seja por competição seja complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituir pontos de referência para a prática de determinadas atividades.” (MAGNANI, 2002, p. 22)

² Quando estiver grifado, não estarei me referindo apenas ao espaço físico da Praça Rio Branco, e sim o lugar como todo, que inclui espaços que vão além dela, que conformam a mancha de lazer. O mesmo vale com relação ao Centro Histórico, e ao *Centro Histórico*, o primeiro diz respeito à área tombada patrimônio histórico de João Pessoa, já o segundo diz respeito à mancha de lazer que inclui a Praça Antenor Navarro, Largo de São Pedro, e Rua da Areia.

Diante desta hipótese, não temos como excluir o aspecto da sonoridade na construção de um conhecimento da cultura urbana, principalmente da cultura urbana juvenil, tendo em vista que os sons, combinados em forma de música, têm um papel importante na forma como os jovens sentem e vivenciam a cidade, ainda mais nas suas práticas de lazer. Como foi dito, a produção e o consumo da música é um caminho por onde os jovens constroem e exercem seus estilos de vida, e as sonoridades possibilitam aos jovens emoções, sentimentos, e intersubjetividades, elementos que no processo de conhecimento da experiência humana na cidade não podem ser deixados de lado.

Entretanto, segundo Fortuna (1998, p. 23), isto não é o que se vê nos estudos urbanos das ciências sociais em geral. Predomina um objetivismo metodológico que nega a sonoridade “enquanto ingrediente cultural de pertinência social”. Para o autor,

Este é um corolário das epistemologias racionalistas de inspiração weberiana e bachelardiana, com seu calculismo objectivista, baseado na análise fria, distanciada e expurgada dos efeitos julgados distorsores das emoções, dos sentimentos e das subjetividades. (FORTUNA, 1998, p. 23)

Diferentemente, este trabalho procura incorporar em sua análise estes “efeitos distorsores”. O papel que a estrutura social tem de definir a forma como os sujeitos agem e pensam na cidade não é vista aqui como determinante, ao contrário, os atores sociais interpretam esta influência externa a sua maneira. E isto permite a eles modificarem a realidade urbana.

Olhar para as dinâmicas urbanas só de cima para baixo, não permite conhecer como os atores sociais apreendem e ocupam o espaço público urbano e como participam do processo de configuração deste espaço. Entende-se, a partir de Sahlins (1997, p. 56), que mesmo havendo uma interferência do processo de globalização sobre a forma como os espaços urbanos são vividos, esta interferência não cria uma padronização do estilo de vida urbano, pois cada grupo apreende estas influências externas a sua maneira, eles não estão condenados pelo “poder homogeneizador do sistema mundial capitalista”.

Justamente por participarem de um processo global de aculturação, os povos “locais” continuam a se distinguir entre si pelos modos específicos como o fazem. (SAHLINS, 1997, p. 56)

Portanto, a forma como o centro histórico de João Pessoa é percebido e vivido pelos seus frequentadores é o que dá o “timbre” ao lugar, ou seja, é o que dá a ele uma particularidade, com suas próprias redes de sociabilidades, formas de ocupação dos espaços,

formas de expressões, sotaque, etc., diferenciando-o de outros centros históricos. Distinção esta percebida também na sua sonoridade.

Considera-se que o espaço físico e o tempo onde um som ocorre e onde é ouvido são parte integral do som e da experiência do espaço público urbano. Daí que o estímulo sensorial auditivo possa servir de ponto de partida para a identificação/diferenciação dos centros históricos e decifração dos comportamentos e dos ambientes sociais nos seus espaços públicos. (CASALEIRO & QUINTELA, 2008, p. 03)

Quando os jovens vão ao centro histórico, seja para se divertir ou para o trabalho, estão ao mesmo tempo experienciando aquele lugar e o experimentando. De acordo com a autora Jolé (2005, p. 424), o “andar coletivo” é “um instrumento de exploração da cidade para fins cognitivos, reflexivos e de criação”, ou seja, para ela o andar em grupo na cidade permite ao mesmo tempo a apreensão coletiva dos espaços, bem como, uma “reflexão sobre as formas, os usos, a história, os sentidos dos espaços percorridos, situando-se, perfeitamente, nas perspectivas de organização dos espaços repensados, renovados” (JOLÉ, 2005, p. 424).

Por isto a subjetividade³ aparece aqui como elemento importante para entender a forma como os jovens elaboram seus estilos de vida e suas formas de usar e ocupar os espaços do centro histórico. O sujeito aqui não é visto como passivo das transformações urbanas e sim “como existencialmente complexo, um ser que sente e pensa e reflete, que faz e busca significado.” (ORTNER, 2007, p. 379)

Nas suas práticas cotidianas os sujeitos reconfiguram os espaços públicos da cidade. Mesmo havendo a intervenção do poder público em alguns espaços na tentativa de impor uma forma de ocupação e uso específicos, muitas vezes vai de contra a maneira como os atores sociais pensam e vivem aquele lugar. E isto foi verificado na intervenção ocorrida na praça Rio Branco, que foi o trecho do centro histórico mais recentemente requalificado, após o mesmo ter sido reconhecido patrimônio histórico e artístico nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2008.

Esta intervenção apresentou característica de um fenômeno de *gentrification* (enobrecimento). Este fenômeno também se viu nas intervenções realizadas em outras áreas históricas de João Pessoa desde o final da década de 1980, que sinalizam uma dinâmica de transformações sociais e urbanas³ em andamento no centro antigo desta cidade marcadas pela

³ Penso subjetividade em acordo com Ortner (2007, p. 376): “Por subjetividade irei me referir ao conjunto de modos de percepção, afeto, pensamento, desejo, medo e assim por diante, que animam os sujeitos atuantes. Mas eu sempre me refiro, da mesma forma, às formações culturais e sociais que modelam, organizam e provocam aqueles modos de afeto, pensamento, etc.”

busca de uma revalorização do patrimônio histórico, alterando-se num “jogo de interesses” (VELHO, 2006), com a destinação destas áreas para o lazer, consumo e turismo.

Apesar das especificidades destas transformações no contexto local, o *gentrification* (enobrecimento) é um fenômeno verificado em outras cidades no contexto nacional, e até mesmo global, que segundo Gaspar (2010) se apresenta basicamente de duas formas:

A *gentrification* pela demanda, tendo como principal motor a reconquista habitacional das áreas centrais pelas classes abastadas (ou seja, por atores privados), como um fenômeno típico do mundo anglo-saxão; e a *gentrification* pela oferta, encontrada prioritariamente no contexto das cidades européias continentais, sendo efetuada pelo poder público – geralmente em parceria com a iniciativa privada – com o intuito de alterar a imagem da área central e assim, estimular a vinda das classes média e média alta para moradia, consumo e lazer (sendo as duas últimas as atividades que comumente acabam por predominar). (GASPAR, 2010, p. 6)

A forma como este fenômeno se apresentou até agora no centro antigo de João Pessoa está mais próximo do contexto das cidades europeias continentais, e principalmente de outras cidades nordestinas, em que o processo de requalificação urbana ficou a cargo do poder público em parceria com a iniciativa privada. Isto se deu através da construção de espaços de cultura, consumo e lazer, com o objetivo de atrair novos usos de frequência e consumo por parte de grupos elitizados.

O chamamento da classe média e média alta da cidade, bem como de turistas, para ocuparem o centro histórico de João Pessoa está ligado a uma ideia de que ele se encontra abandonado. Com a proposta de “revitalizar” aquele espaço, tenta-se retomar uma dinâmica sociocultural existente no passado. Para isto, utiliza-se do discurso da importância do patrimônio histórico deste lugar para a construção de uma identidade histórico-cultural da cidade compartilhada. (SCOCUGLIA, 2009)

Assim, com o tombamento de monumentos históricos e o reordenamento de trechos urbanos de importância histórica, os gestores públicos e setores da sociedade civil organizada tentam apagar o risco de perda da identidade dos moradores de João Pessoa com “sua” cidade. Esta forma de lidar com o patrimônio histórico, como afirma Choay (2001), é uma forma contemporânea de utilizá-lo como um “vasto espelho” para a contemplação de nossa própria imagem.

A observação e o tratamento seletivo dos bens patrimoniais já não contribuem para fundar uma identidade cultural assumida de forma dinâmica. Elas tenderiam a ser substituídas pela autocontemplação passiva e

pelo culto de uma identidade genérica. Os traços narcisistas que aí existem já devem ter sido notados. O Patrimônio teria assim perdido sua função construtiva, substituída por uma função defensiva, que garantiria a recuperação de uma identidade ameaçada. (CHOAY, 2001, p. 241)

Mas, apesar destes traços narcisistas que fala Choay (2001), que está presente nas políticas patrimoniais em João Pessoa, os sentidos que passam a ser atribuídos ao patrimônio histórico-cultural após a requalificação destas áreas são os mais variados possíveis. Como lembra Certeau (1994), a proteção e preservação dos monumentos e dos espaços patrimoniais, possibilita aos habitantes da cidade imaginá-la, seus personagens secretos, seus lugares, prédios, fontes, árvores, etc. São essas “imagens sociais” que dão possibilidade de construção da memória social (HALBWACHS, 2004). E ao mesmo tempo estas ações reanimam os sujeitos a ocuparem os espaços públicos na cidade e assim vivenciar novas experiências neste contexto.

Os usos e apropriações do patrimônio histórico-cultural possibilitam a construção de várias identidades ao invés de uma identidade genérica, isto porque ele está inserido em realidades socioculturais, onde “a experiência vivida também se condensa em linguagens, conhecimentos, tradições imateriais, modos de usar os bens e os espaços físicos.” (CANCLINI, 1994, p. 99). A impossibilidade da construção desta identidade genérica se deve, portanto pelo fato de que a apropriação dos bens culturais se dá de forma diferente e desigual.

Os bens reunidos por cada sociedade na história não pertencem realmente a todos, ainda que formalmente pareçam ser de todos e estar disponíveis ao uso de todos. [...] diversos grupos se apropriam de forma desigual e diferente da herança cultural. (CANCLINI, 1994, p. 96)

Portanto, o patrimônio histórico-cultural, que do ponto de vista conceitual deveria ser um bem destinado ao usufruto de todos (CHOAY, 2001), não importando até mesmo o contexto em que está inserido, é apropriado de forma diferente e desigual, como afirmou Canclini (1994). E esta diferenciação no acesso e na forma de consumir os bens culturais se faz presente nos usos realizados no centro histórico de João Pessoa e mais especificamente na Praça Rio Branco, tanto em relação aos grupos da classe popular e quanto aos grupos da classe média. São maneiras diferenciadas de se relacionar com o lugar. Alguns sujeitos até mesmo não dão tanta importância ao aspecto patrimonial do mesmo, o frequentam por outros motivos que o atraem.

No caso da Praça Rio Branco, a intervenção realizada teve o objetivo de impor novas formas de uso do lugar, tornando-o um espaço de apresentações culturais, de consumo e de turismo, formas estas que acabaram sendo incorporadas mais pelos grupos de classe média. Mesmo com o objetivo de democratizar esta ação acabou privilegiando um grupo específico, o que não quer dizer que os grupos populares não ocuparam aquele lugar, entretanto fazem usos diferenciados.

Apesar da tentativa de transformação social deste lugar através de políticas patrimoniais, as dinâmicas sociais e culturais na cidade independem das formas como são planejadas e controladas. Isto principalmente quando se trata de espaços públicos que se constituem “como um local de dialógica interação política e exteriorização dos conflitos e das discordâncias” (LEITE, 2002, p. 116). Mas a questão que se coloca é se a intervenção no espaço urbano da Praça Rio Branco no sentido torná-lo lugar de convivência da cidade, como foi no passado, fez ou não dele um “espaço público”⁴.

A hipótese aqui trabalhada, a partir de Leite (2002), é que sim, pois mesmo que esta intervenção esteja dentro de uma política de *gentrification* (enobrecimento), que tira o lugar daqueles grupos que tradicionalmente o frequentam e habitam, “na medida em que parecem alienar o patrimônio dos seus usuários através das relações econômicas de consumo” (LEITE, 2002, p. 121), ela possibilita uma ampliação das interações sociais entre os diversos grupos presentes, principalmente por se tratar de uma praça, que é um lugar privilegiado onde se “encena as relações sociais e se exercita a sociabilidade urbana” (FRANCH; QUEIROZ, 2010, p. 21).

Portanto, a retomada da Praça Rio Branco enquanto espaço público possibilitou, a partir dos diversos usos daquele espaço, a sua transformação em um novo “lugar⁵” do centro histórico de João Pessoa. Por sua vez, o sentido que lhe foi atribuído pode ser pensado enquanto resultado, pensando na hipótese de Leite (2002), dos “contra-usos” dos espaços enobrecidos impostos pelos grupos populares, permitindo criar significações, contra-sentidos, diferenciados daqueles usos esperados pelas políticas urbanísticas.

⁴ Segundo Leite (2002, p. 116), “um espaço urbano somente se constitui em espaço público quando nele se conjugam certas configurações espaciais e um conjunto de ações. Quando as ações atribuem sentidos de lugar e pertencimento a certos espaços urbanos, e, de outro modo, essas espacialidades incidem igualmente na construção de sentidos para as ações, os espaços urbanos podem se constituir como espaços públicos: locais onde as diferenças se publicizam e se confrontam politicamente”

⁵ Segundo Leite (2005), “podemos entender os lugares como demarcações físicas e simbólicas no espaço, cujos diferentes usos os qualificam e lhes atribuem sentidos de pertencimento, orientando ações sociais e sendo por estas delimitados reflexivamente” (LEITE, 2005, p. 79)

Outra hipótese é a de Frúgoli Jr. e Sklair (2008), quando estudam o bairro da Luz em São Paulo. Para eles, os lugares nos centros antigos não surgem a partir de uma reação ou resistência às intenções do Estado ou do mercado de enobrecer determinados espaços centrais, e sim são tradicionalmente construídos, áreas “historicamente marcadas por usos populares, com eventuais conjunturas nas quais outros grupos tentam se apropriar desses locais” (FRÚGOLI JR.; SKLAIR, 2008, P. 14), o que torna praticamente impossível uma transformação da paisagem urbana de forma rápida.

Pensando a Praça Rio Branco, inserida no contexto maior do centro histórico de João Pessoa, o que se verificou foi que as duas hipóteses são válidas para entender a forma como os espaços são usados e ocupados ali, porém com ressalvas. Ao mesmo tempo em que existem usos históricos feitos pelos tradicionais frequentadores e habitantes daquele lugar, que vão na contramão dos usos impostos com a intervenção, surgiram novos usos que o contrapõem. No entanto, estes novos usos não foram construídos de maneira prévia com o objetivo das classes populares “resistirem” ao processo de enobrecimento acontecido ali, como pensa Leite (2002), mas surgiram a partir das vivências dos grupos populares naquele espaço, ou seja, na experiência dos sujeitos.

Esta diferenciação em termos de classe, bem como de grupos juvenis, é percebida principalmente quando olhamos para a presença da música neste lugar. As experiências dos sujeitos através da produção e consumo da mesma no centro histórico de João Pessoa possibilitam aos mesmos questionarem os valores dos grupos dos quais fazem parte, assim como os valores dos outros grupos, as formas de usar e ocupar os espaços e o poder do Estado, permitindo que, desta forma, construam e reconstruam seus estilos de vida urbana.

A música ali se apresenta como o que Turner (2005, p. 184) chamou de “drama social”, um caminho tortuoso por “onde as estruturas de experiência grupal (Erlebnis) são copiadas, desmembradas, memoradas, remodeladas, e, de viva voz ou não, tornadas significativas”. E é na experiência que o drama social se processa, ali o que está estabelecido é questionado para em seguida dar numa nova forma “*proto-estética*” por onde caminham as ações humanas. Diante disso, não temos como isolar a música do contexto social onde se dão as experiências dos sujeitos, já que como qualquer universo cultural, precisa ser “sempre tomada como congenitamente ligada à corrente infinita de domínios da sociabilidade” (MENEZES BASTOS, 2004, pg. 07).

Entre boa parte dos estudiosos da música, seja no campo da musicologia, ou da crítica musical, existe uma preocupação maior com os aspectos formais do objeto musical, com questões relacionadas à melodia, a harmonia, ao ritmo, etc., como se a música fosse

independente dos sujeitos que as experienciam e do contexto onde ela se dá, ou seja, fala-se dela mais em termos que Geertz (1997) chama de “artesanal”. Este foco de análise ainda é muito presente, mas já começa a mudar quando olhamos para os estudos realizados no campo da etnomusicologia, disciplina surgida na Europa no início do século XX como uma musicologia comparada, e que tinha como ambição não só entender a música como expressão artística e estética, mas também inserida no âmbito social, histórico e político. (LÜHNING, 2004)

Esta dissertação procura fazer uma análise da música partindo principalmente deste último ponto de vista, não a vendo pelo anglo “artesanal” do qual fala Geertz (1997), em que o objeto artístico é analisado “como um mero encadeamento de formas puras”. Aqui ela é vista como inserida na vida social dos sujeitos que a experienciam. Mesmo no processo de composição da música que é uma atividade solitária e até mesmo individualista, até quando feito em parceria com outros, aquilo que se tenta passar com ela não é inerente a ela própria, ou ao indivíduo, e sim a cultura em que o compositor está inserido.

Segundo Geertz (1997), o sentimento pela vida expressado por um sujeito ou por um povo não se dá exclusivamente através da obra de arte, tal sentimento faz parte da cultura, e está presente em outros segmentos como: na religião, na política, na moralidade, etc., por isso é preciso vê-lo como uma expressão de um sentimento coletivo. No caso da música, este sentimento coletivo é mais autêntico no momento em que ela é executada, pois ali está presente o autor, o intérprete e o público consumidor, todos a experienciando de forma compartilhada. Apesar de que, no momento em que o artista está compondo, este sentimento também está presente. Nesta hora, o músico e o público podem não estar próximos fisicamente, mas o autor pensa na maneira como sua obra vai ser executada e como o público vai reagir a ela.

Portanto, pensando a música enquanto um universo cultural, ou seja, enquanto um conjunto de símbolos que servem de “documento” de ação pública, socialmente construídos, por onde os sujeitos pensam e agem no mundo em que vivem (GEERTZ, 1989), é preciso estudá-la sempre enquanto um processo local, pois é ali que ela se conecta com vida social, mas não de forma instrumental, e sim semiótica (GEERTZ, 1997).

Música é manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade. Ao mesmo tempo é singular e de difícil tradução, quando apresentada fora de seu contexto ou de seu meio cultural. (PINTO, 2001, pg. 223)

Desta forma, este estudo partiu das experiências dos sujeitos com a música no contexto do centro histórico da cidade de João Pessoa, para verificar quais os sentidos e as práticas que os mesmos constroem nestas experiências. O interesse aqui é pelo o que Trajano Filho (1984: 304 apud DIAS, 2010, p. 03) chamou de “ato de música”, que diz respeito à “[...] totalidade da experiência concreta de defrontar-se com a música, experiência esta capaz de revelar o sentido mais autêntico de uma manifestação musical”.

E é esta experiência que estará presente na etnografia apresentada aqui. Mas antes de adentrar no seu conteúdo, fez-se necessário no primeiro capítulo uma discussão acerca da produção do texto etnográfico e da etnografia sonora, bem como da experiência de trabalho de campo, pois penso a partir de Geertz (2005), Cardoso de Oliveira (2000) e Favret-Saada (2005), que são estâncias primordiais do processo de conhecimento antropológico. O velho dilema entre o “estar lá” e o “estar aqui” que fala Geertz (2005).

No segundo capítulo será contextualizada a pesquisa, atentando para as transformações sócio-espaciais e culturais no centro histórico de João Pessoa como na cidade como toda ao longo do tempo. Isto a partir das ações do poder público e das formas de ocupação e usos dos espaços pelos sujeitos, através de suas práticas de lazer, e, de produção e consumo cultural. Será apresentado o antes e o depois da reforma na Praça Rio Branco, assim como as transformações em outros espaços a partir do momento em que tiveram início as políticas de preservação do patrimônio cultural no centro histórico local.

Mas já adiantando, o que se verificou foi que o centro histórico de João Pessoa está sempre se reconfigurando a partir das experiências dos sujeitos presentes naquele espaço. Nas suas vivências, os mesmos repensam o lugar e os transformam por conta própria, como também levam demandas para o poder público. Será apresentado, portanto, como se formaram as manchas de lazer do centro histórico pós “revitalização” e como elas se configuram hoje. As diferentes formas de usar e ocupar os espaços, as práticas musicais e as manifestações artísticas presentes, as políticas culturais, etc.

Já no terceiro e último capítulo será realizada uma etnografia das dinâmicas sociais e culturais durante os eventos realizados no centro histórico, como também, serão analisadas as diversas formas de ser jovem através da produção e consumo da música, e do lazer em geral. Portanto, serão apresentadas as diferenças existentes nas formas de apreciação musical e percepção das sonoridades; nas performances dos músicos; nas formas de uso e apropriação dos espaços; de comunicação; bem como as emoções, os sentimentos e a intersubjetividade que envolve todos estes elementos. Com isso pretende-se compreender as lógicas de disputa, de diferenciação e as formas de sociabilidade neste contexto.

CAPÍTULO 1. SER OU NÃO SER UM NATIVO? EIS A QUESTÃO.

Neste capítulo, tendo em vista as especificidades desta etnografia, apresento uma discussão metodológica e epistemológica. Uma dificuldade é que me propus a pesquisar sonoridades, campo ainda emergente nas ciências sociais e que em alguns momentos escapa do domínio do humano. Outra é que já fazia parte da realidade social pesquisada, sendo alguns dos pesquisados pessoas com quem já me relacionava de maneira próxima. Realidade esta que ao mesmo tempo dificultou no processo de estranhamento necessário para a produção de um conhecimento antropológico, mas, por sua vez, ajudou no acesso as informações necessárias para esta pesquisa.

O trabalho de campo⁶ foi realizado no período de setembro de 2011 a outubro de 2012 nos seguintes espaços e eventos culturais:

- **Praça Rio Branco:** local onde acontece o projeto “Sabadinho Bom”, evento promovido pela prefeitura de João Pessoa sempre aos sábados a partir do meio dia com apresentações de grupos de samba e choro locais e nacionais. Outros eventos neste espaço que observei foram: a festa de São João e a Festa das Neves (aniversário da cidade de João Pessoa);
- **Beco da Cachaçaria Philipéia:** localizado nas proximidades da Praça Rio Branco, é onde acontecem apresentações musicais mais espontâneas, sempre após o término das apresentações do projeto “Sabadinho Bom”. Outros eventos acontecidos neste espaço que observei foi o bloco de carnaval “Vai tomar no Centro” e outros blocos, e o projeto “Domingo é dia”;
- **Loja Música Urbana:** localizada no entorno da Praça Rio Branco e existente a mais de 20 anos, além de ser um espaço frequentado para se comprar CDs, vinis, camisas de banda, livros sobre música, etc., é um tradicional ponto de encontro dos “roqueiros” de João Pessoa. No pátio em frente a loja realizam-se esporadicamente apresentações de bandas de rock;

⁶ No trabalho de campo, além da observação participante foi realizado registro fotográfico, áudio-visual, e entrevistas semi-abertas. Outra metodologia utilizada foi a pesquisa na internet com observações nos *posts* e comentários da rede social *Facebook*, além de vídeos e documentários sobre a cena musical no centro histórico de João Pessoa disponíveis no site *YouTube*.

- **Praça Antenor Navarro e Largo de São Pedro:** primeiro espaço do Centro Histórico que foi revitalizado e tornado um lugar de consumo, lazer e turismo desde o ano de 1998.

O diálogo com os pesquisados em campo não teve muito problema pelo fato de assim como eles, ser jovem, morador de João Pessoa, músico e frequentador do centro histórico. Mas disso decorreu a dificuldade de, enquanto antropólogo, ter que “[...] permanentemente manter uma atitude de *estranhamento* diante do que se passa não só a sua volta como com ele mesmo” (VELHO, 1980, p. 18, grifo do autor). Atitude esta que de acordo com o modelo tradicional de pesquisa de campo, é imprescindível para que se possam levantar informações a serem utilizadas para quando da elaboração do texto etnográfico.

O fato de ter que estudar um cotidiano no qual também estava inserido foi algo que dificultou ter esta atitude, mas tiveram momentos em campo que a mantive. Isto foi possível por que, como salienta Velho (1980, p. 18), a “vida social e a cultura se dão em múltiplos planos, em várias realidades que estão referidas a níveis institucionais distintos”. E porque existe um multipertencimento na sociedade moderno-contemporânea (VELHO, 2003).

Na minha experiência este estranhamento existiu quando pesquisava os jovens “roqueiros”. Apesar de que quando era um pouco mais jovem me considerava um deles, usava camisas com slogans de bandas, calças rasgadas, tocava guitarra, frequentava festivais de rock, enfim, buscava ter atitude como um punk, hoje não sigo mais este estilo de vida. Por isso, quando frequentava alguns shows realizados em frente à Loja Música Urbana e na Praça Antenor Navarro não me sentia fazendo parte daquele grupo, daí o estranhamento acontecia de maneira espontânea.

Para quebrar o distanciamento e criar uma empatia com estes grupos, passei a frequentar os shows junto com um amigo que é mais ligado à cena do rock na cidade e que conhecia muitos dos frequentadores daqueles espaços. Esta estratégia me ajudou a quebrar um pouco a barreira existente entre eu e eles, mas não totalmente.

O mesmo não posso dizer do grupo dos “sambistas e/ou chorões” e dos outros grupos frequentadores da macha da *Praça Rio Branco*, do qual tenho uma identificação maior, a ponto de que minha interação com eles não se dava de forma analítica, buscava fazer das experiências deles a minha também. Quando frequentava os eventos culturais no centro histórico deixava me levar pela música de forma a compartilhar uma experiência com os sujeitos.

Este comportamento em campo foi importante no sentido de explorar a sensibilidade que a música propicia naquele contexto, possivelmente se fosse para lá como um pesquisador solitário em busca de captar os “imponderáveis da vida real”, como fez Malinowski (1978), ao invés de participar deles, não compartilharia desta sensibilidade, que, segundo Geertz (2005) é essencialmente uma formação coletiva, onde o antropólogo também precisa estar situado.

Compartilhando da ideia de Favret-Saada (2005), a proposta desta pesquisa foi deixar um pouco de lado os aspectos intelectuais das experiências humanas e reabilitar a velha “sensibilidade” na busca do conhecimento antropológico⁷. Por isso, deixei-me “ser afetado” pelo campo como uma forma de apreender as emoções, os sentimentos, e as intersubjetividades que envolvem o “ato da música” dos jovens no Centro Histórico de João Pessoa.

Segundo Geertz (2005), só deixando-se levar pelas imediatidades de quando se está em campo que se apreende o exótico.

Não se apreende o exótico recuando das imediatidades do contato para as simetrias do pensamento, como fez Lévi-Strauss, nem transformando-as em figuras de uma urna africana, como fez Evans-Pritchard. Ele é apreendido quando o sujeito se deixa perder, ou deixa talvez perder sua alma, nessas imediatidades. (GEERTZ, 2005, p. 103)

Surgiu então uma questão: em que momento se dá o conhecimento se não há a figura do pensador em campo? Esta foi uma questão que ouvi muito, mas não da forma como está escrita aqui, de meus colegas cientistas sociais que faziam parte do universo dos pesquisados. Perguntavam muito se eu já estava escrevendo a dissertação, porque sempre me viam nos eventos culturais no centro histórico e parecia para eles que estava ali apenas para me divertir, sem o compromisso com o conhecimento científico. Estes questionamentos se devem muito ao fato de que, para alguns, os estudos de lazer nas ciências sociais não são considerados de tanta validade como, por exemplo, outras temáticas que abordam questões relativas ao trabalho, sistemas políticos, ideologia, urbanidade, etc..

Diria que mesmo não estando preocupado a todo o momento a coletar informações quando estava no campo, o conhecimento estava acontecendo ali ao experienciar às músicas com os pesquisados. Se fosse para o campo com o claro objetivo de coletar dados, possivelmente não poderia sentir o momento de êxtase proporcionado ao público no momento

⁷ Acredito ser importante reabilitar esta sensibilidade para o processo de conhecimento antropológico no sentido de buscar descobrir “padrões inéditos de cultura humana”, como propõe Sahlins (1997)

da execução de músicas como “Brasileirinho”, “Vassourinha”, “É hoje o dia”, etc.. Nem sentir a emoção compartilhada quando o músico Armadinho tocou “Bolero de Ravel” na sua apresentação na Praça Rio Branco, música esta que tem um significado especial para os pessoenses, por ser tocada todo final de tarde quando o sol se põe na praia do Jacaré, um dos cartões postais da cidade.

Portanto, deixe-me afetar sem procurar a todo momento pesquisar, nem mesmo compreender e reter, assim como Favret-Saada (2005). Mas, mesmo sem esta preocupação nestes momentos, as experiências vividas no campo ficavam na minha memória e escrevia sobre elas num diário de campo assim que chegava em casa. Procurava descrever de forma detalhada tudo o que vivenciei lá, até mesmo o que não considerava importante para a pesquisa. Ao fazer isto, busquei conhecer o comportamento dos pesquisados e suas visões com relação a minha pessoa que a imediatidade das experiências não permitia, e ao mesmo tempo, queria deixar um material registrado para quando da elaboração posterior deste texto etnográfico pudesse ter um material para análise.

Esta escolha metodológica foi importante pelo fato de querer estudar as emoções, os sentimentos, as subjetividades que envolvem as sociabilidades e situações de conflitos proporcionadas através da música entre os jovens. Tentou-se, em parte, sair da *mise-en-scène* malinowskiana do trabalho de campo, buscando ao invés de um distanciamento uma cumplicidade maior entre observador e observado (MARCUS, 2004), apesar de que ainda esteve presente na pesquisa de campo a limitação espacial, como na tradição malinowskiana. Mas esta escolha não foi porque a pesquisa pretendeu conhecer a totalidade das culturas dos grupos pesquisados, e sim pelo interesse em conhecer como se dão as relações entre os grupos sociais e intra-grupos.

Como salienta Favret-Saada (2005), esta forma diferenciada de se comunicar com os nativos possibilita o acesso às informações sobre os aspectos não verbais e involuntários da experiência humana, que é um dos interesses desta etnografia, diferente da “comunicação etnográfica ordinária”, preocupada mais em apreender os sistemas de representações nativas. Estas representações também estão presentes aqui, afinal existem categorias construídas anteriormente que levam os sujeitos a pensarem e agirem de determinada maneira nas interações sociais no centro histórico, e que são transformadas a todo o momento nas experiências.

Mas como já foi dito, no momento do trabalho de campo buscou-se experienciar os eventos culturais junto com os nativos, sem se preocupar unicamente em apreender suas categorias, elas foram incorporadas no momento da escrita do diário de campo e quando

foram realizadas as entrevistas individuais. Além do mais muitas destas categorias eram conhecidas anteriormente à pesquisa, já que antes de me interessar em realizá-la, já fazia parte do contexto pesquisado, mas não na condição de antropólogo.

A escolha do título deste capítulo não foi por acaso, a questão colocada de “ser ou não ser um nativo?” esteve presente durante todo o tempo de realização da pesquisa. Desde que decidi que pesquisaria as práticas culturais dos jovens no centro histórico de João Pessoa, passei a viver um verdadeiro dilema antropológico. Poderia eu, sendo um desses jovens, desenvolver uma pesquisa de cunho científico? Como agiria em campo? Distanciaria, ou buscaria manter a proximidade que já tinha com os pesquisados? E como seria elaborado o texto etnográfico, me colocaria como um nativo ou não?

A minha escolha foi por manter um comportamento diferente de um etnógrafo que tem a preocupação em manter uma objetividade calculista. Procurei ao máximo participar de maneira despreocupada dos eventos culturais no centro histórico, apesar de que com minha formação teórica nas ciências sociais não tinha como de vez em quando fazer algumas análises, de maneira até mesmo involuntária.

Portanto, estava ali ao mesmo tempo na condição de nativo e de antropólogo e dependendo do que via e vivia, vinha na minha mente alguns conceitos antropológicos ou memórias das minhas vivências naquele lugar. As memórias das experiências que vivenciei no passado serviram como uma importante ferramenta no momento da produção do texto etnográfico. Mas, vale salientar que, mesmo a memória estando inserida no campo da subjetividade do pesquisador, ela diz respeito a acontecimentos vividos com o outro, ou seja, é “[...] um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. (POLLAK, 1992: 2)⁸

Esta escolha metodológica é também uma tentativa de fugir um pouco do enfático e vigoroso “estar lá” (GERTZ, 2005) do imaginário malinowskiano da pesquisa de campo. Mesmo quando “estava lá”, assim como Favret-Saada (2005), procurei fazer da minha “participação” um instrumento de conhecimento, ou seja, a proposta foi de “incorporar as condições de produção de pesquisa como parte do processo de construção de conhecimento” (VELHO, 2003, pg. 9).

⁸ As memórias dos acontecimentos vividos por mim a partir da música no centro histórico é vista aqui como parte do processo de conhecimento etnográfico, o uso delas é uma tentativa de experimentação na pedagogia e nas práticas antropológicas, como propõe Marcus (2004), e de adaptar o modelo tradicional de pesquisa de campo de cunho extremamente documental para minha realidade de pesquisa que envolve emoções, sentimentos, subjetividades, elementos que não são manuseáveis.

Segundo Cardoso de Oliveira (2000), existem três etapas por onde o pesquisador apreende os fenômenos sociais e culturais nas ciências sociais, e mais especificamente na antropologia, que são nos atos cognitivos do olhar, ouvir e escrever/pensar, estando todos eles inseridos no processo de conhecimento. Os dois primeiros, o olhar e o ouvir, são complementares e são exercidos no momento da pesquisa de campo, dizem respeito à percepção do pesquisador, mas que segundo ele, é realizada a partir de um esquema conceitual anteriormente aprendido na disciplina. Este esquema, para ele, “funciona como uma espécie de prisma por meio do qual a realidade observada sofre um processo de refração” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 19).

Peirano (1991) tem um pensamento parecido. Segundo ela, na pesquisa de campo o antropólogo, com sua carga teórica relativa a uma “tradição teórico-etnográfica acumulada” da disciplina, busca um diálogo com o “outro”, o nativo, que tem suas teorias diferenciadas. Pesquisa e teoria estão interligadas no trabalho científico do antropólogo, sem privilegiar nem uma nem outra. É no campo, no encontro com o “outro”, que ele vai desenvolver seu conhecimento etnográfico e é a partir dele que se desenvolve a teoria antropológica.

Ao submeter conceitos preestabelecidos à experiência de contextos diferentes e particulares, ela procura dissecar e examinar, para então analisar, a adequação de tais conceitos. (PEIRANO, 1991, p. 44)

Portanto, para estes autores, o “ouvir” e o “olhar” em campo pelo antropólogo estaria condicionados pela disciplina e seu paradigmas. Entretanto, esquecem eles que não nascemos cientistas sociais e que vivemos outras realidades além do mundo acadêmico, por isso, quando estamos em campo além dos conceitos antropológicos, outras categorias também condicionam nosso olhar e nosso ouvir, principalmente quando se estuda a própria realidade, que foi meu caso.

Desta forma, consideram-se aqui as categorias não-científicas importantes no conhecimento realizado em campo. Elas são importantes na busca da relação mais dialógica com os pesquisados, como o próprio Cardoso de Oliveira (2000) propõe. Segundo ele, para que haja esta relação é preciso “reconhecerno-nos” quando formos pesquisar o outro, ou seja, saber que somos formados de noções previamente adquiridas e reconhecer que o pesquisador, como qualquer ser social, está sujeito a “determinações de norma compartilhadas” quando se está em comunicação com o outro, ou seja, existe uma “intersubjetividade”.

Trata-se, segundo ele, de fazer uma antropologia que deixe de opor sistematicamente o conhecimento compreensivo, atribuído à hermenêutica, e o conhecimento explicativo,

atribuído às ciências empíricas-analíticas. Que sejam compatíveis, mas deixando cada uma nas suas instâncias: uma não-metódica e outra metódica.

Portanto, ao não me preocupar, durante a pesquisa de campo, em manter uma postura analítica o tempo todo, isto não quer dizer que não estivesse em busca de promover um conhecimento científico, o objetivo era quebrar a barreira dos “horizontes semânticos” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000) existentes entre eu e os nativos, mesmo eu sendo um deles também. Desta forma, quando estava em campo, ao ouvir as falas dos pesquisados sem a preocupação de analisá-las, e sem querer direcioná-las para o tema desta pesquisa, buscava promover um diálogo em que não sobressaísse o ponto de vista do pesquisador.

Existe um outro lado do ato de ouvir do pesquisador que diz respeito não só ao aspecto semântico das palavras enunciadas pelos nativos, mas também das sonoridades presentes no campo, que possibilita a construção de intersubjetividades e que às vezes escapa do domínio do humano.

Nas práticas musicais urbanas, os sons emitidos pelas vozes dos cantores e pelos instrumentos musicais tocados se misturam ao som das falas dos espectadores, suas palmas e outros acompanhamentos rítmicos, ao som dos carros passando, ao som das folhas das árvores quando recebem vento, e vários outros sons formando um só universo musical. Portanto, a música feita no espaço público urbano não é fruto exclusivamente de uma prática humana, como também, segundo Simmel (1981, apud FORTUNA, 1998), a sua percepção é momentânea, revela parcialmente a cultura humana.

Simmel admite que o nosso sentido da audição não pode senão oferecer uma revelação parcial dos seres humanos e, assim, da sociedade, pois que autoriza apenas uma interpretação momentânea daqueles, delimitada pelo tempo em que se manifestem e façam reconhecer, sonoramente, a sua presença (SIMMEL, 1981, p. 229 apud FORTUNA, 1998)

Ao incorporar as sonoridades nesta etnografia, o objetivo é fazer uma antropologia de caráter mais simétrica, em que a voz, ou melhor dizendo, a escrita do pesquisador não seja privilegiada na produção do conhecimento etnográfico. Para Latour (2008), a dificuldade encontrada para a quebra da assimetria no conhecimento antropológico clássico, se deve pelo fato de continuarmos modernos, que por si só é um conceito assimétrico, pois ao mesmo tempo dá a ideia de que o tempo andou e tudo já não é como antes, como também, a ideia de que há uma disputa onde existem perdedores e ganhadores, os Antigos e os Modernos.

“Moderno”, portanto, é duas vezes assimétrico: assinala uma ruptura na passagem regular do tempo; assinala um combate no qual há vencedores e vencidos. Se hoje há tantos contemporâneos que hesitam em empregar este adjetivo, se o qualificamos através de preposições, é por que nos sentimos menos seguros ao manter esta dupla assimetria: não podemos mais assinalar a flecha irreversível do tempo nem atribuir um prêmio aos vencedores. (LATOUR, 2008, p. 15)

Em vista desta insegurança, como deixamos então de ser modernos? Para então transformar a antropologia comparada, tornando-a mais simétrica? Para que isto aconteça Latour (2008) propõe que deixemos de considerar separados dois conjuntos de práticas que fazem parte do que chamamos de “moderno”,

O primeiro conjunto de práticas cria, por ‘tradução’, misturas entre gêneros de seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura. O segundo cria, por “purificação”, duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e a dos não-humanos do outro. (LATOUR, 2008, p. 16)

Portanto, para Latour (2008), o que nos mantém modernos é a adesão a um projeto de purificação crítica que tenta separar natureza e cultura, e que se dá através de três repertórios distintos: um que trata os fatos como naturalizados, onde não existe sociedade, nem sujeito, nem forma do discurso; outro que fala de poder sociologizado, negando-se a ciência, a técnica, o texto, o conteúdo; e por último, um que fala de efeitos de verdade, negando-se a possibilidade de ciência e jogos de poder. Segundo ele, este projeto mesmo tentando acabar com os híbridos, ironicamente, se manteve através da proliferação destes.

Desta forma, para o autor só conseguiremos mudar nosso futuro, e ao mesmo tempo nosso passado enquanto “modernos”, a partir do momento que nos sujeitarmos a nos pensar como híbridos, mistos de natureza e cultura, pois quando não nos permitimos a isto, realizando o trabalho de purificação, os híbridos se proliferaram, como já foi colocado. Isto diferente dos pré-modernos, que, segundo Castro (1996), sempre pensaram natureza e cultura fazendo parte de mesmo “campo sociocósmico”.

Mas se a partir do momento que começarmos a pensar os híbridos, conseqüentemente freando o seu desenvolvimento e deixando assim de sermos “modernos”, como propõe Latour (2008), qual e como será nossa nova proposta de ciência? Como poderemos manter o objetivo do esclarecimento negando a modernidade atual? A hipótese “é de que será preciso *reduzir a marcha*⁹, curvar e regular a proliferação dos monstros através da representação oficial de sua

⁹ Grifo meu.

existência” (LATOURE, 2008, p. 17). Mas, a amplitude desta hipótese levantada mostra o quanto ainda é uma incógnita o futuro desta nova forma do fazer científico. De toda forma é uma tentativa de mudança no olhar para o mundo através da ciência, levando-o a rumos diferentes.

O primeiro passo a ser dado nesta nova forma do fazer científico, especificamente na antropologia, é a incorporação do não-humano na produção científica, mas sem esquecer a cultura (política). Esta seria uma “nova forma que se conecta ao mesmo tempo à natureza das coisas e ao contexto social, sem contudo reduzir-se nem a uma coisa nem a outra” (LATOURE, 2008, p. 11). Os não-humanos apareceriam como novos instrumentos capazes de criar novas inscrições no conhecimento.

Corpos inertes, incapazes de vontade e de preconceito, mais capazes de mostrar, de assinar, de escrever e de rabiscar sobre os instrumentos de laboratório testemunhos dignos de fé. Estes não-humanos, privados de alma, mas aos quais é atribuído um sentido, chegam a ser mais confiáveis que o comum dos mortais, aos quais é atribuída uma vontade, mas que não possuem a capacidade de indicar, de forma confiável, os fenômenos. De acordo com a constituição, em caso de dúvida. Mais vale apelar aos não-humanos para refutar os humanos. (LATOURE, 2008, p. 29)

Não se trata de negação do humano e da humanidade, em favor dos não-humanos, e sim de transformar a relação com estes. Desta forma, esta dissertação procura construir um conhecimento a partir da produção deste texto, e ao mesmo tempo do registro dos sons emitidos pelos instrumentos musicais, pelas caixas de som, pelos automóveis e pela natureza em geral, na tentativa de incorporar este não-humano, de que fala Latour (2008), e que a forma escrita dificulta.

A etnografia escrita dificulta a busca por uma simetria entre o mundo do pesquisado e o do pesquisador, mas isso não quer dizer que é impossível. Para Cardoso de Oliveira (2000), o problema da escrita se dá pelo fato dela ser uma atividade solitária do antropólogo e que encerra o processo de comunicação proposto com os nativos e do conhecimento propriamente dito. É neste momento que a cultura nativa é interpretada pensando-a através das categorias ou dos conceitos básicos da tradição antropológica, onde o autor/pesquisador foi formado.

Portanto, para que se escreva um texto etnográfico mais dialógico, ainda segundo Cardoso de Oliveira (2000), é preciso explicitar no texto as condições em que se deu o trabalho de campo, de forma que estejam articulados o “olhar, o ouvir e o escrever”, daí a proposta deste capítulo. Mas vale salientar que, como afirma Geertz (2005), a articulação entre a forma como se deu o trabalho de campo com a escrita etnográfica, a negociação da

transição do que se passou “estando lá” para o que se diz “estando cá”, não é de caráter subjetivo do autor/pesquisador, e sim literário.

Etnógrafos precisam convencer-nos não apenas que eles mesmos realmente ‘estiveram lá’, mas ainda de que, se houvéssimos ‘estado lá’, teríamos visto o que viram, sentido o que sentiram, e concluíram o que concluíram. (GEERTZ, 2005, p. 29)

E ainda, segundo Geertz (2005, p. 112), para que isso aconteça o autor precisa ter cuidado para não cair no seu mundo particular, ou seja, construir um texto partindo de “uma concepção essencialmente biográfica do estar lá, em vez de uma concepção reflexiva, aventureira ou observacional”. Esta foi uma grande dificuldade encontrada na elaboração deste texto etnográfico, principalmente por que estava inserido no contexto em que se deu a pesquisa, mas acredito que o objetivo de construir um conhecimento mais dialógico foi alcançado.

Além do texto, outra forma de pensar a cultura nativa se deu através do registro das suas sonoridades, como já foi dito, mas com alguns procedimentos metodológicos para não apenas construir uma coleção de sons sem uma análise. A ideia aqui não é simplesmente “escutar sons”, e sim elaborar uma escuta que também seja provocada, sensibilizada, *construída*. (BARROSO; BEXIGA; CARVALHO, 2010)

Foi elaborado então um roteiro de gravação a partir de algumas escutas prévias e definido a forma como sons seriam captados em campo. Em seguida, partiu-se para o campo e foi feita a captação dos sons. Foram escolhidos “pontos de escuta”¹⁰ para a captação, lugares estratégicos para entender as “imagens mentais” provocadas pelas sonoridades, pensando o som como “[...] capaz de revelar as associações, a constante troca do sujeito com seu mundo cósmico e social” (BARROSO, BEXIGA E CARVALHO, 2010, p. 3).

¹⁰ “São prováveis pontos – lugares – em que o pesquisador escolhe para se posicionar ao captar as sonoridades relevantes para o campo estudado. Esse é um importante recurso metodológico, uma vez que antes de ir a campo se pensa em “mapear” onde estão as sonoridades que serão gravadas em campo, e assim, o pesquisador consegue ser mais preciso em seu trabalho.” (BARROSO, BEXIGA E CARVALHO, 2010, p. 4)



Imagem 01: Pontos de escuta dentro da mancha de lazer da *Praça Rio Branco*. Dentro do ponto de escuta da Praça Rio Branco existem três pontos de escuta menores: ao lado do palco (audio_05), em frente ao palco (audio_06) e afastado do palco (audio_07). Foto: Google Maps

O trabalho se deu, então, através das seguintes etapas:

1ª etapa - Primeiramente foram feitas gravações durante os eventos culturais em vários espaços da Praça Rio Branco e próximos a ela, de maneira aleatória sem se preocupar em fazer uma análise.

2ª etapa – Escuta em casa e anotações em um diário de campo sobre as diferentes sonoridades captadas.

3ª etapa – Verificação dos “pontos de escuta” e ida a campo para a gravação direcionada a eles.

4ª etapa – Construção da etnografia sonora através da separação e organização dos sons captados.

Foi utilizado para a captação dos sons um gravador digital *Sony ICD-PX312* segurado na mão, procurando não direcionar para algum som específico, com o áudio sendo gravado em arquivo de MP3, taxa de bits 192 kbps. Já as escutas dos sons gravados se deu através de um fone *AKG-k240 studio*. Foi realizada uma edição do som através da inserção de um equalizador digital no mesmo, procurou-se retirar o excesso de frequências graves que distorcem o som, e com isso pretendeu-se deixar o som mais próximo do natural.

Algumas questões guiaram a construção desta etnografia sonora, como: qual a diferença na percepção dos sons pelos sujeitos em ambientes urbanos em que a música está presente de maneira predominante e clara, e quando não está? Quais as sensações, sentimentos, emoções e associações geradas nessas duas realidades? E quando a música

predomina, qual a sua interferência na comunicação entre os sujeitos, e nas posturas corporais dos mesmos? Como o tipo (gênero e estilo) da música interfere na formação e reconfigurações dos lugares? Questões estas que são colocadas e respondidas no terceiro capítulo, mas antes vamos ao segundo.

CAPÍTULO 2. O CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA: UM LUGAR EM INVENÇÃO

A cidade de João Pessoa é uma das mais antigas do Brasil, sua fundação se deu em 15 de agosto de 1585, fato que faz dela a terceira cidade mais antiga do país. Isto que para muitos pessoenses é motivo de orgulho, também é um elemento importante para entender as dinâmicas urbanas atuais na sua região central antiga, onde espaços são requalificados no sentido de valorizar os bens patrimoniais presentes, que remontam aos tempos de origem da cidade. O objetivo destas ações é também de promover uma “revitalização”, ou seja, uma tentativa de retomada de uma dinâmica sociocultural vivida no passado naquele lugar, quando era a região mais habitada da cidade e onde se concentravam maior parte das atividades econômicas, culturais e administrativas do Estado.

2.1. O centro histórico na história de João Pessoa

Foi nesta região que a cidade surgiu, às margens do Rio Sanhauá, e até a década de 1970 era a mais valorizada da cidade, formada hoje pelos bairros do Centro, do Varadouro, do Tambiá e proximidades. No Tambiá e no Centro, ambos fazendo parte da antiga “cidade alta”, habitavam principalmente as elites da cidade e era lá onde funcionavam os principais órgãos do Estado e atividades religiosas da Igreja Católica. Morar lá significava ter prestígio social¹¹. No Varadouro, antiga “cidade baixa”, era onde se encontrava a maioria dos estabelecimentos comerciais e de serviços, apesar de ser também um lugar de moradia e ter algumas Igrejas.

Já as classes populares moravam nas periferias desta região, como, por exemplo, em bairros como Cordão Encarnado, Roger, Torrelândia, Ilha do Bispo, Jaguaribe, etc., bairros estes que não dispunha de infraestrutura de qualidade, mantendo um aspecto de sítio das suas origens. Este modelo de ocupação urbana (ver anexo 03) era por onde se processava o planejamento urbanístico até então, que buscava uma segregação sócio-espacial entre centro, lugar dos ricos e periferia, lugar dos pobres (FARIAS, 1997). As ações do poder público eram no sentido de valorizar cada vez mais o centro, em oposição as periferias onde estavam

¹¹ “Morar em Tambiá, ou seja, no centro da capital, além de proporcionar comodidade, até os anos de 1970 também era sinônimo de prestígio social, já que quem residia nesse perímetro era considerado de boas posses econômicas.” (SILVA, 2006, p. 53).

localizadas as classes populares, tidas como condutoras de doenças (AGUIAR, 1992). Buscava-se, desta forma, promover uma higienização social¹².

Além do aspecto sanitário destas intervenções, que tinha o claro objetivo de disciplinar e segregar os pobres, outra preocupação urbanística da época era a da melhoria estética e social do centro. Para isso, a partir de 1930, foram construídos prédios modernos, praças e jardins públicos. Já outra medida tomada para o ordenamento do espaço urbano foi à abertura de ruas e avenidas, ampliando a sua área ocupada.

Esse modelo de segregação sócio-espacial formado foi sofrendo mudanças a partir do momento que as áreas habitadas se distanciaram cada vez mais do centro da cidade. O aumento populacional de João Pessoa fez com que surgissem bairros cada vez mais distantes, entre 1940 e 1945, teve início a ocupação de bairros que ficavam em áreas rurais como Oitizeiro, Cruz das Armas, Rangel, Mandacaru, etc., enquanto outra parte da população, a partir de 1970, se dirigiu ao Sul e Sudoeste da cidade onde foram construídos pelo Governo Militar os conjuntos habitacionais e para as várias favelas surgidas a partir daquela época.

As elites, que antes se concentravam nos bairro de Tambiá e do Centro, passaram a ocupar a região próxima à orla marítima. Isto começou a partir de quando foi calçada a Avenida Epitácio Pessoa em 1954, tornando o acesso à praia mais confortável. As praias, que até então, eram apenas locais de veraneio, passaram a ser lugar de moradia das elites mais ainda a partir da década de 1980, quando foi promovida melhorias de infraestrutura na região e começou o processo de verticalização com a construção de vários prédios. (HONORATO, 1999)

O crescimento de João Pessoa, tanto no seu aspecto geográfico como demográfico¹³, ao mesmo tempo em que reconfigurou a divisão sócio-espacial da cidade (ver anexo 04), proporcionou um novo modelo de segregação sócio-espacial, semelhante ao que vem ocorrendo em outras cidades do Brasil e até mesmo do mundo. Segundo Caldeira (2000, p. 12), este fenômeno caracteriza-se, principalmente, pela construção de “enclaves fortificados”, que são “espaços da classe média privatizados, fechados e monitorados, destinados a residência, lazer, trabalho e consumo”, como por exemplo, condomínios fechados,

¹² Este pensamento higienista parece estar presente também nas políticas patrimoniais atuais que buscam um enobrecimento do lugar.

¹³ Segundo Honorato (1999), entre 1970 e 1980 a população de João Pessoa cresceu 62 % e a área urbana 170 %. E a partir desta época a cidade não parou de crescer. O Censo de 1991 mostrou que a cidade era formada por 479.214 habitantes, em 2000 saltou para 549.363, em 2010 para 723.515, em 2011 para 733.154, e atualmente, em 2012, conta com 742.478. O que faz dela uma cidade de médio porte do Nordeste comparando com grandes metrópoles como Recife, que conta atualmente com 1.546.516 de habitantes; Salvador, com 2 710 968 habitantes; e Fortaleza, com 2 447 409 habitantes. E no outro extremo comparando com cidades do interior, muitas não ultrapassando os 100.000 habitantes.

estabelecimentos comerciais, *shoppings*, etc.

Segundo a autora, sob o discurso do medo, que engloba não só a preocupação com o crime violento, mas também elementos raciais, de classe e de referências negativas ao pobre e marginalizado, a classe média cria uma maneira de se separar dos considerados “perigosos” da cidade através da construção de muros, restringindo seus espaços às pessoas que são do seu mesmo grupo social. Esta atitude vai de contra aquilo que é característico aos espaços públicos da cidade moderna, que é uma igualdade de acesso aos espaços e uma livre circulação das pessoas.

Este tipo de segregação sócio-espacial está presente em João Pessoa principalmente na região da praia, formada por bairros nobres como Manaíra, Bessa, Tambaú, Cabo Branco, entre outros, compartilhando o espaço da região com favelas como o Renascer, o bairro São José¹⁴ e outras. Esta região hoje é a mais valorizada da cidade, onde se encontram os imóveis mais caros, muitos construídos em condomínios fechados, e onde se concentra maior parte das atividades comerciais e de lazer destinadas aos grupos de mais posse financeira¹⁵, como o *Shopping Manaíra* e *Mag Shopping*, lanchonetes *MacDonalds* e casas de show como o *Forrock*, etc.

Esta realidade faz deste lugar um dos principais pontos de consumo cultural e lazer da cidade, onde se faz presente uma diversidade de grupos, pertencentes tanto às classes populares e como às classes mais abastadas. Isto possibilita o surgimento de situações de conflitos entre os grupos, como foi verificado entre os moradores do bairro de Manaíra e do bairro de São José¹⁶. Estes conflitos se devem pelo fato das elites não se permitirem conviver com a população pobre, tudo isso embasado no discurso do medo, como bem salientou Caldeira (2000).

Desta forma, as atividades comerciais e de lazer para a população pobre de João Pessoa acontecem com mais frequência em outras regiões da cidade, principalmente na zona

¹⁴ Mesmo sendo considerado pelo poder público um bairro de João Pessoa, ele ainda mantém uma infraestrutura precária como de uma favela, como também é um lugar marginalizado de João Pessoa.

¹⁵ Entretanto, vale salientar que grupos populares também utilizam estes equipamentos de lazer, já que esta região é ocupada também por esta população, como também, vêm pessoas de outras regiões da cidade.

¹⁶ Numa pesquisa realizada na Praça Alcides Carneiro, no Bairro de Manaíra, pelos pesquisadores Artur Guimarães e Clareanna Santana (2010), verificou-se um discurso da exclusão e da intolerância dos moradores deste bairro com os moradores do bairro São José, que em virtude do preconceito que sofrem também evitam o contato com eles: “A segregação existente na praça é percebida no cotidiano pela criação de zonas de exclusão, fronteiras simbólicas que se estabelecem entre os dois grupos, de forma que, quando os usuários do bairro de São José ocupam uma determinada área, ela é evitada pelos moradores de Manaíra e vice-versa.” (FRANCH; QUEIROZ, 2010, pg. 87)

sul, nos bairros dos Bancários, Mangabeira¹⁷, Seixas, Valentina e Geisel, como também na região do centro histórico.

O centro histórico, que no passado era o lugar mais valorizado da cidade e onde se concentrava o lazer e o divertimento noturno de João Pessoa¹⁸, perdeu este *status* a partir de quando as elites começaram a ocupar a região da praia e se transformou numa área essencialmente de comércio e de serviços para grupos das classes populares (LAVIEIRI; LAVIERI, 1999).

E a partir daí, esta região passou a entrar num processo de decadência em termo de infraestrutura urbanística e social. Grande parte das casas e prédios históricos foram abandonados e com isso se degradando ao logo do tempo. Hoje, muitos deles se encontram em estado de total deterioração e má conservação. Apesar disso, alguns desses prédios se tornaram moradias para pessoas que até os dias de hoje vivem nestes locais numa situação precária. Além da utilização das casas e prédios históricos, foi ocupada uma área próxima ao Rio Sanhauá, formando hoje a favela Porto do Capim.

Entretanto, esta realidade começou a mudar quando foi lançado o Projeto de Revitalização Integral do Centro Histórico de João Pessoa (PRCH-JP) em 1987, inicialmente financiado pelo governo espanhol através do Programa de Preservação do Patrimônio Cultural Ibero-América. Neste projeto, foi firmado um convênio entre o governo brasileiro, através do MIC e IPHAN, e o governo espanhol, através da Agencia Española de *Cooperación Internacional*.

A partir daí o centro antigo voltou a ser objeto de interesse pelo Estado e por setores da iniciativa privada devido seu valor histórico e artístico¹⁹. Monumentos históricos passaram então a ser restaurados²⁰, como também, alguns trechos urbanos foram requalificados e transformados em espaço de consumo, lazer e cultura, “[...] na tentativa de viabilizar o sistema econômico utilizando como recurso o dinamismo cultural e turístico, bem como o potencial arquitetônico e urbanístico” (SCOCUGLIA, 2009, p. 01). Começa a partir daí uma

¹⁷ Neste bairro está sendo construído um dos maiores *Shopping* da cidade com o objetivo de atender a população da zona sul, esta ação parece sinalizar uma segregação dos moradores desta região com relação à região da praia, tentando diminuir sua frequência no *Manáira Shopping*, localizado no bairro nobre de Manáira, e que é hoje o maior e mais frequentado *shopping* de João Pessoa.

¹⁸ Segundo Souza (2005, apud D’ALLEVEDO, 2011), esta realidade se deu até o final dos anos 1960. “As pessoas iam dançar, enfim, se divertir e se socializar, sobretudo em associações recreativas e poliesportivas como o Clube Ástrea, o Clube Cabo Branco e o Clube AABB, que faziam bailes para a classe média e alta da sociedade, enquanto os jovens de um modo geral, os estudantes, parte da intelectualidade local, como também os mais pobres, se reuniam em determinados bares da região.” (D’ALLEVEDO, 2011, p. 55)

¹⁹ O Centro Histórico apresenta uma arquitetura de diferentes estilos e épocas remanescente dos mais de quatro séculos de existência da cidade. Vão desde a arquitetura colonial e eclética das Igrejas e casario civil a art-nouveau e art-déco dos prédios das décadas de 1920 e 1930, quando foi iniciada a modernização da cidade.

²⁰ Segundo (SCOCUGLIA, 2009), entre os anos de 1989 e 2002 foram realizadas 17 restaurações.

tentativa de transformação socioeconômica do centro histórico, através de ações que buscam atrair grupos mais elitizados, e ao mesmo tempo retiram grupos das classes populares deste lugar, na intenção de torná-lo nobre novamente.

É o que se pretende fazer com a Favela Porto do Capim, que aparece como espaço estratégico dentro da política de “revitalização” do centro antigo, devido sua importância para a história oficial de ser o local específico onde aportaram os colonizadores portugueses em 1585, como também por possuir uma área de manguezal protegido por lei federal. Entretanto, com a intervenção pública ao todo 336 famílias²¹ que vivem ali serão retiradas do local para transformá-lo em espaço de cultura, turismo e lazer.

Antes mesmo desta ação prevista, o centro antigo de João Pessoa já era ocupado pelos grupos de classe média e média alta da cidade, e pelos turistas, o que o tornou um lugar valorizado de João Pessoa novamente, tanto no que diz respeito ao mercado imobiliário, como no sentimento de apego ao lugar²². Esta realidade fez diminuir a migração dos atuais moradores para outros bairros da cidade²³.

Portanto, até o momento, a retomada do centro histórico pelos grupos de classe média não permitiu que houvesse uma mudança do perfil socioeconômico dos moradores e frequentadores de lá²⁴, a presença dos grupos ocorre apenas, em parte, nos espaços onde

²¹ Além das famílias da favela Porto do Capim, famílias de outras favelas as margens do Rio Sanhauá também serão transferidas para outras áreas, ao todo serão 1.277 famílias.

²² Segundo mostra a pesquisa do Centro de Estudos de Conservação Integrada (CECI, 2004 apud CASTRO E RIBEIRO, 2007) a área central e histórica de João Pessoa aparece com o maior nível de aceitação da residência por parte da população local entre todos os bairros de João Pessoa. O Centro aparece como o bairro mais desejável, com uma aceitação de 10,5 %, bairros pericentrais também são bem aceitos como o bairro de Jaguaribe com 8,4 %, da Torre com 8,1%, e do Tambiá com 3,6 %. (Ver tabela em anexo 08)

E, durante pesquisa etnográfica realizada no bairro do Cordão Encarnado, pude verificar que mesmo ele estando inserido numa área comercial e de serviços do centro antigo de João Pessoa, caminhando para deixar de ser um bairro majoritariamente residencial, muitos moradores fazem questão de continuar morando ali por ter uma história de vida naquele lugar, e principalmente por ser uma região que está se valorizando cada vez mais. Por isso, muitos preferem não usar o antigo nome do bairro, Cordão Encarnado, por lembrar o passado pobre do bairro e gerar a imagem entre a população de João Pessoa de ser um lugar violento. Assim muitos preferem dizer que moram no “Centro”. (PONTUAL, 2008)

²³ “No caso da área específica do centro histórico de João Pessoa, os dados conhecidos sobre a população residente são referentes à área inventariada para o Projeto de Revitalização promovido pelo convênio Brasil/Espanha (2000), que corresponde à atual área delimitada pelo poligonal de entorno do IPHAN. Segundo o referido levantamento (do ano 2000), a população residente na área em questão era de cerca de 3.366 habitantes, com uma densidade líquida média de 52,5 hab/ha, estando excluída desse dado a população favelada. Segundo o relatório, já na década de 1980, o centro histórico apresentava taxa negativa de crescimento (-7,8%) motivada pela migração, devido à expansão dos setores de comércio e de serviços na área.” (CLEMENTE, 2012, p. 49)

²⁴ Existe um projeto de “revitalização” do centro histórico que parecer sinalizar para a substituição dos atuais moradores pertencentes as classes populares, por pessoas de classe média, assim como aconteceu no Pelourinho em Salvador, e no bairro do Recife Antigo, em Recife. De acordo com este projeto, chamado Moradouro e realizado em parceria pela Prefeitura Municipal de João Pessoa e Caixa Econômica Federal através do Programa do Arrendamento Residencial (PAR), serão restaurados sete casarões localizados próximos a Praça Antenor Navarro, na Rua João Suassuna, e cada um será transformado em cinco apartamentos, que custarão aproximadamente 35 mil reais cada, e só poderão adquiri-los preferencialmente artistas e pessoas que trabalham

acontecem atividades culturais e de lazer, mas esta presença é temporária, ocorre com mais frequência quando acontecem os eventos culturais.

2.2. A mancha de lazer do *Centro Histórico*

As primeiras ações no sentido de “revitalizar” o centro histórico foram de restaurar os monumentos em risco de destruição, além da criação de normas que restringem os usos e suas descaracterizações, seguindo o modelo de órgãos nacionais e internacionais de preservação do patrimônio (Scocuglia, 2004). Foi só no ano 1998 que começaram as ações no sentido de transformar determinados espaços públicos que se encontravam degradados, em espaços de cultura, consumo e lazer.

2.2.1. A Praça Antenor Navarro e o Largo São Frei Pedro Gonçalves

Os primeiros dois espaços “revitalizados” foram onde fica localizada a Praça Antenor Navarro e o Largo São Frei Pedro Gonçalves, um interligado ao outro. A “revitalização” desses dois trechos seguiu o modelo aplicado no bairro do Recife Antigo, na cidade de Recife, onde as ações em parcerias público-privadas foram voltadas para a construção de cenários urbanos para o consumo turístico e dinamização cultural (LEITE, 2002).

Entretanto, apesar desta intervenção ter sido realizada pelo poder público, através do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR/PB), em parceria com o setor privado, através do projeto “Cores da Cidade” da fundação Roberto Marinho, ela surgiu de uma demanda de setores da sociedade civil organizada, preocupados em fortalecer a identidade dos moradores de João Pessoa com sua cidade, através do patrimônio histórico cultural.

Segundo Scocuglia (2009), a partir da década de 1990 começaram a surgir associações e instituições ligadas à política cultural em João Pessoa, como a “Associação Oficina-Escola de Revitalização do Patrimônio Cultural de João Pessoa”, a “Associação Centro Histórico Vivo”, e o “projeto Folia Cidadã”, que tinham como diretrizes em comum a busca da preservação da memória e do patrimônio cultural da cidade de João Pessoa.

Estas associações e instituições passaram a reivindicar, além da restauração dos monumentos históricos, que o centro histórico de João Pessoa passasse a ser ocupado no

no Centro da cidade com renda mensal entre R\$ 900,00 e R\$ 2.110,00. Entretanto, até o momento o projeto não foi colocado em prática.

sentido não só comercial e de prestação de serviços que se tornou, mas também com atividades de lazer, de consumo cultural, de turismo e de incentivo à moradia de grupos estrangeiros, modificando assim as políticas patrimoniais até então em andamento, que tendiam para uma monumentalização e museificação²⁵ do patrimônio histórico, e não buscava uma incorporação do mesmo no cotidiano da cidade.

Em vista destas demandas foram requalificados a Praça Antenor Navarro e o Largo São Frei Pedro Gonçalves. Antes disso, estes espaços eram destinados para outros usos, a Praça Antenor Navarro que apesar de ser chamada de praça, não tinha este aspecto, como no passado. No seu centro ficava um posto de gasolina e no seu entorno sobrados que se encontravam em estado crítico de conservação que se transformaram em moradias para famílias de baixa renda. Alguns eram utilizados por estabelecimentos de comércio, de prestação de serviços e como prostíbulos.

Na reforma foi realizada na Praça Antenor Navarro uma modernização das instalações elétricas e telefônicas, com rede subterrânea. Reurbanização, mobiliário urbano, recuperação das fachadas do casario de entorno e atribuição imediata de novos usos. Tudo isto com recursos da Prefeitura Municipal de João Pessoa, do Governo do Estado (SAELPA e TELPA) e da iniciativa privada (Grupo Brennand/CIMEPAR e Tintas Coral). A conclusão da obra se deu no ano de 1998, e a praça foi transformada num pólo de lazer, cultura e diversão noturna com bares, casa de shows e eventos ao ar livre; além disso, comércio, serviços, ateliês e exposições durante o dia. (SCOCUGLIA, 2009)

Já no Largo São Frei Pedro Gonçalves, no ano 1994 já tinha sido restaurado o prédio do antigo Hotel Globo. Em 2002²⁶ foi feita uma recuperação do calçamento, instalada a fiação elétrica e telefônica subterrânea e restaurada 13 fachadas dos imóveis presentes ali. Foi feita também a restauração completa tanto na parte interna quanto na parte externa da Igreja de São Frei Pedro Gonçalves e do prédio onde passou a funcionar o Museu de Arquitetura Paraibana, além de se tornar espaço de atividades culturais e de lazer.

²⁵ A política de transformação de alguns espaços do centro histórico em equipamentos culturais e econômicos destinados ao consumo por grupos estrangeiros, através do turismo, é uma forma de museificação deste lugar. Isto gera o que Lima (2004) chamou de “mudança de função”, em que “os recém-criados espaços de exposição são transformados em estruturas arquiteturais que passam a ter papel determinante na reestruturação das cidades e sua inserção na economia global” (LIMA, 2004).

²⁶ Neste ano foi restaurado também o prédio da antiga Fábrica de Vinho de Caju Tito Silva & Cia, localizada na Rua da Areia, nas proximidades da Praça Antenor Navarro. O prédio foi transformado após a restauração na sede da Oficina-Escola de Revitalização do Patrimônio Cultural de João Pessoa e Museu da Fábrica de Vinho.

Após estas requalificações começaram a surgir várias atividades culturais naqueles espaços. As políticas culturais da Prefeitura Municipal passaram a dar uma atenção maior a esta região, inclusive transferindo alguns dos seus grandes eventos culturais que antes aconteciam na orla marítima ou em outras regiões da cidade para lá, como, por exemplo: apresentação de banda e artistas de renome nacional, abertura da prévia carnavalesca Folia de Rua, Festa de São João, exposições de filmes e vídeos, mostras de artes plásticas, feiras de antiguidades e produtos artesanais, etc.

Estes eventos passaram a se concentrar na Praça Antenor Navarro e no Largo de São frei Pedro Gonçalves, transformando estes espaços num “Oasis” no meio do antigo centro, que se encontrava deteriorado e abandonado, para grupos de classe média da cidade que buscavam uma opção de lazer e cultura na cidade. Além dos eventos da prefeitura, começaram a aparecer vários bares, casas de shows, e vários eventos organizados por estes estabelecimentos destinados a um público consumidor do rock, da música eletrônica e da música “alternativa²⁷” em geral.

Antes o público consumidor destas músicas se concentrava na “Feirinha”, localizada no bairro do Tambaú. Este lugar até meados dos anos 2000 era um dos mais frequentados por um público jovem de classe média da cidade, formado na maioria por universitários. Era o principal espaço “alternativo” da cidade, onde se podia escutar músicas que não eram da moda, tocadas nos rádios, como o chamado “forró de plástico”, o pagode, o axé, etc., além consumir bebidas alcoólicas e outras drogas, sem uma forte repressão policial.

Mas esta realidade começou a mudar a partir de quando começou a aumentar o fluxo de pessoas, e também quando surgiu o interesse da prefeitura em requalificar aquela área e destiná-la exclusivamente ao turismo. A violência começou a aumentar e com ela a repressão policial. O perfil dos frequentadores mudou também, começou a ser um lugar frequentado por “playboys” e “patricinhas”, que o público “alternativo” costuma rechaçar. Este conjunto de fatores, além de outros, ocasionou a reforma daquele espaço pela prefeitura que, como disse um dos nossos entrevistados, o transformou numa “praça de alimentação de shopping”.

[...] assim, tanta coisa mudou em João Pessoa cara, olha, uma coisa que posso dizer que eu sinto muita falta, que realmente é uma lástima, foi a questão da “Feirinha de Tambaú”. A feirinha para mim é o lugar mais democrático que tinha aqui em João Pessoa, em todos os sentidos, eh!... por que... lógico tinha aqueles boxes/bares que cerveja barata, comida barata, que... pô! Na praia! Então cara dava todo tipo de gente, desde os

²⁷ Sobre o termo “alternativo” será feita uma discussão mais na frente quando for discutir os grupos juvenis presentes no Centro Histórico.

“playbozinhos” filhas da puta, até a galera, os “sem-tetos”, tomando cerveja quase no mesmo espaço, de uma mesa para outra você viam diversos tipos de tribos, a galera dos hippies, a galera do heavy metal, a galera do pagode, a galera, sei lá, do hip hop, quer dizer, dava todo tipo de gente, estilos, e pensamentos, então era fenomenal aquele espaço. A feirinha era um lugar que na época que eu já tava indo, já tava em crise, mas era um lugar fantástico para você encontrar diversos tipos de pessoas, e acima de tudo praia cara! Porque a praia tornou-se este símbolo muito elitista, era um espaço reduto privilegiado pra quem não tinha tanto recurso, e até mesmo um bom encontro de pessoas, aí depois que foi feita aquela merda daquela reforma da prefeitura, aí realmente isso eu já posso criticar piamente. A prefeitura fez uma marmelada com aquela reforma, por que inclusive eu me lembro, a reivindicação de muita gente lá era reformar os banheiros, não era aquele espaço todo não, era só os banheiros, só que aí começou a ter este planejamento de reformar tudo, ao que ficou uma praça de alimentação de *shopping* para família! [...] (Inocência, estudante universitário, entrevista em 07/11/2012)

A partir desta reforma, estes jovens deixaram de ter aquele espaço como lugar de encontro e de lazer e passaram a frequentar mais a Praça Antenor Navarro e o Largo São Frei Pedro Gonçalves, que se transformou numa das principais manchas de lazer da cidade para este público. Estes espaços passaram a ser denominados por eles como “Centro Histórico”, e mais atualmente, utilizam-se os termos “CH”, ou também “Varadouro”²⁸ para designar aquela mancha, que é nome do bairro onde está localizado, apesar de que estes termos mais recentes são utilizados por um grupo restrito e mais assíduo ali.

Além do nome, ao longo do tempo a mancha de lazer do *Centro Histórico* passou por várias outras transformações, foram acontecendo eventos e desaparecendo, ao mesmo tempo em que surgiram outros, como também os casarões e sobrados existentes ali passaram a ser ocupados por bares, restaurantes, casas de shows, galerias de arte, etc., que foram surgindo, mas muitos acabaram fechando pela diminuição da frequência do público, ou por outros fatores ligados a política cultural na cidade.

Entre os principais eventos acontecidos ali, um que se destacou foi o que ficou conhecido por “Sambão”. Este evento surgiu por iniciativa do antigo restaurante Cozinha Manjerição, onde está localizada hoje o bar e restaurante Casa de Mathilde. Na ocasião, de 15 em 15 dias, sempre aos sábados às 17h, se apresentavam grupos de samba com acesso livre ao público. Inicialmente se tocava um samba mais tradicional para um público menor e apreciador deste estilo de samba, mas com o tempo o público foi aumentando e se diversificando.

²⁸ O nome Varadouro foi transformado em verbo pelos jovens, frequentar a Praça Antenor Navarro e o Largo de São Frei Pedro Gonçalves para o lazer passou a significar “varadourar”, o mais assíduos destes espaços são chamados “varadourandos”.

A presença destes novos frequentadores modificou a proposta inicial do evento, surgia a demanda para que grupos que se apresentavam passassem a tocar sambas mais atuais, conhecidos da grande massa, mais conhecido como pagode. A partir desta mudança no repertório, o público não parou de crescer²⁹, foi quando a prefeitura de João Pessoa passou a apoiar o evento.

Foi montada, então, uma estrutura de palco e de som para os grupos se apresentarem; a circulação de veículos na área passou a ser organizada por agentes de trânsito; os vendedores ambulantes passaram ser organizados e proibidos de venderem bebidas em vasilhame de vidro; agentes de limpeza passaram atuar de forma mais intensa e foram instalados banheiros químicos; foi melhorada a iluminação do local e aumentado o reforço policial.

Este apoio da prefeitura para este evento específico foi uma forma de manter a proposta inicial das políticas patrimoniais de “revitalização”, de fazer dali um lugar de lazer, consumo, e cultura.

Esse ‘Sambão’ é importante para a cidade de João Pessoa, pois além de movimentar o Centro Histórico contribuindo para sua revitalização, valoriza e resgata o verdadeiro samba, além de gerar um incremento na economia, por causa do aumento do fluxo nos outros bares e lojas instaladas no local. (Lau Siqueira, diretor da Funjope na época, em entrevista ao portal WSCOM. Fonte: <http://www.wscom.com.br/diversao/noticia/diversao-noticias/SAMBAO%E2%80%99+AGITA+A+PRACA+ANTENOR-52044>, Acesso em: 28/10/2012)

Entretanto, a popularização deste evento foi tão grande que seus organizadores acabaram por deixar de realizá-lo. Quando estavam em campo, alguns dos pesquisados comentaram sobre este evento, para eles o fim do mesmo se deu a partir do momento que deixou de ser um evento que só tocava sambas tradicionais, para virar o chamado “Sambão”, quando começou a tocar mais o estilo pagode, que é apreciado por um público maior. A partir daí a quantidade de pessoas que começou a frequentar aquele espaço passou a exceder o seu tamanho.

Mas além deste aspecto musical e espacial, pode-se dizer que o que pôs fim a este evento foi a preocupação de uma elite, ligada a política cultural da cidade, em restringir os tipos de usos do centro histórico como todo e os grupos que o frequentam. Tenta-se frear a

²⁹ Segundo o então presidente da Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE) na época, Lau Siqueira, o evento iniciou no ano 2006 com um público 100 pessoas. Cerca de um ano depois este público já aumentou para algo em torno de 1.500 pessoas. (Fonte: portal WSCOM, <http://www.wscom.com.br/diversao/noticia/diversao-noticias/SAMBAO%E2%80%99+AGITA+A+PRACA+ANTENOR-52044>, Acesso em: 28/10/2012)

presença em massa de grupos das classes populares naquele espaço, principalmente aqueles que não possuem um considerado bom gosto musical. E isto foi corroborado por um dos jovens entrevistados.

Pedro - O Estado auxilia. Agora é aquela questão, é o interesse pobre do Estado lá, se não tivesse tanto movimento, ou não tivesse tanto movimento da classe média talvez não ia ser um interesse tão forte, exemplo: teve um outro projeto de samba, não se você até se lembra, lá na Antenor Navarro, que era todo sábado a partir de umas 18:00 horas.

Rafael - O “sambão” né?

Pedro - Não! Antigamente era chamado “samba”. Só que começou a ficar muito popular e eu falo no popular no sentido a classe mais baixa começou a frequentar, começou a chamar “sambão”, ao ponto que a classe média, por que eu já ouvi o pessoal: ‘ah! Eu não vou mais lá por que dá muita gente, por que dá muita gente estranha’, gente ‘estranha’?! Enfim, ‘dá muita bebedeira’, ‘dá muitas brigas’, num sei o quê, por que também eu não sei por que não frequentava tanto nessa época, ao ponto que acabou. Acabou o projeto que durou nem um ano... por que não tinha interesse cara, por que qual era o público que ia, começou depois a predominar, uma determinada classe. Eu acho, na minha modesta opinião, uma classe mais pobre, sócio-economicamente vulnerável, e que tava começando talvez dando muito problema com questão de segurança. E a classe média que inclusive predomina na Funjope, no poder público, na questão cultural, não tinha mais interesse em investir neste espaço. Resultado... acabou! Se for ver a Funjope na gestão deste do PSB, estes sambas populares, digo não raízes, estes “sambões”, estes “forrozinhos” foram minados, então, há um certo interesse, que tipo de público que o Estado ta querendo... por que quem está atuando dentro desse localidade, por que eu já presenciei, é um grupo cultural de classe média, então eles têm uma perspectiva diferente, tem uma visão diferenciada.

As dinâmicas socioculturais acontecidas durante a realização deste evento são importantes para compreender as dinâmicas atuais na mancha da *Praça Rio Branco* e serão apresentadas no terceiro capítulo. Mas antes vamos falar como se configura atualmente a mancha de lazer do *Centro Histórico*, que engloba além da Praça Antenor Navarro e do Largo São Frei Pedro Gonçalves, a Rua da Areia, apesar de este não ter sido um espaço “revitalizado” como os outros dois.

2.2.2 A Rua da Areia

A Rua da Areia se encontra interligada à Praça Antenor Navarro, entretanto, o tipo de lazer praticado ali é diferenciado. Apesar de ser um espaço que está inserido na área tombada patrimônio artístico e cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), bem como pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

(IPHAN), até o momento aquela área não passou por nenhuma política de requalificação direcionada ao mesmo a não ser a restauração do prédio da antiga Fábrica de Vinho de Caju Tito Silva & Cia, como já foi dito.

Mas apesar de seu aspecto degradado, é um lugar bastante frequentado para o lazer noturno em João Pessoa. Durante o dia é um espaço usado mais por transeuntes em busca de alguns serviços oferecidos nos estabelecimentos existentes ali, mas durante a noite passam a funcionar vários bares/prostíbulos que, além de frequentados para se buscar serviços de sexo pago, também, pode-se tomar uma cerveja, escutar um som na *jukebox* ou assistir DVDs de shows bandas e artistas, além de outras atividades de lazer.

A Rua da Areia é um lugar muito presente no imaginário da cidade. Entre uma conversa e outra dos pessoenses que envolvem questões sexuais, quase sempre ela é lembrada no sentido jocoso. A rua ganha destaque quando acontece a prévia carnavalesca Folia de Rua, realizada uma semana antes do carnaval, quando é inserida no trajeto de um dos maiores blocos carnavalesco da cidade, o Cafuçú. O momento quando o bloco passa por ela é um dos mais esperados pelos seus participantes, aqueles que se sentem envergonhados em frequentar os prostíbulos em outros momentos, entram no espírito da brincadeira do carnaval e se sentem a vontade para adentrar alguns deles.

Outro evento que acontece ali é a comemoração do Dia Internacional das Prostitutas, em 2 de Julho³⁰, realizado com o objetivo de dar visibilidade às mulheres profissionais do sexo que trabalham ali; de quebrar tabus, preconceitos e promover a inclusão dessas profissionais muitas vezes marginalizadas e de discutir a regulamentação da profissão de prostituta.

Durante o evento é montado uma tenda onde são oferecidos serviços de beleza e de saúde, com enfoque na prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs). Há também projeção de filmes sobre a temática da prostituição, roda de diálogo e apresentação de grupos musicais. No entanto, o que chama mais atenção do público é a tradicional “Corrida da Calcinha”, em que os participantes disputam uma corrida de oito quilômetros pelo Centro Histórico, todos com uma calcinha na cabeça para homenagear as profissionais do sexo. Os primeiros colocados ganham de premiação: 1º lugar um bode, o 2º lugar três galinhas e o terceiro lugar duas cordas de caranguejo.

³⁰ Este evento acontece desde no ano de 2005, e desde então vem crescendo cada vez mais. Porém no ano de 2012 sofreu uma queda de participação do público e na divulgação através dos meios de comunicação. O motivo se deve à falta de apoio principalmente da prefeitura, por conta da pressão feita por políticos conservadores ligados à Igreja evangélica.

Durante este evento é possível encontrar pessoas pertencentes a vários grupos sociais, idades e gênero. Entretanto, nos outros dias a frequência ali é maior de um grupo específico: masculino, adulto e pertencente às classes populares. Este grupo difere dos frequentadores da Praça Antenor Navarro e do Largo São Frei Pedro Gonçalves, formado em sua maioria por jovens. Isto não quer dizer estes últimos não frequentem a Rua da Areia e vice-versa. O estereótipo que a Rua da Areia tem não impede que estes jovens, em sua maioria pertencente a uma classe média em parte conservadora, a frequentem.

Portanto, apesar de na Rua Areia haver práticas de lazer diferenciadas, por grupos diferenciados, das realizada na Praça Antenor Navarro e no Largo São Frei Pedro Gonçalves pode-se dizer que ela está inserida na mesma mancha de lazer do *Centro Histórico*. Isto se deve porque a forma como se configura este lugar não é definida pelas políticas patrimoniais, e sim pela forma como os sujeitos usam e se apropriam dele.

2.2.3 O atual *Centro Histórico*

Atualmente quando se vai ao *Centro Histórico* nos dias de semana, durante o horário diurno, o que se encontra é um lugar pouco utilizado para as práticas do lazer. Existe apenas um movimento de pessoas nos restaurantes que funcionam na Vila do Porto e no Espaço Mundo, em alguns estabelecimentos que prestam serviços, nos órgãos públicos do IPHAN e da FUNJOPE que funcionam ali e nos vários estúdios musicais existentes. Nestes momentos, no geral, predomina um vazio.

Esta realidade começa a mudar chegando perto do fim de semana à noite quando os bares do Espaço Mundo e da Casa de Mathilde, ambos localizados na Praça Antenor Navarro, começam a funcionar a partir da quinta-feira se estendendo até o sábado, como também quando acontecem apresentações de bandas na casa de show Pogo Pub. Existe um movimento a noite também no restaurante Vila do Porto, no Largo de São Pedro, quando acontecem apresentações musicais, começando na quinta-feira e terminando no domingo.

Chegando ao *Centro Histórico*, a partir das 20h, já começa o movimento de pessoas, e a medida que vai ficando mais tarde, vai aumentando a quantidade. Entretanto, existe uma variação do número de pessoas dependendo se há apresentações de bandas ou não, e quanto mais conhecidas são estas bandas, o público é maior, como se viu na apresentação durante o

evento “O Menor São João do Mundo”³¹, da banda *Cabruêra*, que já tem um nome consolidado na cena musical de João Pessoa e começa a ganhar destaque na cena nacional.

Mas tirando estes dias excepcionais, quando o público é maior e mais diversificado, geralmente o Espaço Mundo³² atrai um público de jovens que se identificam com uma cultura “alternativa”, ligada a música “independente” e “autoral”. Este espaço surgiu no ano de 2010 com o objetivo claro tentar incentivar a produção e consumo da música, e da cultura em geral, independente das imposições da indústria cultural.

Além das atividades no Espaço Mundo propriamente dito, seus idealizadores³³ promovem um festival de artes independente todos os anos e que surgiu antes mesmo deles ocuparem um casarão na praça Antenor Navarro. Em 2012 aconteceu a sua oitava edição e foram realizadas mostras de música, dança, artes cênicas, exposição de artes plásticas, oficinas, debates e feira de empreendimentos culturais atingindo público de cerca de 3 mil pessoas a cada dia de evento, além de cerca de 200 pessoas envolvidas diretamente na produção.

Do Espaço Mundo descendo uma pequena ladeira na praça Antenor Navarro encontra-se outro espaço frequentado pelos jovens, chamado Casa de Mathilde. Este espaço que no passado era um dos mais frequentados da praça, quando funcionava o restaurante Cozinha Manjerição, de onde surgiu o “Sambão”, hoje é ocupado por este bar e restaurante que devido ao pouco tempo de funcionamento, desde outubro de 2012, ainda não tem um público assíduo.

Entretanto, segundo o seu empreendedor a sua proposta é que ali se torne um espaço aberto para diferentes expressões musicais como já vêm acontecendo. Por lá já houve eventos de hip hop, apresentação de grupos de reggae, apresentação de voz e violão, apresentação de uma banda na linha tropicalista, entre outros. Segundo ele, pretende-se não restringir o

³¹ Este evento foi realizado nos dias 22, 23, 28, 29 e 30 de Junho de 2012, e aconteceu a apresentação de várias bandas dentro do Espaço Mundo, e num palco montado na Praça Antenor Navarro.

³² Vale salientar que ele não se restringe ao espaço físico do sobrado onde está instalado o Espaço Mundo, ele se estende ao espaço da praça em frente onde são colocadas várias mesas e cadeiras para venda de bebidas. Além disso, há também as pessoas que estão transitando pelo local e mesmo em pé consomem bebidas tanto do Espaço Mundo como dos vendedores ambulantes presentes.

³³ Eles se definem da seguinte forma: “Somos um coletivo de agentes culturais que compartilham de um ideal social, entendendo na cultura o cerne da identidade e do desenvolvimento humano. Enquanto produtores, atuamos no cenário de música e cultura independente, fomentando produção, difusão, distribuição, circulação e consumo de criatividade. Neste cenário, somos regidos pelos direcionamentos da economia solidária, construindo nesse escopo um modelo potencialmente sustentável. (Fonte: Site do Coletivo Mundo: <http://coletivomundo.com.br/coletivo/>)

público de acordo com uma expressão musical específica³⁴, como acontece em outro espaço localizado na praça que é o Pogo Pub.

Este último surgiu há dois anos, e nele acontecem apresentações de bandas num estilo de rock mais pesado em suas várias vertentes: *Trash Metal*, *Heavy Metal*, *Death Metal*, *Black Metal*, *Heavy*, *Death*, *Thrash*, *Hard Core*, *Punk Rock*, etc. Existe ainda na Praça Antenor Navarro a Casa de Musicultura, uma casa de shows onde acontecem esporadicamente apresentação de bandas dos mais variados gêneros e estilos musicais. E a Casa de Cultura Cia da Terra que disponibiliza seu espaço para ensaios de grupos musicais, oficinas, reuniões de pessoas, shows e espetáculos; e produz oficinas culturais e atividades de difusão cultural no sentido de fomentar a arte e a cultura no Bairro do Varadouro e na Favela Porto do Capim.

A proposta das pessoas que estão à frente deste espaço, o Coletivo Sanhauá, é de quebrar um pouco com o processo de *gentrification* (enobrecimento) do centro histórico, que passou a acontecer com as políticas patrimoniais. Desta forma, busca-se inserir a população local nas dinâmicas culturais que passaram a existir ali pós “revitalização”.

Mas apesar desta tentativa, é visível na Praça Antenor Navarro a predominância de grupos de classe média que vem de outras regiões da cidade. A presença de pessoas das classes populares ali é para pedir ajuda financeira ou para vender bebidas em um carrinho com isopor, vender churrasquinhos, cachorro quentes, etc. e não para consumir cultura, ou se divertir. Encontram-se alguns grupos das classes populares na calçada da Igreja São Frei Pedro Gonçalves, no entorno da praça, mas sua concentração maior é na escadaria desta Igreja, que fica já do outro lado, em frente ao Largo de São Pedro. Ali se encontra vários grupos, desde os punks, ao pessoal do hip hop, hippies, etc.,

Outro atrativo do Largo de São Frei Pedro Gonçalves é a barraca de Dona Socorro que fica montada em frente a sua residência onde são vendidas bebidas, cachorros-quentes, salgados, diversos tipos de caldos, etc. É um ponto que as pessoas vão para fazerem um lanche mais barato do que nos outros bares e restaurantes existentes ali, além de se reunirem para conversar sentados nas cadeiras e mesas disponíveis, como num bar tradicional. É o lugar ideal para os “maconheiros³⁵” “matarem sua larica³⁶” quando termina a noite.

³⁴ Conversando o empreendedor deste espaço, disse que vem sofrendo críticas por não colocar apenas bandas com trabalhos autorais para tocar lá. Mas disse que não se abalou com as críticas e vai manter a proposta, pois segundo ele o importante é que todos os grupos se sintam a vontade para frequentar ali, além do ganho econômico gerado.

³⁵ Como se identificam e são identificados, apesar de maneira pejorativa, os consumidores da maconha.

³⁶ Termo usado pelos “maconheiros” para a forma como saciam a fome gerada com pelo efeito da maconha.

Eu acho que isso daria outra dinâmica se as pessoas morassem ali, e além de ser o local de trabalho fosse o local de morada também. Porque faz a diferença, ali ao lado da Vila do Porto tem uma senhora que mora lá e o filho dela ela tem aquela barraca de lanche e o filho dela trabalha com som, sonorização. Isso faz a maior diferença, você percebe que quando tem os eventos ali quem livra lá na noite com essa coisa de vender lanche, comida quem livra ali é ela, tirando ali os ambulantes que estão vendendo, quem ta fazendo movimento ali é ela. É até altas horas. E quando ela não está lá como já aconteceu algumas vezes quando ela não abre o que é difícil também, aí todo mundo sente falta porque chega uma hora que você quer reabastecer as energias do corpo, comer alguma coisa e não tem ninguém né?!, para matar a larica. E é isso que faz a diferença, que quando a pessoa está lá, além dela tivesse outras pessoas, outros comércios ali mesmo de pessoas que tivessem morando, isso faria uma diferença enorme na dinâmica daquele lugar. (Francisco³⁷, músico, entrevista em 11/08/2012)

Existe também o restaurante Vila do Porto, local em que acontece a partir da quinta feira apresentações de voz e violão e de grupos musicais de vários gêneros e estilos, mas diferente de Dona Socorro, é um espaço mais restrito a grupos de classe média. Geralmente se cobra entrada ou *couver* de cinco reais e dependendo do evento o valor pode chegar a dez reais. Por sua vez, o preço das bebidas e dos petiscos cobrados lá dentro é bem mais caro do que de outros bares e dos vendedores ambulantes presentes no *Centro Histórico*. Os principais eventos realizados na Vila do Porto acontecem aos sábados, com a apresentação do grupo de samba Clube do Samba de Mesa e convidados e no domingo com apresentações de DJs ao atrativo do pôr do sol privilegiado que o local proporciona.

Num sobrado de frente do restaurante Vila do Porto fica o Hotel Globo, um dos principais monumentos do Centro Histórico que funciona como um museu com relíquias da história da Paraíba para os que buscam conhecê-la. Outro atrativo deste local é a contemplação do pôr do sol sobre o Rio Sanhauá do seu belo Jardim. Ao seu lado, noutro sobrado, funciona a sede do grupo de teatro Ser tão Teatro³⁸, espaço onde os seus integrantes se reúnem para ensaiar, discutir e elaborar seus projetos. Esporadicamente eles realizam

³⁷ Utilizo aqui um nome fictício para manter o anonimato do entrevistado.

³⁸ “O Ser Tão Teatro é um grupo de pesquisa formado em 2007 na cidade de João Pessoa a partir da reunião de alunos e profissionais das artes cênicas do Departamento de Teatro da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. O principal objetivo do grupo é a pesquisa contínua da linguagem teatral com a finalidade de construir uma cena tipicamente brasileira. O grupo vem se destacando no cenário regional com uma trajetória de sucesso e uma pesquisa especialmente voltada para as áreas da comicidade e do trabalho do ator, utilizando como matrizes para a construção da cena referenciais da cultura popular. As investigações visam o resgate da memória da dramaturgia nacional adaptada e relida para a realidade atual; o teatro como palco para o debate de idéias através da abordagem de questões pertinentes ao contexto histórico, político e social; e a busca por uma interpretação que dialogue com as manifestações tipicamente populares.” (Fonte: site do Sertão Teatro, <http://www.sertaoteatro.com.br/>)

apresentações na frente da sede com espaço aberto ao público³⁹, seguindo a proposta do Teatro de Rua.

O esforço do Grupo Ser Tão Teatro de promover atividades culturais no espaço público do Largo São Frei Pedro Gonçalves; bem como da Casa de Mathilde, Pogo Pub e do Coletivo Mundo, no espaço público da Praça Antenor Navarro são as poucas iniciativas de diversão nestes lugares. Durante a maior parte do ano há pouca movimentação cultural, ficando os eventos restritos aos espaços dos bares e restaurantes. Isto se deve principalmente pelo pouco investimento do poder público na realização de eventos culturais ali.

O *Centro Histórico*, desde quando foi requalificado até o ano de 2009, era palco dos grandes eventos da prefeitura. Na festa de São João montava-se um grande palco na Praça Antenor Navarro para as apresentações de artistas de renome nacional como Elba Ramalho, Zé Ramalho, Flávio José, etc.. Já no Largo de São Pedro se apresentavam grupos de Cultura Popular. Acontecia também a encenação da Paixão de Cristo, sempre com a presença de um ator da Rede Globo encenando Jesus. Além de outros eventos.

Entretanto, estes eventos deixaram de acontecer no *Centro Histórico* a partir do momento que este espaço já não suportava a quantidade de pessoas que frequentava estes grandes eventos, e foi requalificada a Praça Vital de Negreiros, mais conhecida como “Ponto dos Réis”, inaugurada em agosto de 2009. Os grandes eventos passaram então a acontecer neste espaço devido suportar um público maior.

Coube então aos grupos organizados da sociedade civil, como o Coletivo Mundo, de tomar a frente na promoção e organização de eventos nestes espaços, como também de questionar a falta de investimentos do poder público em eventos culturais ali, o não reconhecimento da produção cultural existente naquela parte do Centro Histórico de João Pessoa.

Aconteceu um pouco este movimento né? Da Praça Antenor Navarro para o Ponto dos Cem Réis e a Praça ficar um pouco esquecida, e o nosso papel foi justamente esse de chegar junto e questionar, por que vocês fizeram isso? Vocês não tão vendo que lá tem isso, isso, isso e isso? *Pô* tem coletivo de cultura, coletivo de música, tem grupo de teatro, grupo de dança, num dá pra esquecer aquele pedaço, no *Centro Histórico* tem muita coisa acontecendo, e aí, por exemplo, foi a época que tava o “circuito das praças”, não lembro se era o primeiro ou o segundo, acho que já era o segundo ano do “circuito das praças” e a gente já tinha um experiência ruim do circuito, por que apesar do

³⁹ O último evento realizado foi a IV Mostra de Teatro de Grupo no período de 25 a 29 de Setembro de 2012, tendo as apresentações no Largo de São Frei Pedro Gonçalves das peças “Farsa da Boa Preguiça”, com o próprio Grupo Ser Tão Teatro, e “Romeu e Julieta – O Encontro de Shakespeare com a Cultura Popular”, com o Grupo Garajal.

objetivo de circuito ser muito bom, descentralizar nas praças, formar público, botar o pessoal pra circular nos diversos territórios da cidade, mas tinha uma deficiência muito grande em produção, então o que é que a gente fez. A gente praticamente assumiu a produção na Antenor Navarro durante um ano, a gente disse oh! Já que vocês vão jogar qualquer coisa para lá, num faz isso não! Passa para gente que a gente produz, a gente faz tudo, só que a gente quer curadoria. Então a gente fazia a curadoria das bandas junto com a FUNJOPE e assumia totalmente a produção. Então o contato com o cara que vai montar o palco, contato com o cara que vai ligar a energia, contato com o cara que vai ligar o som, contato com a banda para ela ir passar o som na hora certa, ta lá botando a água no palco pra banda, fazendo ela começar no horário certo, terminar no horário certo, articula isso com as outras casas, “galera e essa semana vai tal atração, vai ser de tal hora, então o que vocês vão ter nas casas de vocês? Como é que a gente pode integrar isso”, e no outro ano a gente fez isso e foi uma experiência bem positiva. (Rayan, produtor cultural e um dos gestores do Coletivo Mundo, entrevista em 15/01/2013)

Apesar do abandono do poder público, pode-se dizer que o *Centro Histórico* hoje faz parte do circuito (MAGNANI, 2002) de lazer de um grande número de jovens de João Pessoa, mesmo havendo uma oscilação na quantidade de pessoas que o frequentam, existe um público fiel, identificado com aquele lugar e que o frequenta com assiduidade. Apesar de estar presente uma diversidade de grupos juvenis, existe algo em comum que os levam para este espaço, uma “vibe” que só o *Centro Histórico* tem.

Assim, eu me identifico muito com aquele espaço ali. Eu como frequentador é um espaço que quando penso em sair, quando penso em opções culturais então já me vem logo o *Centro Histórico*. Então naturalmente ir pra lá e assistir né? E ter acesso ao que está rolando, é uma coisa que faço sempre. Enquanto, enfim, músico que está tocando, está fazendo apresentações, tocar ali é muito massa, muito bom por conta dessa identificação com o pessoal que circula por ali, com a história que tem ali, enfim. É o *Centro Histórico*, né?! Você vê através do tempo que aconteceu muita coisa ali, então aquilo ali tem uma energia muito legal, muito massa então você tocar lá também é muito bom. E é legal tocar, tocar é sempre bom, mas há lugares que você toca com energia, e isso acontece ali, o que é o público, a galera que frequenta, se você vai pra praia já é outra “vibe”, outra energia, outra galera, é um outro público [...] Ali você sabe que é a sua galera, o pessoal que frequenta ali. Embora tenha essa diversificação de sons que está acontecendo, o som que eu faço também pode não agradar muito ao roqueiro, por exemplo, o roqueiro tradicional que só anda de preto, escuta *heavy Metal*. Mas não deixa de ser um espaço também por conta dessa mistura que está havendo, e a gente até tocou lá e os roqueiros sambaram né? Tem essa coisa também. (Fabiano, músico e professor, entrevista em 11/08/2012)

Não só a Praça Antenor Navarro e o Largo de São Pedro, mas o *Centro Histórico* como todo tem um diferencial que levam estes jovens à frequentá-lo. Um espaço que ganha

destaque hoje é a Praça Rio Branco, que passou por uma reforma recentemente e se tornou, junto com o *Centro Histórico e a Lagoa*⁴⁰, as principais manchas de lazer do centro histórico de João Pessoa.

2.3. A mancha de lazer da *Praça Rio Branco*

A Praça Rio Branco foi o trecho do centro histórico de João Pessoa mais recentemente requalificado. Apesar deste espaço ser um dos lugares históricos priorizados dentro do Projeto de Revitalização Integral do Centro Histórico de João Pessoa (PRCH-JP) de 1987, foi só no ano de 2009 que foi requalificada. Isto se deu quando as políticas patrimoniais em João Pessoa ganharam outra dinâmica, a partir do reconhecimento do centro histórico local⁴¹ como patrimônio histórico e artístico nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no dia 5 de Agosto de 2008⁴², em virtude do seu valor histórico, artístico e ambiental⁴³.

2.3.1. A historicidade da Praça Rio Branco

A escolha desta praça como sendo lugar estratégico desta política de patrimônio se deu pelo fato de ali ser um lugar de importância para a história oficial da cidade, principalmente durante todo período da colônia e do império. Era onde funcionava o centro administrativo e a sede da capitania da Parahyba, além de ser o lugar de moradia de pessoas da classe alta da cidade na época. Há registros arqueológicos que mostram também que entre os séculos XVI e XVII ali funcionava um Pelourinho (BOLETIM DA SPA, 2010). A praça era, no passado, um espaço onde aconteciam eventos públicos como o açoite de escravos, enforcamentos e pronunciamentos oficiais.

⁴⁰ A *Lagoa*, como é conhecido o Parque Sólon de Lucena, é um espaço que apesar de não está diretamente dentro das ações patrimoniais no Centro Histórico, por não conter monumentos históricos, está localizado na área considerada patrimônio histórico e cultural, e é um lugar de lazer para a população de João Pessoa. Existem várias barracas dentro do seu espaço onde se podem consumir bebidas e comidas, e escutar músicas. A mais conhecida delas é o “Karaokê da Lagoa”, que tem como principal atrativo um aparelho de Karaokê disponível para as pessoas cantarem. É grande o fluxo de pessoas neste espaço.

⁴¹ O Centro Histórico de João Pessoa atinge uma área de 37 hectares e é formado por 700 edificações, além de ruas, praças e parques históricos.

⁴² Esse título deu outra dinâmica às políticas de preservação do patrimônio na cidade, sendo inclusive criada através da Lei 11.459/08, a Coordenadoria de Proteção dos Bens Históricos e Culturais de João Pessoa (Probech-JP), órgão ligado à prefeitura municipal responsável por estas políticas.

⁴³ Situado as margens do rio Sanhauá, o centro histórico tem uma grande integração com o meio ambiente, formado por um suave relevo, clima tropical, vegetação marcada pela alternância entre manguezais e coqueirais e com floresta de mata atlântica.

Inicialmente aquele espaço surgiu como um largo, construído entre os séculos XVI e XVII, e seu entorno ficava a casa dos Capitães-Mores da Parahyba, que foi demolida após incêndio no final do século XIX, e em seu lugar foi construído outro prédio onde hoje funciona a Polícia Federal. Em 1783 foi construído um prédio que abrigou o Erário Público, uma espécie de centro administrativo financeiro da época. Assim, ali passou a ser conhecido como “Largo do Erário”⁴⁴. Este prédio abrigou também, a partir de 1869, a agência central dos correios e hoje abriga o Centro de Referências do Patrimônio Cultural da 20ª Superintendência Regional/Iphan. Ali também funcionava a antiga cadeia pública, num prédio construído em 1610 e que chegou a abrigar a Casa da Câmara do Senado e hoje é sede da Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão (FUNAPE) da UFPB.

Foi só em 1918 que este espaço se tornou uma praça. Foi construída num momento em que teve início a modernização da cidade de João Pessoa, com o poder público promovendo políticas de urbanização e higienização, através da construção de vários espaços públicos na cidade. Entre eles estava a Praça Rio Branco. Foi realizada então uma reforma da praça com a colocação de bancos e jardins.

Da sua construção até meados dos anos 1950, a praça foi um dos principais espaços de lazer e comércio da cidade. Entretanto, a partir desta época, ela começa a entrar em processo de degradação física e socioeconômica em vista do abandono do antigo centro por parte das elites local e do poder público, como já foi colocado. A partir daí, até a sua intervenção mais recente, a praça era uma área destinada ao estacionamento de carros em que trabalhadores informais ofereciam serviços de lavagem dos automóveis, tornou-se mais um lugar de passagem dos transeuntes que frequentam o bairro do Centro em busca de fazer compras ou de algum serviço oferecido pelos vários estabelecimentos existentes na sua proximidade. Entretanto, isto não quer dizer que ali não era um lugar onde se praticavam sociabilidades, existia uma interação entre os lavadores de carro, moradores de rua, nos bares e restaurantes existentes no seu entorno e continua até hoje.

⁴⁴ Outros nomes dado àquele espaço foram “Largo da Intendência” e “Largo da Antiga Cadeia”,



Imagem 2: Praça Rio Branco antes da reforma realizada em 2010. Com a reforma apenas as árvores se mantiveram. Fonte: desconhecida

2.3.2. Nova em “pedra e cal”

Apesar de já existir uma dinâmica sociocultural na Praça Rio Branco antes da requalificação, o argumento utilizado para a necessidade da reforma na praça pelos arquitetos e urbanistas do Estado, e por pessoas preocupadas com a política cultural para o Centro Histórico, era de se buscar uma “retomada” daquele lugar, pois ele se encontraria abandonado. Portanto, assim como aconteceu nas intervenções realizadas em outras áreas do centro histórico de João Pessoa, como a Praça Antenor Navarro e o Largo de São Frei Pedro Gonçalves, a proposta do poder público foi de uma “revitalização” do lugar. O pensamento era de que não existia vida sociocultural ali até então e só a partir da reforma é que os pessoenses passariam a incorporá-la ao seu cotidiano.

A praça retorna ao seu conceito original, como local de forte apelo contemplativo e de centro de vivência. Suas características anteriores de pólo sócio-cultural estão sendo reintegradas e reincorporadas à vida cotidiana da cidade (Eliane Freire, Superintendente do IPAHN – PB em entrevista ao site do IPHAN.
<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=15509&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>, Acesso em: 19/072012)

Sobre este argumento foi realizada a reforma na praça com início das obras em dezembro de 2009, e tendo a sua inauguração em 18 de agosto de 2010. O projeto foi desenvolvido pela Coordenadoria do Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de João Pessoa e estava dentro das ações prevista no Acordo de Preservação do Patrimônio Cultural

(APPC). A obra custou no total R\$ 400 mil, sendo utilizados recursos do IPHAN, em parceria com Prefeitura de João Pessoa⁴⁵.

Com a reforma e urbanização da praça, a ideia foi de retomar uma dinâmica social e cultural do passado, como já foi colocado. Desta forma, o novo ordenamento da praça procurou fazer uma

[...] referência ao antigo largo com o objetivo de recuperar a leitura espacial com a regularização de calçadas e pavimentos, do tratamento paisagístico, eliminação do tráfego e de estacionamento de veículos na área interna. A readequação dos serviços públicos de infra-estrutura e rede elétrica permite a valorização do acervo arquitetônico no entorno e melhora as condições como espaço urbano socializado. O projeto previu, ainda, o resgate de suas configurações com áreas exclusivas para a circulação de pedestres, instalação de postes ornamentais, bancos de madeira que devolvem à praça os espaços internos aprazíveis em meio ao casario histórico. (Fonte: notícia no site do IPHAN. <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=15509&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>, Acesso em: 19/072012)

Além da melhoria na infraestrutura da praça, passaram a ser adotadas normas para a acessibilidade e implantação de sinalização turística. Foram construídos também espaço mais amplos com o objetivo de receber atividades culturais, artísticas, ações de educação patrimonial, etc. Assim como a Praça Vital de Negreiros ou “Ponto dos Cem Réis”, a Praça Rio Branco passou então a ser um lugar estratégico para as políticas culturais da Prefeitura de João Pessoa. A partir daí vários eventos passaram a acontecer neste espaço, tanto os organizados pela Prefeitura como os organizados de maneira espontânea pelos seus frequentadores, donos dos estabelecimentos comerciais e vendedores ambulantes. Formou-se ali, a partir de então, uma das principais manchas de lazer da cidade, um lugar para se produzir e consumir músicas, e várias práticas de consumo cultural e lazer.

Rafael - Para você qual foi a principal mudança ali depois da reforma?

Inocêncio - E esta reforma, e lógico, se você for analisar bem, ficou mais bonito de se ver, assim para um público. Para mim, eu sempre gostava daquele espaço, mas para um público um pouco mais exigente, um pouco mais digamos, limpinho, ah! Aquele espaço ficou uma maravilha, ficou mais encerado, ficou um pouco mais visível, ficou mais bem iluminado, ficou mais romântico. Então este retorno a um certo “velhos tempos”, que talvez não sei se era assim antigamente, mas tenta-se colocar como era antigamente, então assim este saudosismo ajudou bastante para movimentar, e logicamente, terminando o evento como o chorinho, que geralmente não é

⁴⁵ Diferente do que aconteceu na requalificação em outros espaços do Centro Histórico, não houve, pelo menos diretamente, um investimento do setor privado na requalificação da Praça Rio Branco.

todo mundo, como eu, que chega de meio dia, uma hora, pra quem chega um pouco mais tarde ainda tem esta opção, então é um grande resultado.

2.3.3. Formação e reconfigurações de uma mancha de lazer

As ações do poder público no espaço da Praça Rio Branco tiveram um papel importante para a formação de novas dinâmicas socioculturais e espaciais que se processam ali, mais do que isso, elas promoveram uma reanimação cultural do lugar. Entretanto, os usos e ocupações ali não se restringiram ao que o Estado propôs, e eles ultrapassaram o espaço físico da Praça Rio Branco, acontecem em espaços que antes mesmo da requalificação já eram lugares de produção e consumo da música na cidade.

Um destes espaços é a loja Música Urbana, localizada numa galeria ao lado do prédio do IPHAN. Esta loja é umas das mais antigas e mais tradicionais no ramo da música da cidade. Surgida no ano de 1998 por iniciativa de seu empreendedor Robério, a loja se firmou como um lugar que os jovens de João Pessoa vão para comprar discos, CDs, camisas de bandas, DVDs, livros, revistas, e outros materiais, novos e usados, ligados à cultura do rock e pop em geral.

E o que mais impressiona é que numa época em que predomina o MP3 como objeto musical, esta loja ainda continua a funcionar, apesar de não com a mesma intensidade de quando da sua criação até meados da década de 2000. Segundo Robério a chegada do MP3 fez cair muito à arrecadação da loja e hoje a mantém não pelo retorno financeiro que já não dá⁴⁶, mas sim por que ela se tornou ponto de encontro das pessoas que gostam de música na cidade de João Pessoa.

[...] Tenho muito orgulho da minha loja, para ser sincero foi uma coisa que foi crescendo aos poucos. É claro que agora com esse download de mp3s realmente deu uma queda, mas o clima, as pessoas vêem, virou ponto de encontro, isso pra mim é o mais importante hoje, cresceu muito, virou ponto de referência, todo mundo que gosta de música conhece, isso é interessante...” (Robério, empreendedor da loja Música Urbana, entrevista para o documentário “Música Urbana - 10 anos”. Acesso em: <http://www.youtube.com/watch?v=QmciCRszsko>)

O consumo da música através do MP3 não só diminuiu a arrecadação da loja, mas também quebrou um pouco este “clima” que existia ao consumir música numa loja de CD, pois muitos jovens deixaram de frequentar a mesma, para “baixar” músicas pela internet. Mas

⁴⁶ Para se manter a loja, hoje ele vende outros tipos de materiais, não só musicais, como bonecos, mochilas, etc.

apesar desta diminuição na frequência de pessoas, a loja Música Urbana continua sendo um lugar de encontro dos jovens identificados com a cultura do rock e pop em geral, ali eles se encontram para conversarem sobre música, firmarem parcerias para bandas, marcar eventos, compartilharem materiais de música que não lhes interessa mais, tomar uma cerveja, escutar um som, etc.

Ali se tornou um dos principais espaços de produção e consumo de música da cidade. Além do aspecto comercial de comprar produtos de música, ao frequentar à loja Música Urbana os jovens criam formas de sociabilidade, e é onde podem divulgar seus trabalhos com música. Ocasionalmente aos sábados se apresentam com suas bandas e outros tipos de interação.

Até a requalificação da Praça Rio Branco, o movimento na loja Música Urbana já não era tão grande como no início e já não aconteciam eventos com a mesma periodicidade de antes. Mas após a requalificação, a loja voltou a entrar em cena novamente. Todos os sábados os jovens se reúnem em frente à loja e ficam escutando rock, bebendo, conversando, etc., enquanto do outro lado, na Praça Rio Branco, um grande público participa do projeto “Sabado Bom”, onde se toca o chorinho.



Imagem 3: Jovens em frente à loja Música Urbana. Fonte: página da loja Música Urbana na rede social Facebook

Apesar da proximidade, as dinâmicas socioculturais na Praça Rio Branco é totalmente diferente das que acontecem na loja Música Urbana. Durante os dias de semana encontra-se ali, nos horários diurno, transeuntes, alguns param ficam sentados nos bancos existentes, e passam também vendedores ambulantes. Na rua ao lado, assim como acontecia antes da

reforma, há o trabalho informal dos lavadores de carros que ficam estacionados nas proximidades.

Esta realidade se modifica no sábado, quando acontece o projeto “Sabadinho Bom”. Inicialmente este projeto era realizado apenas na época do verão e a sua primeira temporada aconteceu entre setembro de 2010 e fevereiro 2011. A segunda temporada começou em setembro de 2011 e estava prevista para acabar em fevereiro de 2012. Entretanto, a quantidade de público foi crescendo cada vez mais e estes passaram a reivindicar a continuação do “Sabadinho Bom”, fazendo com que os organizadores do evento o mantivessem mesmo na época do inverno, o que dificultava era o fato de nessa época chover com frequência e ali ser um espaço aberto.

Quando acontecia o evento nesta época, mesmo com as chuvas, o movimento não diminuiu, as pessoas passaram a levar guarda-chuvas para se proteger. Outras ficavam encostadas nas paredes dos prédios ou debaixo das várias árvores existentes na praça para se proteger da chuva. No início, eram instalados palcos descobertos, por isso quando chovia os músicos tinham que parar de tocar para não correr o risco de danificar seus instrumentos e o aparelho de som ou até mesmo de tomarem choque⁴⁷.

Outra mudança ocorrida na forma de ocupar os espaços se deu entre os vendedores ambulantes. Na primeira temporada e até meados de 2012, o público era pequeno, cabiam quase todos nas cadeiras disponibilizadas pela prefeitura e não existia uma organização dos vendedores ambulantes, que ocupavam o espaço que bem entendessem na praça. Mas com o aumento do público, a prefeitura passou a disciplinar o uso dos espaços, colocando-os um do lado do outro, seguindo os lados extremos da praça, deixando o espaço do meio para o público.

A partir das onze horas da manhã já começa um movimento de pessoas ali, começa a ser montado o palco e o sistema de som para os grupos de choro se apresentarem. São colocadas cadeiras para os espectadores, os vendedores ambulantes começam a se instalar também e a partir do meio dia começam as apresentações dos grupos de choro.

As apresentações duram até as 15h, podendo chegar até as 16h. O prolongamento do tempo do evento foi outra demanda do público. Havia muita reclamação por que o evento

⁴⁷ Um fato interessante foi quando um grupo de músicos que já tinha tocado em outra oportunidade neste projeto, estava na cidade para fazer um show com a cantora Roberta Sá, em outro evento, e foram convidados para fazer uma pequena apresentação na Praça Rio Branco. Segundo disseram, aceitaram na hora e foram bastante empolgados para o palco. Entretanto, logo que iniciaram a tocar começou a chover, mesmo assim continuaram, o público começou a se proteger da chuva, mas eles insistiam em tocar, até que o violonista de Sete Cordas balançando a cabeça se levantou falando que não dava pra tocar mais. Os outros demoraram mais um pouco, mas a chuva ficou tão forte que acabaram parando de tocar sem se quer terminar uma música.

acabava muito cedo. Para resolver o problema, os organizadores passaram a impor aos músicos um intervalo de meia hora durante suas apresentações, de forma que o evento se prolongasse, mas mesmo assim não satisfiz a demanda e passou-se a se reivindicar que mais grupos se apresentassem ao invés de só um por dia.

O público que frequenta o “chorinho”, como ficou conhecido o evento, é de todas as faixas etárias e gênero, e todos tem espaço ali. Geralmente os mais idosos se concentram na proximidade do palco e muitos ficam dançando lá na frente, como num verdadeiro “baile da terceira idade”. As famílias com as crianças ficam sentadas nas mesas e cadeiras disponíveis ali. Já os jovens, tirando exceções, durante as apresentações dos grupos de choro ficam mais afastados do palco, alguns até mesmo não gostam tanto da música do choro, e frequentam ali por outros motivos, diferentemente dos mais velhos que consomem esta música como forma de criar sociabilidades e também de reativar memórias do vivido no passado.

Acabando o “chorinho”, principalmente os mais jovens⁴⁸, se dirigem para o beco onde fica a Cachaçaria Philipéia. A ocupação deste espaço surgiu da necessidade de prolongar o movimento cultural que acontecia na praça e que sempre acabava cedo. Inicialmente, o movimento era pequeno, alguns jovens iam para lá para tomar uma cachaça, com caldos ou frutas de “tira-gosto”, sentados nos poucos banquinhos disponibilizados pela cachaçaria, enquanto escutavam um som vindo de uma caixa de som que tocavam forrós, sambas e choros.

Alguns sentiam falta de música ao vivo, como acontecia na Praça Rio Branco. Foi então por iniciativa de alguns desses frequentadores, que passaram a levar seus instrumentos e por conta própria começaram a se apresentar ali. A partir daí, a cada semana o movimento foi crescendo cada vez mais e aparecendo vários músicos e aspirantes a músicos dispostos a interagir. Cada um que levasse seu instrumento de percussão para acompanhar os violões, o cavaquinho e as vozes. O movimento chegou ao ponto que houve a necessidade de fechar a rua proibindo o trajeto dos carros enquanto acontecia a movimentação cultural.

À medida que o público foi crescendo, a passagem dos carros passou a atrapalhar as atividades culturais que passaram a acontecer ali. Surgiram então várias situações de conflitos entre os frequentadores e os motoristas dos carros. Um momento que chamou a atenção foi quando um grupo coibiu de um carro passar, com um dos jovens deitando sobre o carro e um ambulante colocou seu carrinho atravessando a rua, enquanto outro gritava “a rua é nossa”. Momentos depois deste acontecimento chegaram vários policiais dando início a uma

⁴⁸ Grande parte dos jovens prefere chegar no horário que acaba o “chorinho” e ir direto para o Beco da Cachaçaria Philipéia.

discussão. Foi então que Seu Carlos, dono da Cachaçaria Philipéia, interveio e pediu que o grupo de jovens liberasse a rua para os carros passarem. Depois desse episódio, ele se comprometeu em solicitar à prefeitura o fechamento da rua a partir da semana seguinte. E foi o que aconteceu. Depois desse dia todos os sábados a tarde o beco deixou a ser um lugar de passagem de carro, para se tornar um espaço cultural.

Inicialmente os músicos se apresentavam dentro da Cachaçaria Philipéia, até que a prefeitura passou a apoiar criando o projeto “Corredor Cultural” disponibilizando palco, sistema de som e cachê para os músicos. Este apoio não durou muito e os grupos que antes se apresentavam no beco, passaram a se apresentar no palco já instalado na Praça Rio Branco. Entretanto, não deixou de existir o movimento musical no beco, pois os músicos continuaram se apresentando de maneira espontânea lá e não parou de crescer a quantidade de pessoas ali. Ao ponto que Seu Carlos e os ambulantes decidiram formar parceria, cada um dando um apoio financeiro para alugar um sistema de som para os músicos se apresentarem e contratarem seguranças particulares.



Imagem 4: Músicos se apresentando dentro da Cachaçaria Philipéia. Fonte: desconhecida

Diante destas transformações nas formas de usar e ocupar os espaços na mancha de lazer da *Praça Rio Branco*, e no centro histórico como todo, resta agora apresentar no terceiro e último capítulo como os jovens e os grupos interagem e se mostram neste espaço, quais as sociabilidades, os conflitos, os modos de ser jovem através do consumo e produção da música, e do lazer.

CAPÍTULO 3. JOVENS EM “JAMPA”: ESTILOS DE VIDA, SONORIDADES, LAZER E PERFORMANCES MUSICAIS NO CENTRO HISTÓRICO

Apesar de o centro histórico ter passado por várias transformações e está passando, não resta dúvida que ele é hoje um dos principais espaços de lazer, e de produção e consumo de cultura dos jovens de João Pessoa. Aconteceu um esvaziamento na mancha do *Centro Histórico* devido principalmente ao abandono do poder público, mas outros espaços foram sendo ocupados de forma que ali sempre esteve presente uma forte movimentação cultural.

O principal espaço onde acontece esta movimentação hoje é na mancha de lazer da *Praça Rio Branco*. Quando andamos por ali nos dias de semana percebe-se uma pequena movimentação de pessoas, é mais um lugar de passagem de quem está no Centro seja a trabalho, para fazer compras no comércio ou em busca de algum serviço, mas esta realidade muda completamente no final de semana, principalmente no sábado, que é quando acontece o evento do “chorinho”. É quando ali se torna um verdadeiro espaço cultural, com apresentações musicais, de dança, e outras práticas culturais. Entretanto, isto não quer dizer que durante os dias de semana não exista uma movimentação cultural e predomine um silêncio, haja vista que estamos falando de um espaço urbano, cuja sonoridade ruidosa está presente e de maneira impositiva, como salientou Fortuna (1998).

Antes mesmo de chegar à *Praça Rio Branco* ao descer do ônibus no ponto escuta da *Lagoa* (audio_02), percebe-se uma sonoridade em que predomina os sons de várias músicas tocadas ao mesmo tempo, vindas dos carrinhos dos vendedores de CDs piratas, junto com os sons emitidos pelo motor e freio dos ônibus que param para alguns passageiros descerem e outros subirem (audio_01). Para quem desce do ônibus aquela sonoridade produz uma sensação de alívio de finalmente ter chegado ao seu destino, já para quem está na parada esperando os ônibus que vão para o seu destino, só aumenta a ansiedade pela sua chegada. Esta ansiedade cria uma sensação de intranquilidade nas pessoas, resultado direto também daquela junção de várias músicas tocadas ao mesmo tempo.

Seguindo em direção à *Praça Rio Branco* através da Rua Barão do Abiaí a sonoridade já começa mudar (audio_03). Por esta rua o que são mais perceptíveis são os sons das falas das pessoas, aliadas aos sons dos automóveis que passam e os oriundos das caixas de som colocadas em frente às várias lojas existentes neste percurso, que geralmente tocam músicas

populares. Em alguns momentos os locutores param a música e apresentam as promoções do dia.

Para quem está apenas de passagem por aquela rua, esta sucessão de várias músicas sendo tocadas, entrecortada por momentos de silêncio, dos sons das falas e dos automóveis é algo que também tira a sensação de tranquilidade, isto resultado também da grande quantidade de pessoas aglomeradas no pequeno espaço da calçada. O desconforto gerado pela sonoridade de ritmo não linear e atonal, e da concentração de pessoas em um espaço reduzido, é quebrado um pouco ao chegar à loja Música Urbana, ali o clima é outro pelo fato da música está presente de maneira mais clara e constante, sem outros elementos interferirem.

Logo na entrada loja encontram-se vários cartazes colados na vitrine divulgando os eventos culturais, com anúncios de vendas de instrumentos musicais usados e de cursos de música, entre outras utilidades. Já dentro da loja encontram-se CDs, vinis, camisas de bandas, entre outros objetos musicais. Sempre se encontra também pessoas conversando enquanto escolhem os produtos que querem comprar ou vender⁴⁹. Ao fundo escutam-se músicas num aparelho de som, principalmente rock.

As sociabilidades existentes na loja Música Urbana não se ver com tanta intensidade no espaço ao lado da Praça Rio Branco, quando não está acontecendo os eventos culturais, justamente porque a música não está presente. Neste momento o som da natureza é predominante pelo fato de ser um lugar bastante arborizado, e é somente interrompido vez ou outra pelos sons dos carros que passam nas ruas paralelas. Nestes horários predomina naquele espaço uma tranquilidade, encontram-se apenas algumas pessoas sentadas nos bancos disponíveis relaxando um pouco da “correria”, e da sonoridade ruidosa existente naquela região do Centro de João Pessoa, apesar de não totalmente.

Apesar do pouco tempo que eu conheço a praça eu gosto muito daqui. Eu particularmente na hora do almoço sempre venho para cá por que acho um lugar muito agradável, muito bonito, não é verdade? Bem ventilado e eu percebo também que as pessoas também gostam por que sempre vem para cá na hora do almoço pra conversar, para se encontrar. E de todas as praças do Centro ela é a única que tem árvore, toda hora tem sombra, e tem lugar pra sentar, é bem movimentado, é bem tranquilo! Não é aquela coisa meio agitada. (Larissa, funcionária da “Zona Azul”)

⁴⁹ A loja Música Urbana também compra produtos usados para a revenda.

Subindo mais um pouco, já no beco da Cachaçaria Philipéia a realidade também é totalmente diferente de quando acontecem os eventos culturais, a grande quantidade de pessoas aglomeradas naquele espaço não se faz presente. Ele se torna mais um lugar de passagem de carros, mas apesar de não ter um grande movimento como nos fins de semana, a Cachaçaria Philipéia sempre se encontra aberta e, principalmente no horário do almoço, se encontram algumas pessoas tomando uma “cachacinha” enquanto toca um som ambiente.

Esta realidade muda totalmente durante os eventos culturais, não só ali, mas nos outros espaços da mancha de lazer da *Praça Rio Branco*. É quando acontecem apresentações musicais ao vivo e a quantidade de pessoas aumenta consideravelmente. Uma oportunidade de lazer para os jovens de João Pessoa que até pouco tempo não existia.

Quando das primeiras idas a campo ainda não existia um movimento musical tão forte no beco da Cachaçaria Philipéia como acontece agora. O que atraía as pessoas era a movimentação cultural existente na Praça Rio Branco surgida após as reformas realizadas. Mas vale salientar que nestes primeiros momentos ainda não estava muito claro o que realmente iria pesquisar nesta dissertação. Frequentava aquele espaço mais por que queria apreciar as apresentações dos grupos de choro e encontrar com as pessoas conhecidas e amigos, apesar de ter em mente que as experiências vividas ali poderiam ser utilizadas numa futura pesquisa.

Comecei então indo todos os sábados com um grupo de amigos e chegávamos sempre em torno de meio dia quando iniciava as apresentações. Para nós todo aquele movimento cultural até então era uma novidade, mas com tempo este grupo que me acompanhava foi perdendo a empolgação de ir para lá e começou a chegar cada vez mais tarde, ou mesmo deixavam de ir, pelo fato de não serem tão apreciadores das músicas que se tocava ali, era comum dizerem a frase: “não aguento mais chorinho”.

Ir para o “chorinho” para alguns jovens virou quase rotina e isso fez criar em alguns deles uma falta de vontade de frequentar aquele espaço em alguns momentos. Um fato interessante foi quando estava conversando com um deles que não era tão assíduo naquele espaço quando chegou uma amiga sua que sempre frequentava, e durante a conversa ela comentou que já fazia algumas semanas que não ia para lá e parecia que estava num lugar totalmente diferente naquele dia.

Muitos destes jovens mais assíduos passaram a frequentar aquele lugar não pelo tipo de música que se toca ali, mas pela oportunidade do lazer no fim de semana que não fosse no horário noturno, algo que até então não era possível no centro histórico de João Pessoa. Esta novidade provocou uma mudança na rotina do lazer dos jovens de João Pessoa que passaram

a tirar as tardes de sábado para um momento de diversão, ampliando assim o tempo do lazer no fim de semana.

Assim que cheguei a Praça Rio Branco encontrei um amigo que estudou comigo no ensino médio, e não nos víamos desde então, fiquei então conversando um pouco com ele sobre as coisas vividas de quando estudávamos juntos, sobre os nossos amigos de lá, me falou que era a primeira vez que vinha para o “chorinho”, que estava no bairro do Bessa e um amigo ligou lhe chamando, ele disse: “é bom que começa cedo, geralmente dia de sábado só saio mais a noite, mas tem este samba aqui aí eu vim”, falei então que estava indo para o beco, ele, junto com um amigo me acompanhou até lá, quando chegamos o movimento que acontecia o surpreendeu, falou que ia começar a ir toda semana. (Diário de campo, 20 de outubro de 2011)

Antes de existir o “chorinho”, o lazer dos jovens nos fins de semana no centro histórico se dava apenas nos horários noturnos, principalmente nas sextas e nos sábados, com exceção dos encontros na loja música urbana. E o surgimento deste novo espaço possibilitou a ampliação das atividades de lazer e uma diversificação maior do público que frequenta o centro histórico. Alguns grupos que até então não tinham aquele lugar como um espaço para o lazer passaram a incorporá-lo no seu cotidiano.

A revitalização da Praça Rio Branco evidenciou uma amplitude ainda maior do território do Centro Histórico, antes muito limitado a Praça Anthenor Navarro. O Centro Histórico de João Pessoa é amplo, com muitos focos de manifestações culturais. Este caso específico é muito interessante, pois demonstra a relação que a cidade mantém com o território, não somente participando da programação, mas fazendo acontecer e contribuindo para sua vida cultural, gerando dinâmicas coletivas de ocupação. Hoje os sábados são longos e a programação cultural da cidade começa desde as 12h e se estende até a noite. Ao passar das horas, há uma rotatividade de públicos, sendo a programação mais cedo voltada para as famílias e ao longo do dia, as pessoas vão se somando. (Alexandre, produtor cultural e membro do Varadouro Cultural, entrevista em 20/01/2013)

Mas apesar de que mesmo tendo acontecido esta inovação da *Praça Rio Branco*, de acordo com Rayan, produtor cultural e um dos gestores do Coletivo Mundo, ainda não foi suficiente para suprir a demanda de lazer por parte de alguns jovens que frequentam o centro histórico. E é o que se percebe nos discursos de grande parte deles que vêem a cidade como “parada” com relação ao aspecto do lazer, predominando um marasmo.

Foi na inquietude de estar nesta condição de tédio que Rayan e uns dos seus amigos partiram promover uma movimentação cultural no centro histórico de João Pessoa com a formação do Coletivo Mundo.

Rafael - Como é ser jovem em João Pessoa?

Rayan - Cara é difícil para “caramba” e eu acho que foi por isso, por que assim, antes de eu ser produtor, ou gestor que seja, eu era músico. Eu era moleque que gostava de rock, que tocava bateria e era músico. Era isso que eu queria fazer pra minha vida só que justamente por ser jovem em João Pessoa é muito difícil por que falta opção, as coisas começam depois pára. Não tem continuidade. E nessa inquietude mesmo a gente partiu para tentar, eu com mais alguns amigos, a gente pensou “velho a gente precisa fazer alguma coisa, os espaços fecharam, os festivais acabaram, a gente precisa fazer alguma coisa. Foi quando começou o festival que o objetivo era dar visibilidade ao que tava sendo feito aqui, era conseguir ter um espaço bacana para que a galera se apresentasse. Para que o público tivesse acesso a isso também, por que a gente sabia que tem um público que gosta desse tipo de produção, mas que não tava acontecendo nada. Então foi mais justamente nessa inquietude do ser difícil ser jovem na cidade pra partir ah! vamos fazer alguma coisa. Vamos começar a produzir. Vamos criar esta alternativa que a gente ver que está faltando.

Hoje o Espaço Mundo é um dos espaços onde mais acontecem eventos culturais no centro histórico e que atraem um grande público jovem de classe média, chamados de “alternativos” por grupos estrangeiros.

3.1. Juventudes, música e lazer

Na mancha da *Praça Rio Branco* se faz presente uma maior quantidade e diversidade de grupos. Mesmo o foco aqui sendo um lugar propício ao lazer, e à produção e consumo das músicas pelos jovens, não se pode dizer que exista uma homogeneidade dos mesmos pela diversidade das suas práticas neste espaço.

De acordo com Pais (1990) existe uma tendência a olhar para as práticas de lazer dos jovens como um “domínio de práticas culturais homogêneas”. Neste ponto de vista as práticas culturais que envolvem o lazer são tidas como específicas e até mesmo restritas a uma *fase da vida*, a da juventude. Entretanto o que se percebe na mancha de lazer da *Praça Rio Branco* é uma diversidade de práticas culturais que impedem uma generalização deste tipo, além do mais existem outros grupos etários que fazem uso daquele lugar.

Um que merece destaque é o grupo dos idosos. Durante as apresentações dos grupos choro e de samba no projeto “Sabadinho Bom” é grande a presença deles. Geralmente ficam nas proximidades do palco, alguns dançando sozinhos ou acompanhados. Este grupo é uma atração a parte para quem vai assistir as apresentações ali, suas performances estão em sintonia com as performances dos músicos no palco, o que torna difícil separar um do outro.

Existe uma interação entre eles. Quando os músicos tocam choros mais conhecidos como “Brasileirinho” de Waldir Azevedo, ou “Espinha de Bacalhau” de Severino Araújo, os que estão sentados levantam e chamam seus pares para dançar, quando não dançam sozinhos mesmo, isto varia também de acordo com o estilo de choro que está sendo tocado no momento, se for mais melódico e mais lento no andamento leva a chamar o outro pra dançar, se for mais acelerado e no ritmo do samba se dança só. Ao mesmo tempo existe uma interferência do público nas práticas musicais, pois os músicos ficam atentos a reação dos mesmos quando executam determinadas músicas, e também aos pedidos feitos pelo público para que se toque determinadas músicas, que quase nunca são negados.



Imagem 5: Durante a apresentação da cantora Poliana Resende. Foto: Rafael Pontual

Para estas pessoas ir para o “Sabadinho Bom”, ou “chorinho” como é mais conhecido este evento, é um momento de sociabilidade que é raro para a faixa etária em que estão atravessando, tida na nossa sociedade como fazendo parte da etapa da vida onde acontece o fim social. O pensamento predominante é que a debilitação do corpo advindo com o avanço da idade impede estas pessoas de terem momentos de lazer. Entretanto, isto não se percebe neste grupo mais assíduos, a forma como se entregam na dança mostra o quanto o lazer é importante para eles, ainda mais pelo tipo de música que se toca ali, o choro, que possibilita

aos mesmos reativarem memórias dos tempos vividos no passado, quando esta música estava no seu auge.

De maneira inversa, como já foi colocado, na nossa sociedade o ponto de vista comum é que na juventude o lazer é predominante, como se ele fosse até mesmo exclusivo desta fase da vida. Esta é uma forma olhar para a juventude de maneira estática⁵⁰, esquecendo que ela se trata de uma construção social⁵¹, ou seja, é difícil fazer generalizações sobre o que é ser jovem tendo em vista que não é algo pronto.

A juventude é efetivamente o momento das tentativas sem futuro, das vocações ardentes, mas mutáveis, da “busca” (a do cavaleiro medieval) e das aprendizagens (profissionais, militares, eróticas) incertas, sempre marcadas por uma alternância de êxitos e fracassos. (LEVI E SCHMITT, 1996, p. 6)

Portanto não se pode definir juventude partindo de uma determinada prática deste grupo etário como a do lazer. Isto porque os caminhos percorridos pelo mesmo são os mais incertos possíveis. Além disso, como salienta Dumazedier (1976), o lazer não suprime totalmente as obrigações dos jovens com o trabalho e a família, que para ele são determinantes, apesar de que com o avanço de um estágio pós-industrial o lazer vem atuando cada vez mais sobre estas instituições.

Aqueles que, em nome de novos valores culturais que o lazer encerra (sobretudo nas gerações jovens), anunciam a regressão das obrigações familiares, a crise, até mesmo a dissolução da família, esquecem ou eliminam arbitrariamente a primeira série de fatos, a sua “teoria” não passa da expressão de uma ideologia a priori abstrata, mais ou menos niilista, anarquista ou hedonista. (DUMAZEDIER, 1976, p. 45)

O que verifiquei entre alguns jovens durante a pesquisa, principalmente entre aqueles que trabalham como produtor cultural no centro histórico foi que as instâncias do trabalho, estudo e lazer estão entrelaçadas. Para estes jovens quando estão nos momentos de lazer neste espaço, não conseguem tirar a preocupação com os problemas do trabalho e dos estudos, e nem têm interesse fazer esta separação.

⁵⁰ “A sociedade plasma uma imagem dos jovens, atribui-lhes caracteres e papéis, trata de impor-lhes regras e valores e constata com a angústia os elementos de desagregação associados a esse período de mudança, os elementos de conflito e as resistências inseridos nos processos de integração e reprodução social.” (LEVI E SCHMITT, 1996, p. 8)

⁵¹ “A juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo.” (PAIS, 1993, p. 31)

Rafael - Nos momentos de lazer, consegue se desprender do trabalho, ou do estudo?

Alexandre – Para mim muitas vezes trabalho, estudo e lazer se misturam. Me divirto muito com meu trabalho e tenho estudado assuntos muito interessantes, que me instigam a compartilhá-los a todo momento. Então, nem sempre consigo me desprender, mas também nem sempre o quero.

O fato de trabalharem no centro histórico é muito mais do que simplesmente uma forma de ter uma fonte renda, para eles é também uma forma de fortalecer o sentimento de pertencimento àquele lugar e de agir politicamente sobre o ele no sentido de transformá-lo culturalmente.

É preciso entender que eu falo sob a ótica não somente de quem trabalha no Centro Histórico, mas como alguém que, antes de tudo, tem uma relação afetiva com aquele lugar. Então, atuar ali é também uma atitude, uma escolha política de fortalecer o território de uma cena independente que ainda tem muito a avançar. É uma escolha que faço com prazer e de forma consciente. (Alexandre, produtor cultural e membro do Varadouro Cultural, entrevista em 20/01/2013)

Portanto, trabalhar com cultura no centro histórico de João Pessoa é para eles algo que ao mesmo tempo em que gera renda, é um divertimento, algo sempre “instigante”, apesar de sentirem a necessidade de em alguns momentos irem para outros lugares, para se divertir sem se preocupar com questões pendentes no trabalho, para ficar mais “de boa”.

Tipo, o que eu faço é o que me estimula, então, é meio que tudo mistura, assim é muito doido por que a preocupação do trabalho é a preocupação do lazer também por que depois aquilo vai me dar um prazer do “caralho” vendo acontecer saca? É mais às vezes é preciso assim, às vezes é preciso dar uma desligada total, passar um dia sem computador, mas é complicado conseguir desligar por que a cultura é tão dinâmica né? Então às vezes os planejamentos que você faz às vezes não sai como você queria, e você também não pode desesperar por isso, você tem que estar pronto pra ser flexível, é, se preparar para o pior, esperar o melhor e se contentar com o que vier, mas seguir em frente, mas raras vezes dá pra tirar um dia, ir pra uma praia, ficar mais de boa. No centro histórico é difícil você ir e não pensar em trabalho por que a galera já lhe conhece, então lhe acessa, você já começa a pensar em trabalho, e ao menos pra mim ali é diversão total saca, eu vou para lá só pra tomar uma cerveja e dar uma relaxada a noite, acabo passando um noite inteira articulando um monte de coisa, conversando e para aquilo é estimulante pra “caralho”, pra mim é se divertir, tudo junto. (Rayan, produtor cultural e um dos gestores do Coletivo Mundo)

Para os jovens que não trabalham no centro histórico o lazer no mesmo não é tão constante e pleno, pelo fato das obrigações com o mundo do trabalho e da família interferirem. Um deles me falou que deixava de ir algumas vezes para o “chorinho” no

sábado, ou quando ia chegavam já no final do evento, por ser um dia específico que ajuda a sua mãe em algumas atividades, ou mesmo deixava de ir por preferir ficar em casa descansando das ocupações do estudo durante a semana.

Rafael - Com que frequência tu vai ao centro histórico para se divertir?

Claudio – É, para a Praça Rio Branco geralmente umas duas vezes no mês, uma ou duas vezes por mês. O problema é porque o horário não é muito bom, chegar de meio dia, então, geralmente eu almoço um pouco mais tarde lá m casa aí quando eu chego, geralmente eu chego no final umas três pra quatro horas e já está terminando. Então raramente eu chego um pouco mais cedo do horário de meio dia, então é muito cedo este horário para mim dia de sábado, que minha mãe faz feira, aí tem que arrumar as coisas em casa, o almoço já sai um pouco mais tarde, então infelizmente [...]

[...] O único problema realmente é que é dia de sábado, aquele dia que você quer descansar, ficar um pouco mais em casa, principalmente a tarde, quer um pouco relaxar, e aí fica muito cedo meio dia para mim que eu moro no Brisamar que já não fica tão perto, mas enfim, mas quando posso eu vou por que eu gosto, apesar de que realmente neste últimos tempos por conta de minhas ocupações sábado ta ficando mais um dia de descanso do que diversão...

Não se pode dizer que exista uma homogeneidade entre os jovens que frequentam o centro histórico, que suas vidas giram somente em torno do lazer naquele espaço e que as práticas que envolvem o último se dão forma igual para todos. Como se viu, alguns jovens vivenciam o lazer ali de maneira mais intensa do que outros, nem mesmo na *Praça Rio Branco* existe esta homogeneidade, são várias as formas de experienciar o lazer naquele lugar.

Entretanto, pode-se dizer que o que mais atrai os jovens para frequentar aquele lugar é a possibilidade de consumir e produzir a música, que como bem colocou o produtor cultural Alexandre, é o “carro-chefe” da vida cultural no centro histórico.

Rafael– Enquanto produtor cultural como você ver a música no centro histórico?

Alexandre- A música é o carro-chefe da vida cultural do centro histórico. É o que atrai a maior parte de seu público, ávido por boa música e pela cena autoral da cidade. Hoje, o orçamento da área de música é um dos maiores dentro do orçamento global da cultura no município. É preciso, no entanto, que as políticas públicas sejam capazes de investir de forma significativa, de maneira que profissionalize os músicos e a cadeia produtiva. Hoje, a produção musical paraibana é referência para todo o país. Grupos como *Cabruêra*, *ChicoCorrea&EletronicBand*, *Escurinho*, e tanto outros, são expoentes de uma cena musical de alto valor estético.

Utilizando de uma categoria dos jovens de João Pessoa, pode-se dizer que a música é o que dá a “instiga”⁵² para frequentar o centro histórico no momento de lazer. Ela aparece também como “organizadora social do tempo” (Martín-Barbero, 2008). Utiliza-se da música como forma de tornar mais prazeroso o tempo de descanso dos estudos ou do trabalho, ou mesmo o excesso de tempo livre e a longa ‘fila de espera’ para encontrar trabalhos por parte de alguns.

A juventude aliou o modo de organizar, ou melhor, de dar forma ao amorfo tempo do ócio/sem trabalho desdobrando-se *ritmicamente* para erradicar sua chateação intrínseca. E nenhum outro “cadenciador” – que formata as mais diversas atividades/conteúdos – é melhor que a música, pois ela mesma é uma organização abstrata do tempo e revelação da mais profunda especificidade do estético. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 16)

Porém, além da música existem outros atrativos que levam os jovens a frequentarem a *Praça Rio Branco* como a possibilidade da paquera, do encontro com um amigo, de consumir bebidas alcoólicas e outras drogas, entre outros. Diante disto, não se pode generalizar um tipo de juventude que frequenta aquele espaço, pela multiplicidade de elementos que envolvem suas práticas culturais, que varia de um grupo para outro, como também, de um indivíduo para o outro.

Rafael - Quando tu vais à *Praça Rio Branco* o que lhe atraí?

Pedro - Ah! Primeiro eu sempre gosto de visitar o Centro Histórico pra mim é um espaço privilegiado, acho que qualquer espaço que tiver eventos lá no Centro Histórico eu sempre irei para privilegiar, segundo as pessoas, na verdade as pessoas que frequentam geralmente lá são pessoas que já tem o costume de ir noutros espaços de exposições, de shows, de peças de teatro, quer dizer é um grupo cultural com uma certa... num é uma elite cultural que frequenta este espaço... Então assim! São as mesmas pessoas de sempre, pode ser bom ou ruim dependendo de cada um né? Mas são pessoas que tenho um certo conhecimento, e fora logicamente música boa, agradável, que você não encontra em qualquer espaço, qualquer lugar...

Durante o trabalho de campo na *Praça Rio Branco* foi verificado que a música realmente aparece como “carro-chefe” ali. Era principalmente a partir dela que se

⁵² Utiliza-se esta categoria para designar a empolgação, a volição, o desejo de manter as práticas de lazer por um longo período de tempo. Dependendo da “instiga” pode-se “imendar” ou “esticar” para vários e incertos espaços que possibilitam a diversão, ou seja, busca-se prolongar o tempo lazer através da circulação entre vários lugares e vários grupos. Outra categoria que está ligada a esta é o “viroti”, utilizada quando o lazer começa num dia e termina noutro dia sem intervalo para descanso, ou para dormir.

processavam as sociabilidades, como também aconteciam situações de conflitos, ela aparece tanto como elemento de agregação como de diferenciação.

3.2. Diferenças e desigualdades de classe no centro histórico

Ao olharmos para as dinâmicas sociais que envolvem a produção e o consumo da música no centro histórico, percebe-se uma diferenciação e desigualdade de classe. Ao mesmo tempo em que ali é um espaço historicamente ocupado por grupos populares, as “revitalizações” fizeram com que grupos de classe média passassem ocupar seus espaços. O centro histórico passou a ser atrativo para estes grupos, tanto do ponto de vista econômico como cultural, um lugar que, segundo os pesquisados, tem uma “vibe” diferente, por estar presente uma música “boa”, “agradável”, “alternativa”, e onde se concentra uma “cena musical de alto valor estético” da Paraíba.

Estas classificações partem principalmente de um grupo que um dos entrevistados chamou de “grupo cultural”, uma espécie de “elite cultural”. Este grupo é formado por pessoas em sua grande maioria de classe média, universitárias, que costumam ir com frequência ao centro histórico, do qual têm um forte sentimento de apego. Geralmente trabalham com arte ou têm um forte interesse pela mesma, e pensam o centro histórico como um território onde deve predominar músicas que estão fora do grande mercado da música.

Para este grupo deve-se predominar no centro histórico estas músicas pelo seu aspecto de originalidade e, acima de tudo, por ter uma independência com relação aos padrões estéticos impostos pelo grande mercado da música, por isso estão à margem da mesma. É, portanto, uma forma de olhar para a produção musical no centro histórico de maneira política, como contraponto à indústria cultural.

O centro histórico é o território criativo da cidade. É o espaço de convergência entre as tribos urbanas, entre os agentes culturais, e um pólo agregador da diversidade, onde pode se achar programação cultural de diversos segmentos e para os gostos mais variados. A cena rock, hardcore e metaleira é muito expressiva, assim como os grupos de reggae raiz e grupos musicais com pegada mais regional. Há espaço para todos os ritmos e gostos apesar de ser perceptível certa seleção quanto a ritmos como o forró de plástico e o axé, que acabam não encontrando espaço entre o público que lá frequenta. Particularmente acho positivo pois o centro histórico fortalece as bandas de música autoral e grupos que elevam a qualidade estética do que se produz hoje na cidade e no estado. (Alexandre, produtor cultural e membro do Varadouro Cultural)

Este grupo ver não só a *Praça Rio Branco*, mas o centro histórico como todo, como um território que não deve estar presente a música considerada de mais baixo nível, ligada a cultura de massa. E para isso mantêm-se um debate constante em torno de uma política cultural para o centro histórico, até mesmo através de grupos organizados⁵³ como o Varadouro Cultural⁵⁴, e o próprio Coletivo Mundo.

Vejo assim o papel da gente como de provocador e ao mesmo tempo como de liga de algumas pessoas, de algumas entidades também. Desde 2005 que a gente faz ação no centro histórico, a gente começou com Festival Mundo. Só em 2009 que a gente foi ter o nosso próprio espaço, que é o Centro Cultural Espaço Mundo, então desde que a gente teve o nosso próprio espaço que a gente começou a mais fortemente falar sobre o centro histórico, a gente já falava, quando a gente produzia o Festival Mundo, pode ver nos jornais, tudo mais, a gente sempre falava, “olha agente escolheu o centro histórico, a gente acredita no centro histórico, é o território para a galera ocupar com cultura, pra dinamizar o espaço”. (Rayan, produtor cultural e um dos gestores do Coletivo Mundo)

O grupo que faz contraponto ao “grupo cultural” é o formado por pessoas das classes populares, e que consomem músicas que estão nas paradas de sucesso. Para o “grupo cultural” tocar estas músicas no centro histórico descaracteriza o lugar que tem o aspecto de estar dentro da área reconhecida patrimônio histórico e cultural nacional, daí a preocupação em restringir a um determinado tipo de cultura. Foi o que se percebeu quando acontecia o chamado “Sambão”, falado antes, e o que se percebe no evento do “chorinho”. Durante o trabalho de campo presenciei vários momentos de conflitos entre estes grupos, estas diferenças eram percebidas também nos seus discursos.

A movimentação cultural que existe hoje no beco da Cachaçaria Philipéia surgiu principalmente a partir de uma ocupação realizada de uma maneira espontânea por alguns frequentadores do projeto “Sabadinho Bom”, apesar de ter existido outras ocupações anteriores daquele espaço. Estes frequentadores eram principalmente jovens universitários de classe média, com um gosto musical mais requintado.

Entretanto, a partir do momento que a movimentação cultural foi crescendo ali, outros grupos passaram a frequentá-lo, promovendo uma flexibilização nas dinâmicas de produção e

⁵³ No seu grupo na rede social Facebook, o Varadouro Cultural é formado por 117 membros.

⁵⁴ Vale salientar que o que chamo de “grupo cultural” não se trata do “Varadouro Cultural”, este último é um grupo mais organizado, formado por produtores culturais, músicos, atores, empreendedores, etc., que na sua maioria trabalham no bairro do Varadouro, em que suas preocupações são com questões mais amplas sobre a política cultural para o bairro, principalmente questões ligadas as políticas públicas para a cultura, apesar de que este debate mais amplo travado entre eles, estar inserido também a preocupação com que tipo de música que deve estar presente no Centro Histórico.

consumo da música naquele espaço. Começou a acontecer uma “popularização”, com a presença cada vez maior de grupos populares, e as músicas que estão mais nas paradas de sucesso passaram a se fazer presente. Isso desagradou boa parte dos primeiros frequentadores daquele espaço, o que se ouvia era que estava se tornando “bagunça”, que ali era para se tocar música consideradas de qualidade, e que esta a massificação poderia trazer violência e pondo fim àquela movimentação cultural, como aconteceu com o “sambão”.

Numa entrevista recente ao jornal Estadão (anexo 05), o antropólogo Hermano Viana comentou sobre a ausência de uma cultura vinda do mundo de “baixo” na grande mídia e fez a seguinte metáfora: é como se a grande mídia fosse um disco voador sobrevoando o país, sem nenhuma conexão com o mundo de “baixo”, que começa a penetrar a fuselagem da nave incomodando seus finos tripulantes.

Utilizo desta mesma metáfora para entender estas dinâmicas culturais na mancha de lazer da *Praça Rio Branco*, mais especificamente no beco da Cachaçaria Philipéia. O disco voador seria a “elite cultural” de João Pessoa que tem a preocupação em manter aquele espaço exclusivamente para o choro e o samba tradicional, para a música considerada autêntica da Paraíba, e de alta qualidade estética. Mas acontece que os grupos populares, de “baixo”, estão cada vez mais ocupando aquele espaço e trazendo consigo uma musicalidade própria que incomoda os fino tripulantes do “chorinho”. Surgiram, então, divergências percebidas nos discursos e nas performances musicais, que gera diferenciações dos grupos ali.

3.3. Discursos e performances musicais na mancha da *Praça Rio Branco*

Durante as apresentações no projeto “Sabadinho Bom” na Praça Rio Branco percebe-se que boa parte dos jovens geralmente ficam nos espaços mais afastados do palco. Nestes espaços a música que está sendo tocada no momento não interfere tanto na comunicação⁵⁵ entre eles. A distância do palco possibilita escutar os sons com menos potência e os olhares não são direcionados para as performances dos músicos, isto permite aos jovens darem atenção a outros elementos das dinâmicas socioculturais que se processam ali.

O que mais interessa para alguns desses jovens quando estão naquele espaço é a conversa com os amigos e conhecidos, enquanto tomam uma cerveja, comem um churrasquinho, etc., do que propriamente apreciar as performances dos músicos e a própria música. Uma vez estava conversando com um deles e comentei sobre o meu interesse em

⁵⁵ Segundo Fortuna (1998, p. 55), “a excessiva presença de campos sonoros supostamente mais melodiosos, como é o caso da música, pode interferir na qualidade da comunicação”

pesquisar o consumo da música naquele espaço, de como os jovens se relacionavam através da música, ele me disse então que não interessava tanto que tipo ou qualidade de música que estava sendo tocada ali, frequentava mais para encontrar os amigos e tomar uma cerveja.

E realmente o que percebi por parte dele foi uma falta de interesse na música que tocava naquele ambiente, ficava a maior parte do tempo conversando, só em raros momentos ele deixava de conversar, o que permitia prestar um pouco mais de atenção na música. Mas apesar do desinteresse dele em escutar atentamente os choros tocados ali, principalmente porque seu gosto musical é do rap, pode-se dizer que a música naquele contexto interfere na suas sociabilidades e intersubjetividades, pelo fato de mesmo ele não gostando do tipo de música, não tem como fugir da sonoridade, o ato de ouvir independe da vontade humana, diferente do olhar.

Por isso, os olhares do público que fica nos espaços mais distanciados do palco não ficam direcionados para o último, não se fica observado quais músicos estão tocando e como estão tocando, dar-se atenção mais a outros elementos das dinâmicas culturais naquele espaço. Geralmente as pessoas ficam em pé conversando, olhando um para o outro, quando não ficam sentados nas cadeiras disponibilizados pela prefeitura, colocadas em forma de círculo sem estar direcionadas para o palco.



Imagem 6: Pessoas conversando na Praça Rio Branco. Foto: Rafael Pontual

Ao mesmo tempo em que a presença excessiva da música, ainda mais do choro que é uma música instrumental e bastante melodiosa atrapalha a comunicação (audio_06), ocorre

também o inverso, quando a comunicação se dá em sua plenitude a música passa a estar em segundo plano, o foco é no que outro está dizendo (audio_07).

Este comportamento muda cada vez que chegamos mais próximo ao palco, ali os olhares são direcionados para as performances dos músicos. Pelo fato do choro ser uma música instrumental, a atitude do público é bem mais de prestar atenção à música. O público ali é bastante observador das atitudes e das falas dos músicos, das suas musicalidades, dos instrumentos musicais que estão tocando e como estão tocando, das sonoridades específicas de cada grupo que se apresenta, etc.. Em alguns momentos viram até mesmo críticos musicais.

Pelo fato do choro ser uma música antiga, até certo ponto tradicional, existe a resistência por parte de alguns quanto a sua modernização, principalmente por parte dos mais idosos. Para este grupo o choro “autêntico” tem que ser feito basicamente com violão, cavaquinho, pandeiro e bandolim. A colocação de qualquer outro tipo de instrumento é considerada a descaracterização desta música. A origem do ritmo tocado também pode descaracterizar segundo eles, tem que se tocar sempre ritmos brasileiro.

Um acontecimento interessante foi durante a apresentação do músico Armandinho. Na sua performance estava utilizando da guitarra baiana, uma espécie de guitarra americana em miniatura, e tocava as músicas num estilo mais rock, abusando dos efeitos que distorcem a sonoridade natural do instrumento e com improvisos técnicos. Isto desagradou bastante aos adeptos do choro tradicional a ponto de alguns irem até o músico reclamar, que respondeu dizendo que já tinha tocado no Clube do Choro de Brasília, um espaço cultural que é referência no choro no Brasil, e ninguém tinha o repreendido por estar tocando num estilo mais moderno.

Entretanto, mais do que pelo fato de estar descaracterizando esta música percebe-se que esta reclamação se deve também por que para este grupo tocar um choro mais modernizado, ou mesmo outros gêneros musicais, é uma forma de descaracterização da Praça Rio Branco, que se tornou o lugar do “chorinho” e tem o aspecto de ser um lugar histórico. O choro tradicional tocado ali dá um clima de passado àquele lugar.

Era comum escutar das pessoas quando os grupos que se apresentavam tocavam músicas de origem estrangeira como jazz, blues, soul, etc. que ali não era ambiente para se tocar estes gêneros musicais.

[...]Tinha chegado ao chorinho era doze e meia, mais ou menos. Lá encontrei com os amigos que estava me esperando e fiquei junto deles. Um momento

chegou um músico conhecido por Baixinho do Padeiro para conversar comigo. Durante a conversa ficou criticando o grupo que se apresentava no momento por não estarem tocando o choro tradicional. Estavam tocando jazz e outros ritmos americanos com instrumentos típicos destas músicas. Baixinho falou então que estava faltando cavaco, pandeiro e bandolim, que o choro só pode ter no máximo uma sanfona de instrumento diferente. Um momento quando acabou a apresentação de umas das músicas, ele então gritou para os músicos no palco, “cadê o choro?”, “vamos tocar choro!” (Diário de campo, 3 de Dezembro de 2011)

A cultura do choro em João Pessoa não surgiu a partir de quando a Praça Rio Branco foi reformada e passou a acontecer o projeto “Sabadinho Bom”, existe uma tradição de músicos e compositores destas músicas nesta cidade. Entre os mais conhecidos está Severino Araújo, que também era maestro da Orquestra Tabajara, uma das mais conhecidas orquestras populares do Brasil.

Existe também o Clube do Choro da Paraíba, funcionando na sede da Ordem dos Músicos do Brasil na Paraíba, que antes de acontecer o “chorinho” na Praça Rio Branco era o principal espaço aglutinador dos músicos e apreciadores do choro em João Pessoa. Ele ainda é um espaço que todos aqueles que gostam do choro frequentam, mas como se trata de uma associação, existe uma organização e uma burocracia que torna o público restrito.

Isto fica bem claro no estatuto deles que diz que o objetivo da associação é

[...] congregar todas as pessoas admiradoras do choro e que vêm nessa expressão musical a origem da música popular brasileira; promover e estimular a integração e o desenvolvimento musical dos seus associados; promover encontros, saraus e shows com a finalidade de divulgar o choro; e manter convênios, parcerias e intercâmbios com outras entidades cujo objetivo seja idêntico ao seu (ASSOCIAÇÃO CLUBE DO CHORO DA PARAÍBA, 2009. pag. 3. apud BASTOS, 2010).

Numa pesquisa etnomusicológica, Bastos (2010) verificou que a performance musical do Clube do Choro da Paraíba está fundada sobretudo em dois núcleos centrais: o “resgate da tradição”, vinculado à “boa música”, e relação com o público, agradando os ouvintes. Naquele espaço existe uma restrição nas performances dos músicos, pois só se podem tocar músicas antigas que são consideradas de melhor qualidade, além da exigência de serem músicas brasileiras.

Paira sobre o CCP⁵⁶ uma espécie de nostalgia, uma vontade de reviver um determinado período da história da música popular urbana brasileira, possivelmente a era do rádio, período no qual, segundo eles, a “boa música” existia. (BASTOS, 2010, p. 299)

⁵⁶ Clube do Choro da Paraíba

E para manter esta proposta musical mesmo havendo uma liberdade para qualquer músico subir e tocar no palco durante as performances do grupo, desde que tenha a carteira de músico profissional fornecida pela Ordem dos Músicos do Brasil, existe um controle no acesso. Geralmente só sobem ao palco músicos que se conhecem e que são conhecidos seus repertórios musicais.

O pensamento nostálgico que se encontra entre os músicos e o público do Clube do Choro da Paraíba também está presente também entre alguns frequentadores do “chorinho” na Praça Rio Branco, como já foi colocado. Entretanto, como se trata de um espaço público não existe um controle tão grande no acesso e tipo de público, o que permite a presença dos mais variados grupos, com os seus mais diversos gostos musicais.

A principal diferença para os músicos que tocam o choro num espaço aberto como da Praça Rio Branco é a possibilidade de aglutinar uma quantidade maior de pessoas, desde aquelas que apreciam o choro, mas não frequentavam os espaços onde se toca esta música em João Pessoa, muito pelo acesso restrito do Clube do Choro da Paraíba, como também aquelas pessoas que não gostavam, ou não a conheciam, e passaram a ter contato com esta música a partir de quando passou a acontecer o projeto “Sabadinho Bom”.

Este evento é também uma oportunidade para os jovens consumirem esta música. Existe um pensamento comum que só pessoas com idade mais avançada gostam do choro, principalmente pelo fato de ser uma música antiga que teve seu auge no final do século XIX e início de XX, e de ser uma música bastante melodiosa e de origem brasileira. O que observei na Praça Rio Branco foi a presença de muitos jovens durante as apresentações dos grupos de choro, e em conversa informal e entrevistas com alguns deles disseram que iam por que realmente gostavam de choro, mesmo não sendo a preferência de alguns.

Assim, chorinho sempre teve aqui em João Pessoa só que era diferente, por exemplo, tem o Clube do Choro que toca lá na ordem dos músicos, só que era um dia de semana, num horário que era só uns “coroas” que iam, eu só fui uma vez, mas assim era muito restrito, ninguém mal sabia, muito mal divulgado, num espaço pequeno, quer dizer, diferente, então se você for analisar como está acontecendo, ah! Assim, que estes movimentos recentes é ambiente aberto, público, em frente a um bar, estas coisas, não é aquela coisa restrita, é algo aberto, ampliado, para alcançar o máximo de pessoas possíveis. [...] Assim não tem uma periodicidade que vá, eu nem acompanho a programação quem é que vai tocar ou não, eu sei que assim, sei que vai rolar alguma coisa no sábado, mas, o que vai rolar geralmente não tenho muito esta preocupação, assim, até por que até um pouco de confiança que sempre vem bons grupos, boas músicas, então não tenho muito essa preocupação, ah! Quem que vai tocar no dia? (Inocência, estudante universitário, entrevista em 07/11/2012)

Portanto, não existe uma restrição etária para o público que vai apreciar o “chorinho” na Praça Rio Branco. Apesar de haver a tendência de olhar para o choro pelo aspecto do tradicional, da nostalgia, que leva a pensar que só pessoas mais velhas gostam, existem jovens que também gostam da sonoridade de “passado” que estas músicas trazem, a prova disto é que o vinil está na moda entre eles. Mas, além deste aspecto, o choro como qualquer cultura musical passou por transformações e hoje já incorpora elementos sonoros da música pop, de sonoridade *high-tech*, que faz parte de uma cultura juvenil.

Portanto, a restrição do público através do gosto musical existente, mesmo que não intencionalmente, entre os músicos que se apresentam no Clube do Choro da Paraíba não se percebe entre os músicos que tocam na Praça Rio Branco. Nos discursos dos últimos percebe-se o interesse em compartilhar suas músicas para um público cada vez maior e diverso. Isto ficou claro quando umas integrantes do grupo Choro das Três durante uma apresentação comentou sobre a presença da imprensa televisiva cobrindo o evento, de como era importante para a propagação do choro enquanto música brasileira para um público cada vez maior.

Para os músicos tocar no espaço da Praça Rio Branco é uma oportunidade rara de se apresentar para um grande público, tendo em vista que o choro é uma música que pode ser considerada como uma música de câmara, quase sempre tocada em espaços menores e para um pequeno público. Por isso, aquele espaço se tornou referência para os músicos de choro não só no âmbito local, mas nacional. Por lá passaram grandes nomes como Henrique Cazes, Zé da Velha, Hamilton de Holanda, entre outros.

Acho ótimo tocar para o público em João Pessoa. O paraibano é muito musical. Observo que há um público fiel nos sábados, para prestigiar os músicos no projeto “Sabadinho Bom”. Temos uma platéia receptiva e calorosa (Entrevista do Violonista Chagas Fernandes ao portal G1 Paraíba em 23/02/2013)

Nas performances dos músicos que se apresentam na Praça Rio Branco predomina um profissionalismo do fazer musical, diferente de como acontece no Clube do Choro da Paraíba, que apesar de haver um controle, existe uma liberdade musical maior em que é possível um músico que não faz parte da programação do dia subir ao palco e tocar de maneira improvisada. Já para tocar no palco da Praça Rio Branco tem a necessidade de ser contratado pela Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE), daí a exigência dos músicos fazerem a passagem de som, de cumprir os horários estabelecidos para a apresentação, entre outras demandas do contratante.

O estabelecimento de horários para as apresentações é algo que interfere diretamente na maneira de vivenciar a música ali, tanto por parte de quem está tocando, quanto de quem está escutando. Isto ficou claro a partir do momento que a prefeitura começou a impor um intervalo de 30 minutos no meio das apresentações dos grupos, gerando um desagrado tanto por parte dos músicos quanto do público.

Quando o músico Armadinho se apresentava, depois de mais ou menos uma hora de apresentação foi informado por um dos organizadores do evento que ele teria de fazer um intervalo, e então comentou com o público o fato em tom de reclamação e parou de tocar a contragosto. Acontece que esta interferência externa modifica a maneira de como o artista monta sua apresentação, foi uma quebra brusca na sua performance musical.

Esta quebra é sentida diretamente pelo público. Mesmo sendo colocadas músicas para tocar vindas de um aparelho de som, a sensação é de um vazio musical, o que predomina são os sons das falas das pessoas. Esta sensação se deve também porque além da sonoridade algo que atrai a atenção do público ali é a maneira como os músicos se apresentam no palco, a maneira como eles tocam, como se movimentam pelos espaços, o diálogo que travam com o público, entre outros elementos.

Isto é difícil de acontecer no beco da Cachaçaria Philipéia, a partir do momento que começa as apresentações musicais ali, só se encerra quando a última pessoa vai embora ou quando a Cachaçaria fecha. A música não pára nenhum momento, isto por que existe uma liberdade musical onde qualquer pessoa pode chegar e tocar seus instrumentos ou pegar o microfone e cantar, até mesmo quem não tem tanto conhecimento em música se atreve a cantar ou tocar alguma coisa.

Mesmo já existindo uma movimentação antes através de projetos como o “Pega o Beco” e o “Lambe-Lambe”, o movimento pós “chorinho” no beco da Cachaçaria Philipéia começou a partir da iniciativa de um grupo de jovens que quando acabava o as apresentações dos grupos de choro na Praça Rio Branco sempre ia para lá como forma de dar continuidade ao lazer naquele dia. Era uma forma de “imendar”, ou “esticar” o lazer para outros espaços já que o “chorinho” acabava cedo, quando o dia estava apenas começando, ou melhor dizendo, quando noite estava apenas começando.

Eles passaram então a levar seus instrumentos musicais e microfone, plugavam numa caixa amplificadora disponível na Cachaçaria Philipéia e começavam a tocar por conta própria. No repertório iniciavam sempre tocando sambas, muito pelo fato da proximidade com a Praça Rio Branco. Esta prática não permitia uma ruptura musical tão radical entre a sonoridade de um espaço e do outro. Desde estes primeiros momentos até hoje o samba não deixou de

predominar ali, o que foi motivo de discordância, gerando até mesmo situações de conflitos entre os grupos presentes.

Diferente de quando pesquisava na Praça Rio Branco onde participava mais como público, focando o lado do consumo da música, no beco da Cachaçaria Philipéia procurei ver o outro lado, o da produção musical. Passei então a tocar cavaquinho e violão junto com os outros músicos como forma de perceber quais as reações do público diante da execução de determinadas músicas, e como se davam as interações entre músicos durante as performances musicais.

Umas das principais diferenças nas performances musicais da Praça Rio Branco e do beco da Cachaçaria Philipéia é que no último não existe um palco, portanto não existe uma separação clara entre os músicos e o público, que interfere de maneira mais direta no fazer musical. As pessoas que estão no lado do público aparecem ali mais como o que Gilbert Rouget (1980, apud IPHAN, 2007) chama de *musicantes*, ou seja, participantes ativos de um evento musical.

Quando os músicos tocavam no espaço dentro da Cachaçaria Philipéia esta participação do público era bem ativa. Algo que era comum de acontecer era de um músico começar a tocar algumas músicas e de repente chegar outra pessoa, que não estava tocando no momento nenhum instrumento ou cantando, pedir para tocar ou mesmo tomar o microfone e começar a cantar alguma música que tinha em mente. Acontecia até mesmos de às vezes várias pessoas interferirem ao mesmo tempo tornando impossível aos músicos manter uma linearidade na prática musical.



Imagem 7: Participação do público nas performances musicais no Beco da Cachaçaria Philipéia. Foto: Naldo Turistas Online

Além disso, durante as performances era comum alguém que estava no lado público passar para o lado de músico pegando um instrumento e começando tocar, e vice-versa. Esta liberdade musical permitia uma interação entre os mais diferentes grupos e sujeitos, com os seus mais diferentes gostos musicais, mas que muitas vezes divergiam.

Uma dessas situações foi quando estava tocando dentro da Cachaçaria Philipéia com um grupo enquanto que algumas pessoas que estavam ao nosso entorno começaram a pedir algumas músicas, e um deles pediu para tocarmos um forró. Um dos músicos que estava tocando disse então a ele que só tocaríamos depois de tocarmos alguns sambas. Isto gerou nele uma revolta e disse: “mas vocês não são paraibanos não? Tem que tocar forró, que é daqui”.

Outra situação foi quando tinha um grupo tocando dentro da Cachaçaria Philipéia e as músicas que estavam sendo tocadas era em ritmo de samba. Tinha uma pessoa tocando num violão, outra num cavaquinho, uma cantando e outra tocando num pandeiro. Foi quando chegou um músico com uma zabumba e então começou a tocar alguns forrós, entretanto, o grupo que tocava no momento não o acompanhou. Ele então foi para o outro lado da rua e começou a tocar sozinho e de repente várias pessoas foram para perto dele criando uma separação com relação ao outro grupo que tocava no momento. Neste momento ficou claro que existia uma divisão em torno de dos gostos musicais dos jovens ali presentes, criando uma separação entre grupos.

Até então o público que frequentava o beco da Cachaçaria Philipéia não era tão grande, daí estar mais explícito esta divergência em torno de qual gênero musical deveria predominar naquele espaço que ainda não tinha se consolidado como um espaço de cultura da cidade. O que predominava era o samba e só quando ficava mais tarde é que os músicos tocavam outros gêneros musicais como o forró e músicas da cultura popular paraibana. Criou-se então um debate em torno de qual gênero musical é mais representativo da identidade paraibana.

Além disso, outra divergência observada nas performances musicais no beco da Cachaçaria Philipéia foi entre tocar ritmos brasileiros como samba, choro, forró, coco de roda, etc., e ritmos da cultura pop globalizada como rock, jazz, soul, etc. Mesmo predominando uma diversidade musical naquele espaço onde os músicos têm a liberdade de tocar qualquer estilo ou gênero musical, existe uma limitação feita pelo público através dos pedidos para se tocar mais ritmos brasileiros. Pede-se para se tocar principalmente sambas, forrós e coco de roda, e se um músico tocar um rock, por exemplo, é logo repreendido por uma parte do público e parte dos outros músicos que também discordam.

Esta busca pelo tradicional é resultado direto do “chorinho” na Praça Rio Branco. Percebe-se que o público e os músicos que frequentava o beco da Cachaçaria Philipéia, quando estava apenas iniciando a movimentação cultural ali, buscavam manter a musicalidade do samba e do choro naquele espaço, como uma forma de estender⁵⁷ a movimentação cultural existente na Praça Rio Branco para outros espaços. O principal medo deste grupo era de que se tocassem outros estilos e gêneros musicais no espaço do beco poderia atrair um público diferente, tirando assim a “tranquilidade” daquele lugar e poderia transformar a sonoridade específica do mesmo.

Isto foi percebido numa situação quando um cavaquinista e cantor se apresentou ali. Sua performance chamava atenção por que diferenciava totalmente do “espírito” que havia nas performances dos outros músicos que tocavam naquele espaço a mais tempo. Quando as apresentações aconteciam dentro Cachaçaria Philipéia os músicos geralmente ficavam sentados uns próximos aos outros, tocando sempre dialogando, e tudo era muito improvisado.

Ficava um músico tocando violão, às vezes dois, que puxava as músicas a serem tocadas no momento, mas sempre em combinação com quem estava cantando para saber se conhecia da letra e qual a tonalidade mais satisfatória para sua extensão vocal. Acompanhavam vários instrumentos de percussão como pandeiro, ganzá e surdo, e também instrumentos de sopro como sax e trompete, que tinham seus momentos solo, além de outros instrumentos.

Nas performances nenhum músico se destacava, nem mesmo quem estava cantando. Era principalmente um momento de sociabilidade, uma oportunidade de conhecer pessoas, de tomar uma cachaça, de trocar experiências musicais. Apesar de haver o interesse por parte de alguns em mostrar para o outro seu talento musical, mas este comportamento mais individualista não era o que predominava até então.

Voltando ao cavaquinista e cantor que se apresentava, o que tinha de diferente na sua performance era além do estilo das músicas que tocava, era sua postura diante do público e dos demais músicos durante sua apresentação. A forma improvisada como aconteciam as apresentações musicais ali não se viu na sua performance. Ao invés de buscar interagir com os demais músicos presentes, ele levou um grupo de músicos que o acompanhou e que pela sintonia como tocavam, sem cometer muitos erros, possivelmente tinham ensaiado antes ou talvez tocavam juntos há algum tempo.

⁵⁷ Pela proposta de alguns produtores culturais deveria existir ali no Centro Histórico um “corredor cultural”, desde a Praça Rio Branco até o Beco da Cachaçaria Philipéia, passando pela Casa da Pólvora, seguindo pela Rua da Areia e terminando na Praça Antenor Navarro.

Sua postura diante do público também diferenciava. Apesar não existir um palco, ele tocava em pé de frente para a rua onde estava a platéia de forma que se destacava frente aos outros músicos. Sua postura era de um artista tocando para um grande público, tocava o cavaquinho procurando sempre destacar a sua técnica e entre uma música e outra ficava por um longo tempo dialogando com público na tentativa de conquistá-lo pelo carisma.

O que esta performance amedrontou aos adeptos da música “tradicional” foi o estilo como ele tocava os sambas. Conversando neste dia com um deles, comentou com um ar de revolta que aquele músico estava quebrando o “espírito da coisa”, estava descaracterizando aquele espaço, pois segundo ele não era samba que estava sendo tocando, e sim pagode.

É difícil diferenciar estes estilos um do outro por que o ritmo do pagode é o mesmo do samba, entretanto existe uma diferença suave que só é percebido por aqueles mais conhecedores da técnica musical. De acordo com um músico com que conversava neste dia, uma das coisas que torna um músico pagodeiro é a prática de pegar músicas de outros gêneros, geralmente que estão nas paradas de sucesso, e tocar em ritmo de samba, e era o que o cavaquinista que se apresentava fazia.

O problema colocando por alguns por se tocar estes tipos de música naquele espaço era por que poderia transformá-lo em um antigo “sambão”, que quando acontecia na Praça Antenor Navarro a mudança no estilo musical terminou atraindo um público tão grande, e com um gosto musical diferenciado, que o espaço não suportou, acabando o evento.

Foi a partir desta situação que comecei a perceber uma mudança ali. O público estava ficando cada vez maior e começou a aparecer mais músicos para tocarem. O espaço dentro da Cachaçaria Philipéia passou a não suportar mais o aglomerado de pessoas, foi então que as apresentações musicais passaram a ocorrer na rua. Primeiramente num palco instalado pela prefeitura, mas que não durou muito tempo, depois em cima de um caminhão improvisado palco, e em seguinte, como continua até hoje, num pequeno palco instalado sobre uma base feita de madeira na calçada.

A partir do momento que houve esta mudança espacial as performances dos músicos também se transformaram. Mesmo ainda predominado o aspecto da improvisação, pois os músicos não ensaiam antes de se apresentar ali, cada um chega começa a tocar e assim vai se construindo a música, mas não existe mais a liberdade criativa de antes. Hoje, o músico que vai tocar ali tem que ter em mente que precisa agradar o grande público presente, e o público espera que se toquem músicas mais conhecidas.

Houve então uma mudança no comportamento de alguns músicos. Aquele aspecto descompromissado no fazer musical que existia antes foi substituído por uma busca em querer

agradar o público acima de tudo, daí a preocupação por parte de alguns em não cometer erros técnicos durante as apresentações.

Mas apesar desta mudança ainda predomina o improviso nas performances musicais no beco da Cachaçaria Philipéia. O fato de não ensaiarem exige dos músicos uma sensibilidade mais aguçada para perceber e participar da execução musical ali. É preciso que ele perceba o ritmo da música, a tonalidade para o acompanhamento harmônico e improviso instrumental, além de outros elementos. Isto, muitas vezes, sem dialogar um com outro.

Apesar de a sonoridade denunciar a música que está sendo “puxada” por um músico no momento, exige-se uma intersubjetividade para que não haja um desencontro entre os músicos. Nos primeiros momentos quando aquele espaço era mais aberto para músicos e cantores de diferentes estilos se apresentarem predominava uma harmonia entre eles, mesmo com as diferenças, porque cada um respeitava o momento de cada um se apresentar.

Os instrumentos musicais disponibilizados pela Cachaçaria Philipéia para os músicos se apresentarem eram passados de um para outro sem muita disputa, um que tava tocando um violão passava para o outro tocar que lhe pedia, ou mesmo quando já tinha tocado o suficiente do seu repertório solicitava outro músico para tocar, isto também com os outros instrumentos. Hoje, se percebe uma disputa pela exclusividade de tocar os instrumentos por alguns, o que faz com que se formem às vezes vários grupos tocando ao mesmo tempo naquele espaço, gerando uma sobreposição de várias sonoridades que cria uma sensação de caoticidade em quem está ouvindo.

Tinha acabado o “chorinho” na Praça Rio Branco, e já estava no beco da Cachaçaria Philipéia. Estava exatamente dentro dela. Logo na sua entrada, a quantidade de pessoas ali era grande a ponto que não conseguia ficar parado nenhum momento, sempre alguém me pedia um espaço para passar. Neste momento enquanto um grupo se apresentava no palco no lado oposto da rua em frente à Cachaçaria Philipéia, dentro dela outro também estava tocando, foi quando entrou dois jovens e um comentou um para o outro, “rapaz, é muita coisa ao mesmo tempo, é muita informação cruzada aqui”, falando sobre o cruzamento das sonoridades das músicas tocadas, que naquele ponto ficava difícil de separar, pelo fato de haver também a sonoridade da grande quantidade de pessoas falando ao mesmo tempo [...] (Diário de campo, 18 de Agosto de 2012)

Esta caoticidade sonora do beco da Cachaçaria Philipéia, aliada consumo de bebidas alcoólicas e outros entorpecentes, gera um estado de euforia entre os sujeitos ali presente, totalmente diferente do que acontece no “chorinho” da Praça Rio Branco, em que as melodias

são percebida de forma mais clara devido a qualidade dos instrumentos musicais e equipamentos sonoros, daí ser um espaço sonoro mais tranquilo.

Ali o público fica mais centrado e atencioso com a música que está sendo tocada, que tem a especificidade de ser uma música instrumental e bastante melodiosa, raros são os momentos de euforia, acontecem mais quando músicas mais conhecidas são tocadas como “Brasileirinho”, “Vassourinha”, etc.. Quando tocadas num andamento mais acelerado chama as pessoas para dançarem.

No beco da Cachaçaria Philipéia é visível nas práticas corporais do público um “ar de alegria” a todo instante, a euforia predomina ali, principalmente na parte próxima onde os músicos ficam tocando (audio_08). Aqueles que querem mais tranquilidade ficam nos espaços mais afastados onde não existe uma concentração muito grande pessoas, e a concentração de várias sonoridades ao mesmo tempo (audio_09).

A alegria que se observa nos rostos das pessoas naquele espaço é principalmente resultado dos gêneros e estilos musicais ali presente. Este “ar de alegria” não se percebe tanto no público consumidor do rock, nele predomina um “ar de revolta”. Quando se tocou rock no Beco da Cachaçaria Philipéia e também na Praça Rio Branco, foi como um contraponto na sonoridade daqueles espaços que, como já foi dito, se tornaram basicamente de samba e choro, e já era de forró e da cultura popular da Paraíba em geral. E nos discursos e nas performances tanto dos músicos como do público do rock ficou claro esta intenção de contrapor a musicalidade predominante ali ligada mais a uma música de cunho tradicional brasileira.

Um fato interessante foi quando um grupo chamado Arupemba, que na sua música mistura ritmos da cultura popular e o rock se apresentou no palco armado pela prefeitura. Antes deles, como sempre acontecia, um grupo tocava sambas de forma espontânea em frente à Cachaçaria Philipéia, e neste momento estava presente um grupo de punks que se mantinham até então afastados de onde a música estava sendo tocada. Quando o grupo Arupemba começou a tocar eles foram para próximo ao palco e começaram a “polgar⁵⁸” e o público então começou a se afastar deles aparentemente com medo da forma como eles dançavam a música, com movimentos corporais que se assemelha a uma briga.

Esta performance furiosa dos “roqueiros” foi observada também nas apresentações das bandas em frente a loja música urbana. Durante as performances musicais ali pude perceber

⁵⁸ Forma de dançar o estilo punk-rock, ou o hardcore, em que geralmente os jovens ficam de cabeça baixa, balançando os braços para frente e para trás, enquanto esbarram uns nos outros, as vezes formam uma roda.

este aspecto da fúria que faz parte da cultura do rock, principalmente do punk rock, em que o “ar de revolta” é a tônica das práticas musicais.

Isto é perceptível nas falas e nas práticas corporais tanto dos músicos quanto do público, como se viu na apresentação da banda Musa Junkie, que como o próprio nome da banda já sugere, tendem para um comportamento conflitante. No intervalo entre uma música e outra, músicos e público trocavam xingamentos abertamente, os músicos diziam: “você tão gostando desta merda? Espero que não!”, já o público respondia “toca aí seus filhos da puta!”. E quando os músicos começavam a tocar era visível nos rostos a fisionomia de raiva enquanto batiam seus corpos uns contra os outros “polgando”.



Imagem 8: Jovem dando um “moche”⁵⁹. Durante a apresentação em frente à loja Música Urbana. Fonte: desconhecida

Para quem não faz parte deste grupo, este comportamento até certo ponto assusta, parece que a qualquer momento vai acontecer uma briga entre eles. Entretanto o que acontece é o contrário, estes são momentos de sociabilidades para este grupo, de fortalecer o sentimento de pertencimento a um grupo que têm em comum o aspecto da revolta, seja ela politizada ou não, e principalmente o gosto musical em comum pelo rock.

O gosto musical é o principal elemento de diferenciação com relação a outros grupos. O fato de a loja Música Urbana estar ao lado da Praça Rio Branco é algo que incomoda a alguns dos jovens “roqueiros”, principalmente pela música que se toca neste outro espaço, o choro. Entretanto, apesar de haver uma antipatia às músicas tocadas nos espaços da Praça Rio

⁵⁹ “Moche” é quando um jovem sobe numa parte mais alta e pula sobre os outros jovens.

Branco e do Beco da Cachaçaria Philipéia, não impede de alguns deles circularem por estes outros espaços.

Em conversa informal com um grupo de jovens comentei sobre um festival de bandas de rock acontecido na semana anterior em frente à loja Música Urbana. Um deles então me falou que estava lá nesse dia, mas não ficou apenas neste espaço. Transitou entre a Praça Rio Branco, o beco da Cachaçaria e lá. Comentou então que frequentava todos espaços ali por que não tinha preconceito musical apesar de sempre ter escutado mais rock, entretanto, segundo ele, o tempo que era intolerante musicalmente já tinha passado. (Diário de campo, dia 21/07/2012)

O aspecto da intolerância de alguns grupos não é tão presente hoje no centro histórico, diferente de como acontecia a cerca de uma década atrás quando os grupos não se batiam, havendo até mesmo situações de violência entre eles.

[...] muitas vezes a gente conversa com o pessoal do movimento cultural, principalmente da música, de antigamente e ver que a intolerância era uma coisa de *praxi*, entendeu? Os grupos não se batiam, os músicos se viam como concorrência mesmo, as bandas se viam como concorrentes. E eu acho que de uns anos pra cá tem mudado um pouco este pensamento, mais de entender as coisas como complementaridade, como ação coletiva, como ação colaborativa, e eu acho que tem dado alguns frutos sabe? Então eu vejo que hoje em dia velho o cara chega lá todo de preto vestido de “metaleiro”, mas quando você vai ver o cara está no samba saca, e depois o cara desce lá pra Praça Antenor Navarro e vai num bar que ta tocando *reggae* e no vai lá no bar que ta tocando metal, então a gente tem estado mais aberto para estas diferenças. Acho que todo mundo que vem para o Centro Histórico percebe isso, essa diversidade que tem e esta relação de respeito mesmo sabe? Beleza! eu gosto de uma coisa você gosta de outra e a gente se respeita, até frequenta o lugar um do outro, coisa que a uma década atrás aqui em João Pessoa agente sabe que não acontecia, era pau mesmo, até grupos que para a sociedade parecem ser iguais, sei lá, um grupo de “punks” e um grupo de “metaleiros”, mas a uma década atrás a galera nem se batia sabe, se encontrasse na rua era briga, era pau, era violência, intolerância mesmo, e hoje em dia a gente ver que isso não acontece mais, muito, muito raro a gente ver alguma coisa acontecer, aqui no Centro pelo mesmo, não sei nos outros bairros. (Rayan, músico e produtor cultural, entrevista em 15/01/2013)

Esta mudança nas relações entre os grupos juvenis presentes no centro histórico de João Pessoa, de haver mais respeito às diferenças existentes entre eles, principalmente no que refere aos gostos musicais, se verificou na mancha de lazer da *Praça Rio Branco*, onde os grupos interagem. Acontece até mesmo de alguns “roqueiros” frequentarem a Praça Rio Branco ou frequentarem o beco da Cachaçaria Philipéia, como também alguns “sambistas e/ou chorões” e outros grupos frequentam à loja Música Urbana.

Entretanto, a frequência dos “roqueiros” nos outros espaços se deve não por que as músicas os atraem, é mais pela possibilidade de vivenciar um momento de lazer. Percebe-se a presença deles principalmente no beco da Cachaçaria Philipéia que é um espaço mais aberto para a diversidade. Mesmo alguns não gostando das músicas que tocam ali vão para se encontrar com os amigos, conhecer outras pessoas, beber umas cachaça ou umas cervejas, etc..



Imagem 9: Presença de alguns “roqueiros” dentro da Cachaçaria Philipéia. Foto: Naldo Turistas Online

Mas no geral ainda existe uma aversão por parte destes jovens apreciadores do rock às outras músicas, principalmente as músicas brasileiras como o samba e o choro. Entretanto isto se dá mais entre aqueles de idades menores, que estão começando a descobrir seus gostos musicais e começando a experimentar estas músicas nos espaços onde elas tocam, como o centro histórico. Quanto mais velho os jovens vão ficando mais se tem uma abertura para o consumo e produção de outras músicas.

[...] É assim, uma coisa que teve um impacto muito grande em mim enquanto músico que foi o momento em que eu parei para escutar a música brasileira a fundo. Eu sempre por gostar muito música sempre consumir muito as formas culturais, principalmente CD e vinis, até hoje. Mas como eu vinha do rock, gostava do rock, tava mais fechado dentro desse círculo, então em um determinado momento comecei a pesquisar outras coisas que era um... não deixava de ser rock também, mas em outros estilos né?! Por exemplo, a música brasileira quando a gente escuta na adolescência quando a gente começa a escutar música a gente está muito influenciado pelo som americano, som inglês e aí num determinado momento eu parei para escutar a música brasileira, e aí foi uma transformação, você vai escutar mutantes,

porra! è um tiro na cabeça em termo de mistura. (Fabiano, músico e professor, entrevista em 11/08/2012)

Esta abertura para se escutar e tocar gêneros e estilos musicais, que não costumam escutar, permite a estes jovens circularem por espaços urbanos que geralmente não circulam, onde se encontram grupos dos quais não fazem parte. E o beco da Cachaçaria Philipéia é um espaço que concentra uma diversidade maior de grupos comparado com os outros espaços da mancha de lazer da *Praça Rio Branco*.

3.4. Grupos e os estilos de vida juvenis

Dos diversos grupos presentes no centro histórico o foco maior deste trabalho foi em três que se destacam na mancha de lazer da *Praça Rio branco*, os “sambistas e/ou chorões”, os que eu chamo de “parahybas”, e os “roqueiros”. Destes três, os últimos são os que são mais fáceis de identificar, principalmente pela forma como se vestem. No geral roupas no tecido em cor preta, com estampas com slogans de bandas e jeans, mas com um estilo próprio de cada sujeito ou subgrupos.



Imagem 10: Jovens vestidos no estilo punk. Foto: página do Pogo Pub na rede social Facebook)



Imagem 11: Jovens vestidos no estilo gótico. Foto: página do Pogo Pub na rede social Facebook)



Imagem 12: Jovens vestidos no estilo metaleiro. Foto: página do Pogo Pub na rede social Facebook)

Apesar de terem algo em comum, é difícil generalizar uma identidade para estes jovens. Percebe-se isto com os chamados “alternativos”, que apesar de classificados assim, é um grupo formado por várias culturas e modos de ser dos jovens. E, além disso, os próprios jovens tidos como seguidores deste estilo de vida não se classificam assim. Trata-se mais de uma rotulação feita por outros grupos. Na busca por uma diferenciação termina-se homogeneizando um grupo de jovens com diferentes, e até mesmo divergentes, identidades.

Apesar de “alternativo” ser uma classificação imposta pelo outro, estes jovens assim rotulados, catalogados, estereotipados têm algo em comum que os diferenciam de outros grupos presentes no centro histórico de João Pessoa. Esta diferenciação está ligada ao aspecto da classe social, pois geralmente são jovens de classe média; ao gosto musical pela música pop, principalmente rock, considerada “independente”; e também por apresentarem um

comportamento que foge ao considerado padrão da sociedade. Como colocou um dos jovens: “alternativo seria um termo agregador de minorias comportamentais”.

Outro grupo é o formado pelos “sambistas e/ou chorões”. Este grupo como já foi colocado se caracteriza principalmente por uma busca por valorizar a música brasileira do samba e do choro de cunho mais tradicional e autêntica. A valorização destas músicas está ligada ao aspecto patrimonial da Praça Rio Branco, tocá-las neste espaço traz ao mesmo um aspecto de passado. Além disso, o que caracteriza este grupo é a vestimenta, principalmente o uso do chapéu panamá.



Imagem 13 – Jovem usando um chapéu panamá. Foto: Naldo Turista online



Imagem 14 – Vendedor de chapéus na Praça Rio Branco. Foto: Rafael Pontual

A predominância do samba e do choro na *Praça Rio Branco*, músicas não consideradas autenticamente paraibanas, desagradam principalmente a um grupo preocupado com o aspecto da “paraibaneidade”⁶⁰ deste lugar. Eu chamo aqui este grupo de “parahybas”, em vista da luta que eles travam para a mudança do nome da cidade de João Pessoa para o seu antigo nome, Parahyba, mudado a partir de uma ação de um grupo que estava no poder na época.

Através do questionamento da importância do fato histórico que gerou a mudança do nome de “Parahyba” para João Pessoa e da mudança na bandeira do Estado, que passou a simbolizar este fato, busca-se criar nos moradores de João Pessoa uma preocupação com estes elementos simbólicos e históricos, e conseqüentemente o interesse pelos mesmos em fortalecer sua identidade enquanto paraibano.

Então, a gente tem uma questão complicada na nossa história, que é uma questão extremamente política partidária. Assim, era uma aliança política, assim como existem as alianças entre os partidos hoje, e que gerou um fato histórico, um assassinato, ir a partir a disso a gente teve o nome da cidade e a bandeira mudada, assim, num golpe né? Aí se você sair para conversar com as pessoas na rua que a gente já fez isso, muita gente nem sabe o que ocorreu, por que aquela é vermelha e preta? Por que ela tem o nome “nego”? Por que é João Pessoa? E que herói foi esse João Pessoa pra tomar o nome de nossa cidade, sabe? E é uma bandeira que denota claramente é sangue e luto, então é uma coisa pesada, isto simbolicamente durante os anos tem alguma coisa a ver com esta construção de identidade (paraibana) e esta questão de auto-estima e de orgulho da galera (...) mas a gente acha que é isso né? Primeiro propor um debate, mais do querer que a bandeira mude, mas do que querer fazer um gosto nosso, é querer propor o debate, é querer levantar a questão, e levantar a reflexão pra galera, assim, oh! Por que essa bandeira? Por que esse cara levou o nome? Tu sabe qual é a história disso? Saca? Aí tem gente que já critica, “a não que essa bandeira que vocês tão querendo de volta é uma bandeira do período colonial, e também tem uma série de questões envolvidas...” beleza! Pode até ser que se proponha uma bandeira nova, mas só o fato de a gente ta levantando o questionamento é o mais importante, eu acho que é isso, é levantar o questionamento sobre esta história, o simbólico que envolve tudo isso, que isso não tem nada a ver, que a nossa a cultura paraibana é muito maior do que isso, que a gente não deveria ficar preso a isso, e que este revisitar a história também traga orgulho na gente de ser paraibano. (Rayan, produtor cultural e um dos gestores do Coletivo Mundo, entrevista em 15/01/2013)

⁶⁰ Orgulho de ser paraibano.

Para este grupo, a luta pelo fortalecimento da identidade paraibana passa tanto pela mudança do nome da capital e da bandeira do Estado, como também pelo reconhecimento de uma música autenticamente paraibana. Um dos questionamentos que escutei bastante na mancha de lazer da *Praça Rio Branco* foi que ali não deveria ser um lugar para se tocar predominantemente o choro e o samba, que são músicas “nacionalizadas” e de origem carioca. O que está em discussão entre eles é a construção de uma identidade paraibana que passa pela musicalidade do centro histórico, de que música que se toca ali é mais representativa da “paraibaneidade”.

O forró entra como estratégico neste processo ao ser atestado como música autenticamente⁶¹ paraibana, assim como ocorreu com o frevo que foi transformado em música autenticamente pernambucana, e com o próprio samba que, de acordo com Vianna (1999), foi transformado em música autenticamente brasileira depois de uma longa negociação em torno da autenticidade sambista.

A transformação do samba em música nacional nunca será entendida, aqui, como uma descoberta de nossas verdadeiras “raízes” antes escondidas, ou “tapadas”, pela repressão, mas sim como o processo de invenção e valorização dessa autenticidade sambista (VIANNA, 1999, p. 35)

O processo de invenção e valorização da autenticidade forrozeira, de transformação do forró em música “autenticamente” paraibana, passa por esta reivindicação de ter grupos e artistas de forró sempre se apresentando nos espaços de produção e consumo da música do centro histórico, como é o caso da *Praça Rio Branco* e do beco da *Cachaçaria Philipéia*. Como também através da luta política pelo reconhecimento do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) do forró como Patrimônio Cultural da Paraíba e do Brasil.

Mas apesar de existir estas diferenças, é difícil dizer quem faz parte deste grupo e como se identificam. Ser “parahyba”, assim como ser “roqueiro” e como ser “sambistas e/ou chorão”, não se trata de identidades rígidas, os jovens transitam por elas e têm seus estilos de vida individuais, o que torna difícil criar classificações.

⁶¹ “O autentico é sempre artificial, mas, para ter “eficácia simbólica”, precisa ser encarado como natural, aquilo que “sempre foi assim”. O samba do morro, recém-inventado, passa a ser considerado o ritmo mais puro, não-contaminado por influencias alienígenas, e que precisa ser preservado (afastando qualquer possibilidade de mudança mais evidente) com o intuito de se preservar também a “alma brasileira”. (VIANNA, 1999, p. 15)

“ENCERRANDO OS TRABALHOS...”: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Antes de chegar a esta parte final, caminhos até mesmo tortuosos foram percorridos durante toda a pesquisa que deu nesta dissertação. Primeiramente a minha preocupação era unicamente com questões ligadas às políticas patrimoniais no centro histórico de João Pessoa, mas a partir de leituras de textos etnográficos, do diálogo com o orientador e principalmente através das observações durante o trabalho de campo, a pesquisa ganhou outros rumos, mas sem esquecer aquela preocupação inicial.

Em vista que a proposta inicialmente era analisar as transformações nos espaços públicos do centro histórico, a partir das ações do poder público no sentido de preservar os bens patrimoniais, partiu-se para verificar as dinâmicas de lazer que se processavam nos espaços requalificados. E foi observando estas dinâmicas na Praça Rio Branco que atentei para o aspecto da produção e do consumo da música pelos jovens e pelos diversos grupos presentes neste espaço.

A música, no caso o choro, foi a principal ferramenta utilizada pelo poder público para promover uma ocupação de maneira rápida daquele espaço após sua reforma. A proposta foi de democratizar o mesmo movimentando-o culturalmente, mas o que se verificou foi que existe uma diferenciação e uma desigualdade nos usos e ocupações atribuídos pelos seus frequentadores.

Percebe-se uma diferenciação e uma desigualdade em termos de classe social, já que os usos e ocupações atribuídos pelos grupos de classe média não são os mesmos dos grupos das classes populares, apesar de às vezes existir uma interação. E também se percebe uma diversidade de grupos juvenis com diversas maneiras de se relacionar não só naquele lugar, mas no centro histórico como todo. As experiências vividas ali pelos jovens através das performances musicais são por onde constroem e reconstróem suas identidades e os próprios lugares.

Desta forma, a proposta desta dissertação foi atentar ao mesmo tempo para dois aspectos do pensamento sobre a juventude, ou como diz Pais (1993, p. 22), “dois eixos semânticos” que dizem respeito primeiro às *similaridades* entre os jovens ou grupo de jovens, ou seja, aspectos em comum que estão ligados a uma fase da vida como demandas de lazer, consciência e atitude política, expectativas de trabalho, consumo cultural, etc., e segundo, principalmente, as *diferenças sociais* que existem entre eles.

Ao pesquisar em um lugar específico como o centro histórico de João Pessoa buscou-se chamar a atenção tanto para os elementos agregadores (sociabilidades) quanto para os elementos “aparentemente” desagregadores (conflitos) dos jovens. Com a utilização da categoria mancha de Magnani (2002) a proposta foi dar atenção à sociabilidade dos jovens naquele lugar, pensando “as permanências e regularidades” das suas práticas de lazer e de consumo cultural.

Entretanto, como se viu não existe uma homogeneidade dos jovens no centro histórico, apesar de o foco ter sido, por uma questão metodológica, em três grupos, o dos “sambistas e/ou chorões”, o dos “roqueiros” e o dos “parahybas”, são vários os grupos juvenis com suas diferentes culturas que interagem naquele lugar, o que impede de falar numa identidade genérica dos jovens ali.

Apesar de existir um tipo de sociabilidade que levam os mesmos a preferirem frequentar o centro histórico para o lazer do fim de semana ao invés de outros espaços da cidade, suas experiências vividas ali segue vários caminhos, às vezes até mesmo contrários, isto por se tratar de um lugar. No lugar, segundo Leite (2006, p. 40) “se inscrevem as marcas que caracterizam as diferentes demandas de pertencimento a uma coletividade”.

E como se verificou estas “diferentes demandas de pertencimento” dos jovens nas experiências vividas no centro histórico de João Pessoa se deu principalmente através das músicas. Elas aparecem ali como principal elemento de diferenciação dos grupos juvenis, por onde expressam seus diferentes estilos de vida. Não utilizo aqui o termo “tribo urbana” para definir estes grupos pelo fato de que, concordando com Magnani (2007, p. 17), existe uma limitação no seu uso do “mal-entendido entre o sentido que se atribui ao termo”.

“tribo” nos estudos tradicionais de etnologia – que aponta para alianças mais amplas entre clãs, segmentos, grupos locais, etc. – e os eu uso para designar grupos de jovens, no cenário das metrópoles, que evoca exatamente o contrário: pensa-se logo em pequenos grupos bem delimitados, com regras e costumes particulares, em contraste com o caráter massificado que comumente se atribui ao estilo de vida das grandes cidades. Não se pode descartar, ademais, a carga de preconceito em leituras que vêem disputas de gangues como “conflitos tribais”. (Magnani, 2007, p. 17)

Não se percebe esta delimitação nos grupos juvenis no centro histórico e como foi dito o aspecto da violência entre eles não é uma constante naquele lugar. Entretanto, existe um aspecto deste termo que precisa ser levado em conta que é o da alteridade, tendo em vista que a construção da identidade de um grupo passa pelo reconhecimento da oposição ao outro grupo.

Desta forma o termo “tribo” ajuda a pensar a forma como se dá a diferenciação dos grupos através das suas relações no espaço urbano. Segundo Pais (2004, p. 12) no fenômeno das “tribos urbanas” está presente a “*resistência* grupal, substantivamente ligada à ideia de atrito”, ou seja, a oposição entre os grupos se dá de maneira conflitante. Isto leva a pensar numa fragmentação dos grupos, entretanto, como bem salientou Simmel (1983), o conflito também é agregador.

O conflito para Simmel (1993) é uma forma de “socição”, que segundo ele é o processo fundamental da realidade inter-humana, aquilo que é fundamental para a formação e manutenção da sociedade. Segundo o autor não é apenas a sociabilidade que age como força de agregação dos sujeitos, pois está presente também na relação social o dualismo divergente, falar na existência de uma “união” pura seria algo irreal, o processo da vida real não mostra isto.

Portanto, o conflito funciona também como uma força presente na vida cotidiana que promove a coletividade, ainda que um dos lados do conflito seja aniquilado. Ele opera diretamente não só na construção da unidade dos sujeitos, como também em cada momento da existência desta unidade, pois se trata de uma das mais vívidas interações, nunca exercido por um indivíduo solitário.

Desta forma não podemos então dizer que as situações de conflito vividas pelos jovens e pelos grupos juvenis no centro histórico levam a uma desagregação, ou uma fragmentação dos mesmos, ao contrário, é através destas experiências e claro das experiências de sociabilidade que se constrói o sentimento de pertencimento comum àquele lugar e a um grupo etário.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AGUIAR, Wellington. **Cidade de João Pessoa: A memória do tempo.** João Pessoa, Persona, 1992.

BARROSO, Priscila Farfan, BEXIGA, Stéphanie Ferreira, CARVALHO, Ana Luiza da Rocha. Etnografia sonora na cidade: algumas contribuições metodológicas acerca do registro sonoro na pesquisa de campo. In: **Revista Iluminuras**. V. 11, nº 25, 2010.

BASTOS, Juliana Carla. **A performance musical do Clube do Choro da Paraíba.** Dissertação de mestrado. João Pessoa-PB, UFPB, 2010.

Boletim informativo da Sociedade Paraibana de Arqueologia. Ano V – nº 44 – Campina Grande-PB – Fevereiro/2010.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo.** São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000.

CANCLINI, Nestor García. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. In: **Revista do IPHAN**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 23, 1994, p. 94-115.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo.** São Paulo, UNESP, 2000.

CASALEIRO, Paula e QUINTELA, Pedro. As paisagens sonoras dos Centros Históricos de Coimbra e do Porto: um exercício de escuta. In: **Anais do VI Congresso Português de Sociologia/Mundos Sociais: Saberes e Práticas**, Universidade Nova de Lisboa, 25 a 28 de Junho de 2008.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. In: **Mana** [online]. 1996, vol.2, n.2, pp. 115-144.

CASTRO, Amaro Muniz de; RIBEIRO, Edson Leite. Projeto Moradouro: uma análise da viabilidade da proposta de requalificação do Centro Histórico de João Pessoa-PB, através do uso residencial. In: **Da Vinci**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 81-100, 2007.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer**, Petrópolis, Vozes, 1994.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo, Liberdade & Unesp, 2001.

CLEMENTE, Juliana Carvalho. **Vazios urbanos e imóveis subutilizados no Centro Histórico tombado da cidade de João Pessoa – PB.** Dissertação de mestrado, João Pessoa, UFPB – Universidade Federal da Paraíba, 2012.

D'ALLEVEDO, Pedro Tadeu Faria. **O circuito-cena e music de João Pessoa: dinâmicas locais de uma cultura jovem global.** Dissertação de mestrado, João Pessoa, UFPB-Universidade Federal da Paraíba, 2011.

DIAS, Juliana Braz. Sentimentos Vividos: experiências com a música caboverdiana. In: **Música e Cultura**. n°5, 2010. Disponível em <http://musicaecultura.abetmusica.org.br/artigos-05/MeC05-Dias-Cabo_Verde.pdf>

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FARIAS, Ana Maria de S. Martins. **Urbanização e modernidade: a construção do espaço urbano em João Pessoa**. Tese de Doutorado. Recife, UFPE - Universidade Federal da Paraíba, 1997.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. In: **Cadernos de Campo** 13, Ano 14, USP, 2005.

FORTUNA, Carlos. Imagens da cidade: sonoridades e ambientes sociais urbanos. In: **Revista crítica de ciências sociais**. Centro de Estudos Sociais, 1998, N° 51, p. 21-41.

FRANCH, Mónica e QUEIROZ, Tereza (Org.). **Da casa à praça: um estudo da revitalização de praças em João Pessoa**. Belo Horizonte, Argumentum, 2010.

FRÚGOLI JR., Heitor. & SKLAIR, Jessie. The Luz district in São Paulo: anthropological questions on the phenomenon of gentrification. In: **Ninth International Congress of the Brazilian Studies Association (BRASA)**, 2008, New Orleans. Papers & Abstracts, 2008. (Versão em português: O bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da *gentrification*)

GASPAR, Samantha dos Santos. Gentrification: processo global, especificidades locais? In: **Revista Ponto Urbe**. Edição 6. São Paulo: 2010.

GEERTZ, C. A Arte como Sistema Cultural. In: **O Saber Local: novos ensaios em Antropologia interpretativa**. Petrópolis, Vozes, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. 1989.

GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas: o antropólogo como autor**. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Ed. Centauro, 2004.

HONORATO, Rossana. **Se essa cidade fosse minha...** João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 1999.

IPHAN. **Dossiê de registro do Samba de Roda do Recôncavo Baiano**. 2007. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=723>>.

JOLÉ, Michèle. Reconsiderações sobre o “andar” na observação e compreensão do espaço urbano. In: **Caderno CRH**, Salvador, v. 18, n° 45, p. 423-429, Set/Dez 2005.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo, Editora 34, 2008.

LAVIERI, João Roberto, LAVIERI, Maria Beatriz Ferreira, et al. **A Questão Urbana na Paraíba**. João Pessoa, Ed. Universitária/UFPB, 1999.

LEANDRO, Aldo Gomes. **O turismo em João Pessoa e a construção da imagem da cidade**. Dissertação de mestrado. João Pessoa, UFPB – Universidade Federal da Paraíba, 2006.

LEITE, Rogério P. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na *Manguetown*. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, ANPOCS/Edusc, vol. 17, nº 49, jul./2002, p. 115-134.

LEITE, Rogério P. Patrimônio e consumo cultural em cidades enobrecidas. In: **Revista Sociedade e cultura**, Julho-Dezembro, vol. 8. Número 2. PP. 79-89. Goiânia, 2005.

LEITE, Rogério P. Margens do dissenso: espaço, poder e enobrecimento urbano. In: Frúgoli Jr., H.; Andrade, L.T.; Peixoto, F. A. (orgs.) **As cidades e seus agentes: práticas e representações**. Belo Horizonte, PUC - Minas/Edusp, 2006.

LEVI, Giovanni & SCHMITT, Jean-Claude (orgs.) **História dos jovens I: da antiguidade a era moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. Configurações urbanas cenográficas e o fenômeno da “gentrificação”. In: **Revista Arquitextos**. Ano 04, Março de 2004. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.046/601>>.

LÜHNING, Angela. Os sons da Bahia. Pesquisa etnomusicológica. In: **Revista da Bahia**, nº vol. 32, nº 39, 2004, p.38-48, Disponível em <<http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/04/revista%20da%20bahia/Musica/sons.htm>>.

MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, ANPOCS/Edusc, vol. 17, nº 49, jul./2002, p. 11-29.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. In: **Tempo social**, Nov 2005, vol.17, no.2, p.173-205.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Introdução. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor & SOUZA, Bruna Mantese de (orgs.). **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo, Terceiro Nome, 2007.

MALINOWSKI, B. K. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. In: **Os Pensadores**. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

MARCUS, George E. O intercâmbio entre arte e antropologia: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informar a reinvenção da pesquisa de campo em antropologia, In: **Revista de Antropologia**. São Paulo, v. 47, n. 1, 2004.

MARTÍN-BARBERO, J. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: **Culturas juvenis no século XXI**. Borelli, S. H. S.; Freire Filho, J. (Orgs), São Paulo: Educ, 2008.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. Etnomusicologia no Brasil: Algumas Tendências Hoje. In: **Antropologia em primeira mão**. Florianópolis, UFSC / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2004.

ORTNER, Sherry B. Subjetividade e crítica cultural. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 375-405, jul./dez. 2007

PAIS, José Machado. Lazer e sociabilidades juvenis – um ensaio de análise etnográfica. In: **Análise Social**, Lisboa, XXV, 108-109, 591-644, 1990.

PAIS, José Machado. Capítulo I - A transição dos jovens para a vida adulta. In: **Culturas Juvenis**. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

PAIS, José Machado. Introdução. In: **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. Pais, José Machado; Blass, Leila Maria da Silva (Orgs.). São Paulo: Annablume, 2004.

PEIRANO, Mariza. Os antropólogos e suas linhagens. In: **RBCS**, vol. 16, ano 6, julho, 1991, p.27-42.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 44, n. 1, 2001 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 12 Mar. 2013.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. Disponível em <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>

PONTUAL, Rafael Rodrigues. **Sociabilidade e práticas culturais no Cordão Encarnado: o olhar para um bairro a partir de duas gerações**. Monografia. Bacharelado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2008.

RODRIGUEZ, Walfredo. **Roteiro sentimental de uma cidade**. São Paulo, Editora brasiliense, 1962.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção. Parte I e II. In: **Mana**, v. 3, n. 1, p. 74-73, 1997.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcanti. **Revitalização urbana e (re)invenção do centro histórico na cidade de João Pessoa (1987-2002)**. Editora Universitária UFPB, João Pessoa, 2004

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcanti. Patrimônio cultural e mudança social: imagens, narrativas e praticas contemporâneas na cidade de João Pessoa. In: **Revista Política e Trabalho**. João Pessoa, v. 27-30, 2009.

SILVA, Rivamar Guedes da. **O Tambiá de todos os tempos** : Memória, lazer e sociabilidade. Dissertação de mestrado, João Pessoa, UFPB – Universidade Federal da Paraíba, 2006.

SIMMEL, Georg. A Natureza Sociológica do Conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). **Coleção Grandes Cientistas Sociais**. Ática, São Paulo, 1983.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). **SIMMEL, Georg. Sociologia**. São Paulo: Ática, 1996. p. 165-181.

SOUZA, Petrônio Maciel de. **Turismo, território e políticas públicas**: uma análise do destino João Pessoa/PB. Dissertação de mestrado, Natal, UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

TURNER, Victor. Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em antropologia da experiência. In: **Cadernos de campo**. n° 13. Universidade de São Paulo, 2005.

VELHO, Gilberto (Org.). O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: **O desafio da cidade**. Rio de Janeiro, Campus, 1980. p. 13-21.

VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. In: **MANA**, 12 (1), 2006, p. 113-148.

VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

ANEXOS

ANEXO 01

Roteiro da entrevista com os produtores culturais:

1 – Nome, idade, e ocupação?

2- Quando começou a frequentar o Centro Histórico? E por que motivo? O que atrai?

3 – Como você vê Centro Histórico hoje? Principalmente com relação aos tipos de música que tocam neste lugar?

4 - Tem algo que precisa melhorar? Quantidade de eventos? Presença de outros estilos musicais? Público?

5 - Para você como é poder trabalhar com cultura no Centro Histórico?

6 - O que acha da proposta da mudança do nome e da bandeira da capital?

7 – Pensando outros espaços revitalizados do Centro Histórico, como a Praça Rio Branco? Como você vê esta reforma? O que mudou para as dinâmicas culturais do Centro Histórico?

8 – Passou a frequentar aquele espaço após a reforma? Ou já frequentava antes?

9 – Você se identifica com algum grupo juvenil presente no Centro Histórico?

10 - Acha que este é um espaço que todos os grupos (sambista, metaleiros, punks, regueiros, etc..) ocupa aquele espaço de forma igual, ou existem diferenças?

11 – Enquanto produtor cultural como você vê o seu papel no fazer da música no Centro Histórico?

12 – Além de ir ao Centro Histórico, o que mais costuma fazer para se divertir nos fins de semana?

13 – Tem alguma experiência interessante que você viveu no CH que queira falar?

14 – Costuma do Centro Histórico “imendar” para outros cantos de João Pessoa?

15 – Enquanto jovem, como você se identifica?

16 – Se sente livre para se divertir? Ou acha que os compromissos e as cobranças da família e da sociedade em geral impedem?

17 – Nos momentos de lazer, consegue se desprender do trabalho, ou do estudo?

18 – Para terminar, uma pergunta mais ampla, para você como é ser jovem em João Pessoa?

ANEXO 02

Roteiro da entrevista com os frequentadores do Centro Histórico:

- 1 – Nome, idade, e ocupação?
- 2- Com que frequência vai ao CH para se divertir? E especificamente ao chorinho?
- 3 – O que faz a ir lá? O que atrai?
- 4 – Já frequentava aquele espaço antes da reforma da Praça Rio Branco?
- 5 – O que você acha que mudou após a reforma?
- 6 - Tem algo que você acha que deveria melhorar?
- 7 – Você se identifica com algum grupo presente ali?
- 8 - Acha que aquele é um espaço que não deve ser frequentado por algum grupo?
- 9 – E o que acha das músicas que tocam naquele espaço? Você gosta? Acha que deveriam tocar outras músicas?
- 10 – Se sente a vontade para tocar naquele espaço? Sente um reconhecimento do público?
- 11 – Tocar para você é uma diversão ou um compromisso?
- 12 – E o que acha dos outros músicos? São de qualidade? Deveriam melhorar? Consegue interagir com eles?
- 13 – Quando vai ao CH, costuma de lá ir para outros lugares? Ou geralmente vai para casa?
- 14 – Além de ir ao CH, o que mais costuma fazer para se divertir nos fins de semana?
- 15 – Tem alguma experiência interessante que você viveu no CH que queira falar?
- 16- Você acha ali um espaço democrático? Todos os grupos têm acesso de forma igual?
- 17 – Acha que deveriam ter mais eventos ali? Se sim, algum específico?
- 18 – Enquanto jovem, como você se identifica?
- 19 – Se sente livre para se divertir? Ou acha que os compromissos e as cobranças da família e da sociedade em geral impedem?
- 20 – Nos momentos de lazer, consegue se desprender do trabalho, ou do estudo?
- 21 – Para terminar, para você o que é ser jovem?

ANEXO 03

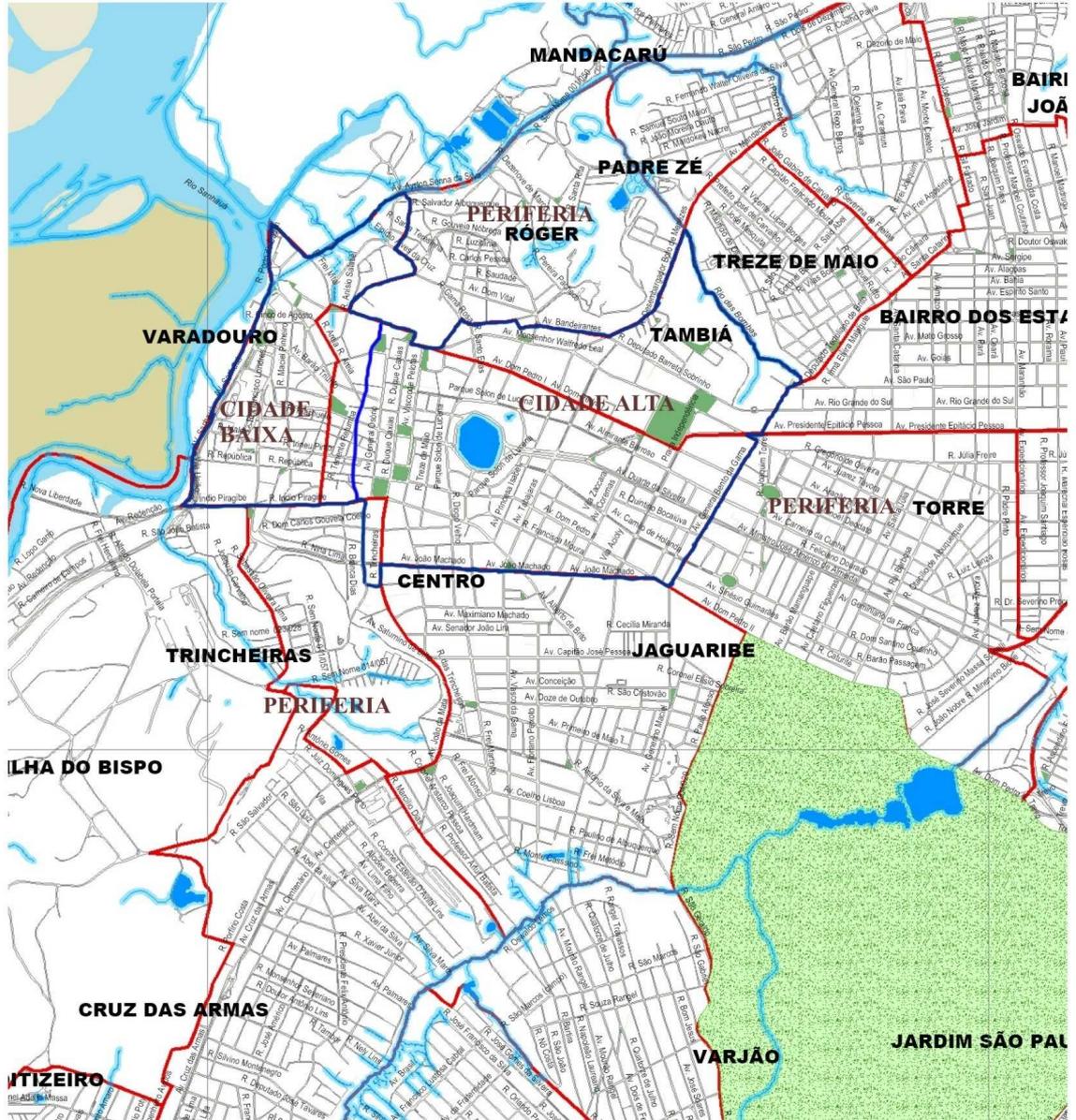


IMAGEM 3 - Divisão sócio-espacial de João Pessoa até a década de 1970

ANEXO 04



IMAGEM 4 – Atual divisão sócio-espacial de João Pessoa

ANEXO 05 – Notícias

- Notícias/Esportes - WSCOM - O Portal de Notícias da Paraíba, No...

28/04/07 - 15:42 - Atualizado em 15/03/10 - 15:21

Tweet 0

Curir 0

'Sambão' agita a Praça Antenor Navarro neste sábado

Mais um 'Sambão' vai agitar a Praça Antenor Navarro, no Centro Histórico de João Pessoa, neste sábado, 28. A festa começa a partir das 17h e terá como atração a banda 'Mirandinha e Samba da Paraíba', que vai executar os grandes clássicos do samba de raiz de todos os tempos.

agitar a Praça Antenor Navarro, no Centro Histórico de João Pessoa, neste sábado, 28. A festa começa a partir das 17h e terá como atração a banda 'Mirandinha e Samba da Paraíba', que vai executar os grandes clássicos do samba de raiz de todos os tempos.

O evento é promovido a cada 15 dias, pelos proprietários do restaurante 'Cozinha Manjerição', com o apoio da Prefeitura de João Pessoa (PMJP), e vem atraindo, a cada edição, um número maior de pessoas de todas as idades. Para garantir a tranquilidade e a segurança dos frequentadores do 'Sambão', a Prefeitura adotou uma série de medidas e, a partir deste sábado, a circulação de veículos na área será organizada por agentes da Superintendência de [Transportes](#) e Trânsito (STTrans), como forma de evitar problemas com estacionamentos e engarrafamentos.

Público maior

De acordo com Lau Siqueira, presidente da Fundação [Cultural](#) de João Pessoa (Funjope), quando o 'Sambão' começou há cerca de um ano atraía cerca de 100 pessoas e agora são mais de 1.500 participantes que lotam a Praça Antenor Navarro.

“O evento deixou de ser do Manjerição e passou a ser da praça. Por isso, temos que adotar algumas providências para garantir a continuidade desse sucesso, a exemplo do ordenamento dos ambulantes”, afirmou Siqueira, acrescentando que os agentes da Secretaria de Desenvolvimento Urbano vão chegar cedo para organizar os camelôs e proibir a venda de bebidas em vasilhame de vidro. “É uma determinação do Ministério Público que visa a segurança das pessoas e nós temos que assegurar isso.” arrematou.

Limpeza

Já os agentes da Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emtur) vão ficar de plantão para garantir a limpeza da praça durante e depois da festa. “Essa é uma área muito visitada pelos [turistas](#) e a limpeza é imprescindível em todos os momentos.” afirmou Ruth Avelino, diretora de Divulgação e Marketing da Secretaria Executiva de Turismo (Setur). Para assegurar uma maior comodidade ao público, a Funjope vai disponibilizar dois banheiros químicos na área da festa.

Além disso, a Secretaria de Infra-Estrutura (Seinfra) vai [cuidar](#) da iluminação e da manutenção do local. A segurança será garantida pelos homens da Polícia Militar, que vão

04/05/Esportes - WCOM - O Portal de Notícias da Paraíba, No...

fazer rondas pelo local durante e depois da realização do evento.

“Esse ‘Sambão’ é importante para a cidade de João Pessoa, pois além de movimentar o Centro Histórico contribuindo para sua revitalização, valoriza e resgata o verdadeiro samba, além de gerar um incremento na economia, por causa do aumento do fluxo nos outros bares e lojas instaladas no local”, ressaltou Lau Siqueira, afirmando que a idéia da Funjope é promover eventos semanais na Praça Antenor Navarro, sempre nas sextas-feiras à noite e sábados nos finais de tarde.

Da Redação
WCOM Online

04/12/12

Sambão na Praça quer atrair pessoas de todas as idades à Antenor Navarro



04 de dezembro de 2012

Educação e Cultura/

Sambão na Praça quer atrair pessoas de todas as idades à Antenor Navarro

[Anúncios Google](#) [Hotel Recife](#) [Praça Recife](#) [Quilata Recife](#) [Porto Recife](#)

Publicado em 21/07/2007, às 14h31

0

Tamanho do texto: A A A

Cadeiras de Acrílico

Alta Qualidade e Diversas Opções Em até 18x. Conheça Nosso Modelo!
www.acrilicodesign.com.br

Ainda Google
 Ainda Coovle

O tradicional "Sambão na Praça" realizado quinzenalmente na praça Antenor Navarro, no Centro Histórico de João Pessoa, volta a acontecer neste sábado (21), a partir das 17h. O evento é promovido pelo restaurante "Cozinha Manjerição" em parceria com a Prefeitura de João Pessoa (PMJP) e nesta edição terá como atrações Mirandinha e banda "Samba da Paraíba", além do cantor pernambucano Weudes.

O evento vem atraindo, a cada edição, um número maior de pessoas de todas as idades e, para garantir a tranquilidade e a segurança de todos, a Prefeitura de João Pessoa adotou uma série de medidas, a exemplo da disciplina do trânsito e dos vendedores ambulantes.

Para dar uma maior comodidade do público, a Fundação [Cultural](#) (Funjope) vai disponibilizar banheiros químicos na área da festa. Além disso, o órgão municipal vai cobrir o som, o tablado e a tenda para a apresentação das bandas que vão animar a festa no Centro Histórico.

Músicas de qualidade

A boa música dá o tom do "Sambão na Praça", primeiro com o cantor pernambucano Weudes que apresenta um repertório com o melhor da [MPB](#) de todos os tempos. Clássicos de Jorge Benjor, Tim Maia, Zeco Pagodinho, Gilberto Gil e tantos outros serão executados pelo artista.

Mirandinha e "Samba da Paraíba" dispensam apresentações. O grupo vem modificando a maneira de jovens e adultos apreciarem o samba na Capital. Eles tocam apenas o samba de raiz, o verdadeiro "partido alto" feito por gente do quilate de Zeco Pagodinho, Bezerra da Silva, Fundo de Quintal, Martinho da Vila, Adoniran Barbosa, Cartola e muitos outros.

Redação Paraíba.com.br/segund/18

Tags:

Compartilhe |

Publicar no Facebook
 Publicando como Rafa Pestal (Trocar)

» [Leia mais notícias de Educação e Cultura](#)



Paraíba no Facebook

Curtir 549

549 pessoas curtiram Paraíba.

Curtir 549
 Curtir 549

Curtir 549

Anúncios Google

[Hotel Boa Viagem Recife](#)
[Rancho De Praia](#)
[Pousadas Recife](#)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS **MAIS LIDAS** **TAGS**

TER, 04/12/2012

22h34 | Brasil
Wenslão: Ministério Público vai insistir em prisão imediata de condenados

19h00 | Brasil
TSE tem 1,4 mil processos para julgar até 19 de dezembro

18h56 | Esportes
Fifa coloca a venda mais de 470 mil ingressos da Copa das Confederações

PRIMEIRA PÁGINA
 Vestibular 2013 da Universidade Estadual de Paraíba chega ao final com abstenção total de 27,16%

POLÍTICA



Dilma anuncia retirada de cerca de 22 mil da pobreza

LOJAS AMERICANAS



MP investiga denúncia de trabalho escravo em SP

FAMÍLIA IMPERIAL



Próximo passo será recriar o rosto e a voz de Dom Pedro I

CASO GIL RUGAI



No 2º dia do julgamento, advogados trocam ofensas

VIAGEM



Passeio feito em 10 dias e 11 voos por mares da Colômbia

Você está em [Notícias](#) >

O abacaxi da cultura

Para antropólogo, governo tem dificuldade em implantar uma política cultural, mas a anticultural é corriqueira

11 de fevereiro de 2013 | 19h 56

Notícia



A+ A-

Assine a Newsletter

Tweet 308

Enviar

Recomendar

6.149 pessoas recomendaram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

Ivan Marsiglia, de O Estado de S. Paulo

Com a sua peculiar estridência, a assim chamada "nova classe média" ocupa, além de aeroportos e manchetes de economia, o centro da cena cultural brasileira. É o carnaval do Ai se eu te Pego, do tchererê-tche-tchê, da Beyoncé paraense Gaby Amarantos, da redefinição do funk carioca e também da tragédia da Gurizada Fandangueira. Nessa explosão de sentidos figurados e literais, que marcas deixarão impressas na cultura nacional os cerca de 40 milhões de "ex-pobres" - na jocosa definição de MC Papo - que ascenderam ao mercado na última década?

Na opinião do antropólogo Hermano Vianna, antes de mais nada vale a pena remeter para a discussão da cultura a crítica feita pelo ex-presidente FHC ao termo nova classe média. "Há de tudo nela: pastores de igrejas evangélicas, DJs de tecnobrega, militantes de coletivos periféricos, donos de lan houses", diz o irmão mais velho do guitarrista Herbert Vianna, dos Paralamas, e um dos mais importantes pesquisadores musicais do País. "O rótulo impreciso tenta dar conta de uma grande transformação da sociedade brasileira ainda não analisada devidamente."

Aos que denunciam um suposto empobrecimento geral das manifestações artísticas no País, o doutor em antropologia social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - que também é consultor do programa Esquentar!, de Regina Casé, na Globo -, lança mão de uma metáfora, a do disco voador: trata-se de um olhar que sobrevoa o País sem conexão com o mundo de baixo que agora penetra a fuselagem da nave, incomodando seus finos tripulantes. E reedita, em tom de provocação, a enfática defesa que faz há anos da música mais popular dos morros cariocas. "Encontro no funk muitos elementos que o tornam superior a uma sub-MPB que tentam me empurrar como música de qualidade."

Na última década, o Brasil vive a ascensão de uma nova classe média e a chamada inclusão pelo consumo. De que forma essa transformação se expressa no âmbito da cultura?

Em seu artigo de domingo passado no Estado, Fernando Henrique Cardoso escreveu que "a dissolução do conceito de classes em 'categorias de renda' chamadas classes A, B, C, D, ou nesta 'nova classe média', dificilmente se sustenta teoricamente". Falou mais como sociólogo do que como ex-presidente ou político da oposição. Eu, como antropólogo, orientando de Gilberto Velho - por sua vez orientando de Ruth Cardoso, corajosa o suficiente para, durante a ditadura militar, aceitar que Gilberto fizesse tese sobre o consumo de drogas entre jovens da velha classe média -, posso afirmar que tal dissolução também não se sustenta culturalmente. Quando dizemos "nova classe média" estamos pensando num grupo extremamente heterogêneo em termos de estilos de vida e visões de mundo. Há de tudo nela: pastores de igrejas evangélicas, DJs de tecnobrega, militantes de coletivos periféricos, donos de lan houses, etc. O rótulo

PUBLICIDADE

Siga o @estadao no Twitter

Follow

estadao
Curtir 472.121

- Alice Monteiro recommended SP reúne as melhores cidades para jovens do País - saopaulo - há 11 horas
- Gilson José Rodrigues Junior de Andrade e Fernanda Lucchesi recommended Restaurantes e bares agora dão 'mimos' a ciclistas - saopaulo - há 11 horas
- Coreia do Norte ameaça 'destruição final' da Coreia do Sul - internacional 290 pessoas recomendaram isto.
- The Economist chama políticos brasileiros de 'zumbis' - política 3.359 pessoas recomendaram isto.
- Vamos, Índia! Mostre que a liberdade pode vencer a tirania - internacional

+ COMENTADAS

- 01 Brasil vai ser 5ª economia do mundo antes de ...
- 02 Árabes criticam governo de Obama, mas ...
- 03 FGV: País tem queda de 7,26% no número de ...
- 04 Petrobrás reajusta gasolina em 0,6% e diesel ...
- 05 TPCA deve estourar teto da meta em ...
- 06 Petrobrás perde posto de maior empresa da ...
- 07 Captação da poupança em janeiro é a maior ...
- 08 Mantega ameaça subir IOF se o dólar ...

impreciso tenta dar conta de uma grande transformação da sociedade brasileira, ainda não analisada devidamente.

Em que termos falta analisá-la?

Ela não é apenas uma transformação econômica. Aconteceu ao mesmo tempo em que outras mudanças profundas se processavam. Na cultura, as consequências da revolução digital foram imediatas. O modelo de negócios da "indústria cultural", que funciona na base do broadcast, poucos-para-muitos, ainda não conseguiu se adaptar ao mundo das redes, muitos-para-muitos. Por exemplo, o mundo das gravadoras de discos, que comandava o mercado mundial de música popular, praticamente desmoronou. Milhares de pequenos estúdios surgiram em todas as periferias. Seus produtos são distribuídos via internet e fazem sucesso sem precisar de rádio, imprensa, TV. Em 2006, quando escrevi o texto para lançamento do programa Central da Periferia, na Globo, deixei claro: somos a mídia de massa correndo atrás da música mais popular nas ruas brasileiras que nunca esteve na TV antes. Descrevi a grande mídia como um disco voador, sobrevoando o País, sem conexão com o mundo "de baixo". De lá para cá, nada mudou tanto assim: apenas o barulho de fora (Ai se eu te Pego), amplificado por milhões de alto-falantes de som automotivo ou de celulares ligados em redes sociais, já penetra a fuselagem da nave, incomodando seus finos tripulantes.

O sr. quer dizer que há um incômodo com a democratização da cultura?

O melhor texto sobre isso é o do Otávio Velho dizendo que não há mais grotões no Brasil. Ele criticava a opinião de que os votos que elegeram Lula vinham de grotões ignorantes e sem conexão com a realidade contemporânea. Quem não viaja pelo interior não deve se dar conta disso. Quando piso em qualquer biboca, longe das capitais, logo encontro grupos articuladíssimos, tocando projetos sociais e culturais muitas vezes com repercussão internacional. E há também uma politização geral nesse interior que não é só de esquerda, e quase sempre não tem lugar definido no espectro ideológico tradicional. Ela é alternativa à vida político-partidária, parte do "disco voador", e produziu importantes organizações como a Cufa (Central Única de Favelas) e o AfroReggae. O pop periférico e a politização cultural periférica - que não mantêm relações harmoniosas entre si - são as principais novidades culturais brasileiras das duas últimas décadas.

As políticas de cultura do País, estão dando o melhor a essa população ou apenas reforçando estereótipos?

Políticas de cultura não devem "dar" nada para a população. Isso se parece com promessa velha de político acostumado ao ar condicionado no disco voador: "Vou levar cultura para as favelas". A imagem tradicional era a favela como vazio cultural que devia ser iluminada com arte de fora. Os próprios favelados já deram a resposta: "Qual é, mané, o que não falta aqui é cultura". As políticas de cultura, então, precisam trabalhar junto com o que já acontece em cada lugar, possibilitando uma melhor circulação de informações e contribuindo para ampliações de horizontes de maneiras de fazer arte, que foram criadas muitas vezes aos trancos e barrancos (ou dentro de barracos). Outro dia vi um censo cultural realizado com jovens de áreas "ex-pobres" - expressão inventada pelo MC Papo, rei do reggaeton mineiro - do Rio revelando uma maioria absoluta que nunca tinha ido a um show musical. Conheço bem as áreas onde a pesquisa foi aplicada e sei que essa rapaziada frequenta baile funk com muitas apresentações ao vivo. Aquilo não é considerado show musical? Por quem, o pesquisador ou o pesquisado? Show musical é o quê? Só o que acontece no Citibank Hall?

O sr. foi um defensor dos CEUs e dos Telecentros da então prefeita Marta Suplicy. O que achou do Vale Cultura, apresentado pela agora ministra?

O Vale Cultura não foi inventado pelo ministério Marta. Tem longa história de formulação e debate, anterior até à data de 2009, quando foi para o Congresso. Na época, o então ministro Juca Ferreira já precisou atacar a opinião de que o dinheiro "não deveria ser usado em baile funk". Juca seguiu o pensamento de Gilberto Gil, que numa de suas melhores frases como ministro disse: "Cultura ruim também é cultura". É isso, não tenho o que acrescentar porque sei que Gil e Juca sabem que funk não é cultura ruim. Gil até já cantou, em declaração de amor para o Rio, "quero ser teu funk".

Então o sr. concorda com a resposta da ministra aos críticos do Vale Cultura: 'Se quiser comprar revista de quinta categoria, pode' e 'compra porcaria quem quiser'?

É engraçado: quando a política deixa o mercado decidir como o incentivo vai ser usado, é acusada de sustentar cultura de mercado com dinheiro público. Quando quer corrigir "distorções do mercado", como o fato de a região Sudeste acabar com a maior porcentagem do dinheiro da Lei Rouanet, é acusada de dirigismo cultural. Parece que todos preferem o imobilismo - que o ministério não proponha política nenhuma. Não moro de amores pelo Vale Cultura, mas encaro sua implementação como uma experiência. Por que, de antemão, achar que ele vai ser usado só em porcaria? Essa é a imagem que temos do tal "povo", coitadinho, que precisa de nossa orientação para saber o que é bom. E se for assim, por que esses críticos não partem para a porta das fábricas para ensinar ao povo o que é bom, com serviço de van grátis direto para a Sala São Paulo?

A ida de Juca Ferreira, um baiano, para a Secretaria de Cultura paulistana de Fernando Haddad, lhe agradou?

Confesso que fiquei surpreso. Estamos acostumados a pensar a política estadual ou municipal de forma paroquial, como se só os locais pudessem lidar com realidades locais. Então foi surpresa boa: uma pessoa de fora pode descobrir maneiras novas para resolver velhos problemas já naturalizados pelos nativos. Mesmo quando entende as coisas de forma errada. Lembro a descoberta do tropicalismo pelos críticos estrangeiros nos anos 1990: eles falaram muita besteira, não captavam as sutilezas do nosso contexto, terrivelmente complexo para gringos. Mas aquilo me fez entender nosso passado musical com novos olhos, e tudo ficou ainda mais interessante. Espero que o mesmo aconteça com o diálogo entre o baiano Juca e os paulistanos, que sempre souberam acolher bem os baianos, a ponto de ninguém poder dizer com certeza se o tropicalismo é baiano ou paulistano. Mandei até uma sugestão, de que uma das primeiras ações do novo secretário deveria ser um encontro com a grande comunidade do samba paulistano.

E como vai a cultura em sua cidade, o Rio?

No Rio acontecem outras surpresas: uma pessoa de fora, o gaúcho Beltrame, impulsionou o projeto das UPPs. Por anos fui defensor do funk e a possibilidade de realização dos bailes na Secretaria de Segurança - já que a Secretaria de Cultura nunca se pronunciava. Hoje, há uma nova era de projetos culturais. Bom sinal para a cidade, que agora, pós-tragédia em Santa Maria, terra do Beltrame, percebe como as coisas estavam descontroladas. Havia a tal da Resolução 013 que era sempre usada por policiais quando queriam fechar um baile. Tudo podia ser motivo: falta de saídas de emergência, banheiros, isolamento acústico, etc. Agora

09 Preço do imóvel deve subir menos em 2013
10 Palmeiras segura o campeão mundial, o ...

sabemos que mesmo os espaços culturais da prefeitura ou do Estado funcionavam contrariando regras de segurança. Por que só os bailes eram fechados?

E o carnaval? Nessa semana de exaltação e júbilo país afora, temos o que comemorar?

Este carnaval é do sertanejo, do arrocha, do funk paulistano. Ela é Top, do paulistano MC Bola, é a música mais tocada no rádio em Salvador, com versão bem local. Essa é a brincadeira musical preferida atualmente: os sucessos ganham versões em todos os ritmos do momento. E os estilos se misturam. Quem diria que o sertanejo iria virar música de balada? Quem diria que Campo Grande, Mato Grosso do Sul, iria se transformar na capital do pop brasileiro? Eu não entendia muito bem o mundo do sertanejo. Até que fui numa festa de fundo de quintal, bem familiar, em Campo Grande. Uma dupla tocava canções que eu nunca ouvira antes e todo mundo fazia coro, com emoção tão explosiva quanto no momento mais animado do bumbódromo de Parintins. Foi minha rendição: gosto de pop fake, mas também não resisto diante da autenticidade. Naquele momento, gostei por motivos antropológicos, o que me encantava era o amor que aquelas pessoas sentiam por aquela música. Estava claro que algo grande iria acontecer dali. Hoje gosto também por motivos musicais. Mas há outro aspecto interessante nessa brincadeira, que é bem mais que música. Ninguém, nem mesmo o fã mais "inculto", acha que Ai se eu te Pego é um clássico de Tom Jobim. Aquilo é outra coisa: um mote para festa, para animação coletiva. Começou com uma cantoria de meninas paraibanas viajando para a Disney, virou refrão para animar turistas em Porto Seguro e depois forró em Feira de Santana. Michel Teló transformou o resultado em canção pop, que já foi apropriada em vídeos em todo o planeta, como Gangnam Style. O que importa aí é o processo, a diversão agora, o riso solto, e não a obra-prima para ser venerada como fuga de Bach. É preciso julgar as duas coisas com critérios diferentes.

O sr. parece otimista, mas há alguns dias o sambista Zeca Pagodinho criticou o carnaval no Rio, disse que 'tudo foi roubado' e não se vê mais nem enfeites nas ruas de periferia. Sambas-enredo falam de países distantes e cavalos manga-larga por exigência de patrocinadores. E até o elogiado renascimento dos bloquinhos de rua, em contraponto ao megashow mercantilizado do sambódromo, já é promovido por marcas de cerveja. A massificação põe em risco a riqueza da festa?

O carnaval é uma festa moderna, que cresceu mesmo a partir do final do século 19. O primeiro desfile de escola de samba aconteceu em 1929, e o patrocínio dos jornais foi importante para sua popularização e "oficialização". Antes era algo menor no calendário cultural do Rio. A grande festa da cidade era o Divino, que ocupava o Campo de Santana durante várias semanas. Desapareceu. Nem por isso o Rio deixou de ser o Rio. Tudo muda. E muitas novidades importantes têm origem em desrespeito a tradições. O baiano Hilário queria botar seu termo de Reis nas ruas cariocas. Notando que o 6 de janeiro não era dia de folia no Rio, resolveu sair no carnaval. Deu nos ranchos, nas escolas de samba e assim por diante. Se fosse fiel às regras tradicionais, a cultura da cidade hoje seria bem diferente. Eu adorava o carnaval no Centro do Rio no início dos anos 80. Caciue de Ramos e Bafo da Onça desfilavam gigantescos, empolgadíssimos. Aquilo foi mingando, melancolicamente. Houve ano que não escutei nenhum som de blocos na rua. Hoje há cada dia mais blocos, cada vez maiores. A garotada carioca, de todas as classes, voltou a ter no carnaval sua melhor festa. Você não gosta de blocos comerciais? Não se preocupe, há muitos outros que fogem do comércio. Neste ano vai ter até bloco que só canta marchinhas baseadas em tragédias gregas.

Há quem veja, no entanto, um empobrecimento nas manifestações artísticas de hoje, especialmente se lembrarmos do samba de raiz de Cartola e Pixinguinha, por exemplo. Não há em seu discurso uma certa correção política que impede a crítica?

Cito mais uma vez Gil: raiz para mim só de mandioca. Samba é música moderna, criada no início do século 20, inclusive com a invenção de instrumentos novos, como o surdo, criado a partir de tonéis industriais. Tudo muda, o tempo todo. Ficou mais pobre? A partir de que critério? Sei que o relativismo está fora de moda. Nem ligo: sou relativista incorrigível, cada vez mais radical. Constantemente me pego fazendo coro para Hêmon brigando com seu pai Creonte, em Antígona: "Guarda-te, pois, de te apegares a um só modo de pensar, crendo que o que dizes, e por seres tu que o dizes, exclui qualquer outra possibilidade de ver e sentir as coisas". Não tem quem me convença que há um fundamento estético único a partir do qual podemos decretar o empobrecimento ou o enriquecimento das criações humanas. Mas digamos que há: então encontro no funk muitos elementos que o tomam superior a uma sub-MPB que tentam me empurrar como música de qualidade. O tamborzão do funk salvou a música brasileira na virada do século 20 para o 21. É vanguarda mesmo, concretismo eletrônico afro-brasileiro. Mas para quem acha que hip hop não é música, ou que Stockhausen não é música, o que estou falando é delírio. Um consolo é saber que a produção da gravadora Motown um dia foi considerada por todos os críticos como lixo comercial sem futuro.

A que servem iniciativas suas como o programa Esquentá!, com Regina Casé?

Antes de qualquer outra coisa queremos fazer uma boa festa. Nas gravações do programa, os momentos que mais nos agradam são quando a plateia assume o controle e viramos espectadores da farra coletiva. Como em qualquer outra festa boa, para isso acontecer é preciso reunir gente que pensa diferente e não tenha preconceito diante das diferenças. Reunião só com gente que pensa igual não tem graça.

O Brasil deveria apostar num programa de inclusão social pela cultura?

Detesto a palavra inclusão por motivos que já comentei nas respostas anteriores: parece que a salvação do excluído - que não tem nada, é um vazio a ser preenchido por bom conteúdo - está na sua captura por um mundo que não é dele, não sua transformação em Outro. Partindo dessa premissa, a política cultural já seria de grande valor se não atrapalhasse o que já existe. O governo tem enorme dificuldade para criar e implantar política cultural. Mas política anticultural é corriqueira. Como a proibição dos bailes funk quando a música estava nascendo, empurrando-a para dentro de morros controlados pelo tráfico armado. O "funk proibido" foi produto dessa ação anticultural do poder público.

Estadão PME - Links patrocinados

Motor Novo de Novo

Retífica Motor Vidro - Solução em motores nacionais e importados

www.retifica.com.br

UMA VISÃO SOBRE A SEMANA DO ROCK EM JOÃO PESSOA

por Igor Von Richthofen

Texto postado na rede social *Facebook* no dia 17 de Julho de 2012 às 14:39 .

Uma semana de rock bem movimentada em João Pessoa, a começar pelo debate mediado por Rayan Lins, realizado no Espaço Mundo e transmitido ao vivo pela net através da Pós Tv. Na roda estavam Chico Correa, Arthur Pessoa, Ílson Barros e Toninho Borbo dividindo suas experiências e impressões sobre a música independente ontem e hoje. Interessante não só para quem tem banda, mas, para o público ter uma noção das dificuldades em se produzir música independente e tornar isso uma constante, e ainda assim, conseguir manter a qualidade. Algo que muitas vezes não tem o seu devido reconhecimento, mas é pra isso que tem gente aí, cada um ao seu modo lutando para que a produção esteja sempre inquieta diante das dificuldades.

Porém, o exemplo prático estava por vir na sexta-feira e no sábado. Chego ao Centro histórico e encontro a praça Antenor Navarro lotada. Como cheguei meio atrasado perdi os shows do Divina Comédia Humana e do Sex On The Beach. No palco da praça estava rolando o stoner do Monster Coyote(RN). Show direto e funcional como um tiro certo, tendo uma boa aceitação do público. Agora restava conferir as próximas atrações. Uma banda local que sempre prezou por fazer rock sem firulas e poesia sem soar pedante, sobem ao palco do Espaço Mundo e atendem pelo nome de Musa Junkie Suicida. Detonam um dos melhores shows da banda entre os que já presenciei e incluindo no repertório as músicas do último EP, "Melodias & Distorções". Tendo participações de Ikaro (Squizopop eNoYzY), Second (Malaquias em Perigo), Dorivan (Maruim e Prideofmom) e Ílson (Zefirina Bomba e The Ramalhos), numa bagunça que não se vê com tanta frequência. O Musa Junkie Suicida encerrou seu show com uma cover de "Dead Setusa's Drive", um clássico da sacanagem garageira dos paraibanos do Nailpop. O Desalma(PE) encerra a noite de sexta com um show competente e técnico, muito embora com uma sonoridade que não é do meu agrado. Quando estou indo ao ponto de ônibus ao término da programação encontro um amigo que toca baixo no Mobiê e que comenta do show que foi organizado em outra casa de shows da praça - a Casa de Musicultura. Lá tocaram o Mobiê, com seu regional agressivo; o Trêmulos, numa fusão de rock e funk; Equilíbrio Cósmico, que bebe da fonte dos anos 90 e da psicodelia; Sob Aviso, com seu rock'n'roll básico e o Sou Karma, que não conheço bem, mas pela variedade de

atrações, pude concluir que garantiram o rock na Casa de Musicultura. Esse amigo ainda confirma que os shows foram bacanas, a bilheteria cobriu bem os gastos do evento e ainda pagar uma parte para cada banda. Uma sexta que me deixa empolgado em meio a tanto banho de água fria vindo de gente descrente porque se acomodou em reclamar, nada fazer e que ainda espera que tudo seja entregue em suas mãos. Mas, azar de quem vive apenas em nostalgia ou desdenhando o presente. Sorte de quem não está se privando de conhecer novas idéias e de ousar algo novo também.

A programação ainda tinha atrações agendadas para o sábado, último dia da SEMANA DO ROCK. Dessa vez chego cedo a tempo de pegar todos os shows de mais uma edição do Projeto Demo Tape e o NoYzY começa logo após a oficina de produção musical. Começam com "Loose" do Stooges e na sequência seguem fazendo inferno no palco com músicas autorais. Detonam um show caótico e com ecos evidentes do som de Seattle, mas, com composições onde detalhes na guitarra e baixo denunciavam que a banda não se limita a apenas reproduzir uma estética. Quem procurar muito mais do que um show de rock vai estar perdendo seu tempo. A próxima atração, Nighttime, havia lançado a pouco tempo na net o single "Cinema" e vinha chamando atenção pela qualidade da produção do seu material. Disparam um set list recheado de boas composições, guitarras rasgadas e melodias pop, na tradição das canções com refrão e tudo o mais. Um pé no passado, mas uma nitida influência de coisas atuais como o Artic Monkeys, montam um diferencial que foi prejudicado pelo som que parecia não estar bem regulado, talvez pela ansiedade de estrear ou pela correria devido a algum atraso em relação ao horário do evento. Enfim, quem iria continuar a noite era uma atração no mínimo peculiar, o Maxim de Mamãe. Eles estão prestes a lançar um EP chamado "Violência Gratuita Sem Fins Lucrativos" e fazem um som pesado que poderia ser algo entre Sepultura na época do "Roots" e a finada banda Catapulta. Um som pesado, bem humorado e com uma boa divulgação através das redes sociais que já vinha despertando interesse do público. Apesar da diversão e peso em excesso, algo no som ainda me parecia estranho e creio que tiveram algum problema parecido com o Nighttime. A última banda se chama Mate ou Morra e tem algumas influências parecidas com o Maxim, porém, pendendo mais para a seriedade das letras e postura do hardcore como se pode notar em seu recém lançado EP. Fazem um bom show, no entanto, não me instigou tanto.

Shows terminados, na hora de voltar pra casa, fui com a certeza de que temos coisa nova e boa sendo produzida por bandas como o Telegrama 236, Madrecita, Naresh, Red Butcher, Lamurian, Invéxis, Duryodhana, entre outros bons sons que tem surgido. Levando em conta também a volta de grupos antigos a exemplo do AEP e do Stress City, eu me

pergunto se o problema que alguns tanto procuram e debatem, muitas vezes desdenhando o que está sendo produzido, é realmente um problema da cidade ou das pessoas que não se movem para criar a sua alternativa? Enquanto rolava o Demo Tape no Espaço Mundo, o Pogo Pub abria suas portas para o show das bandas Antiskieumorra, Derrotista, DDA, Comedores de Lixo e Tuna. Um espaço que tem se firmado no esquema do "faça-você-mesmo" e se mantém funcionando, mesmo tendo as suas limitações (como todos os espaços aqui). Então... você fica em casa reclamando que não tem show que preste? Ou que sua banda fica socada em um estúdio se sentindo injustiçada? Crie a sua alternativa ou procure um dos desses espaços. Conheça o que está rolando, porque está bem diversificado. Se mesmo assim não rolar identificação com nada: tome uma atitude e assuma a responsabilidade sobre o que você absorve nesse meio, faça alguma diferença e não se limite a recheiar estatísticas. A não ser que se contente em estagnar e fechar os olhos para o que te cerca. E isso vale pra você agente cultural, produtor, membro de banda que tanto cobra valorização pelo seu trabalho e tanto se gaba da sua produção, mas não comparece em nada que não seja seu ou que envolva os seus. A música independente não precisa de gente acomodada ou egoísta, nem de gente se achando o messias da música independente, precisamos de movimentação e de respeito mútuo, mesmo (e principalmente) lidando com tantas diferenças, divergências e intrigas desnecessárias.

Queria encerrar o relato citando meu encontro com Roberval, ex-vocalista do Dead Nomads e que pra mim gravou o material mais bacana que a banda já produziu. Fiquei feliz por ver o cara bem e empolgado ali em estar no centro encontrando os amigos e se inteirando do que ta rolando na música local. Chego em casa e escuto "They Want" que é a minha faixa favorita e encerra a primeira demo do Dead Nomads, e apesar da nostalgia eu vou dormir lembrando que o Retroline (projeto que ta trazendo Roberval de volta aos vocais) está em estúdio aprontando um material bacana. Depois de presenciar tudo isso eu só posso afirmar que em João pessoa a semana pode ter passado, mas ainda tem muito rock pra se ver/viver nessa cidade.

ANEXO 06 – Flyers dos eventos

DIA INTERNACIONAL DA PROSTITUTA

RUA BARREIA - JOÃO PESSOA - PARAÍBA - BRASIL
 ARTES VISUAIS, CINE, CINEFOTOGRAFIA, FOTOGRAFIA, MÚSICA E CULINÁRIA
 MOVIMENTO CONSPIRAÇÃO CULTURAL

2 DE JUNHO

VII ANO 2011

17 ANOS

FORA DA LEI

MUSEU DA IMAGINAÇÃO

USE A IMAGINAÇÃO

PUTA ARTE

apros-PB
 Associação das Prostitutas da Paraíba

SOMOS O QUE SOMOS

MULHERES SÃO IGUAIS EM QUALQUER PROFISSÃO

WWW.APROSPB.COM

ASSOCIAÇÃO DAS PROSTITUTAS DA PARAÍBA

RUA IRINEU PINTO 148 SALA 221 CENTRO CEP: 58010-100 JOÃO PESSOA - PARAÍBA - BRASIL. APROSPB@YAHOO.COM.BR

5ª corrida da CALCINHA

DIA INTERNACIONAL DE PROSTITUTA

02 de junho de 2011
 quinta-feira às 19h05min

inscrições gratuitas na hora
LEVE A SUA CALCINHA

RUA DA ANITA
 JOÃO PESSOA
 PARAÍBA
 BRASIL

apros-PB

5º

3º

2º

6º

WWW.APROSPB.COM

PRÊMIOS + TROFÉUS

1º prêmio em dinheiro

2º prêmio em dinheiro

3º prêmio em dinheiro

4º prêmio em dinheiro

5º prêmio em dinheiro

6º prêmio em dinheiro

7º prêmio em dinheiro

8º prêmio em dinheiro

9º prêmio em dinheiro

10º prêmio em dinheiro

PARTICIPE NESTA GRANDE FESTA DO ESPORTE INTERNACIONAL

menor

SÃO JOÃO
 do mundo

DIAS 22 23 28 29 30

22 DE JUNHO | 23H
 HAZMAT
 ZÉ FREITAS

23 DE JUNHO | 23H
 FORMAÇÃO DE QUADRILHA JUNINA
 DISCOTECA JUNINA
 DUBBEM

28 DE JUNHO | 23H
 MUTRETRAS
 ZEFIRINA BOMBA

29 DE JUNHO | 23H
 CABRÉUA
 KAZEE DUB
 CASAMENTO DA QUADRILHA

30 DE JUNHO | 23H
 COITEROS
 LICENCIOSA

\$ FREE

no espaço mundo

www.spacesmundo.com.br

www.festa100.com.br

www.joaopessoa.com.br

POGO

24 DE NOVEMBRO

A\$ 21H R\$ 5,00

POGO PUB
 PRAÇA ANTONOR NAVARO

VOCIFERA
 DEATH/THRASH (PE)

SUBINFECTED
 DEATH METAL (PE)

EXILLE
 DEATH METAL (PB)

MISERY HATE
 BLACK METAL (PB)

PARTE DA RENDA SERÁ REVERTIDA NA AJUDA A ANIMAIS DE RUA

VIDA TORTA APRESENTA
DIRETAMENTE DA ALEMANHA



Warhammer

(DEATH METAL)

PARTICIPAÇÃO DAS BANDAS

NEORHUNTER
(DEATH METAL)

AMAR E VELA PRETA
(BRINDERE)

KRENAK
(DEATH METAL - CE)

14/NOV. 21H POGO
CENTRO HISTÓRICO
R\$ 10 ANTECIPADO - R\$ 15 NA PORTARIA

CAIXA CULTURAL
APRESENTA

IV MOSTRA DE TEATRO DE GRUPO

SET 25+29 JOÃO PESSOA

"UM TORTO" 26/09
"O CANTO DE GIECHIRIO" 27/09
"MOLLO DUC MEU OLHAR"
"HUIRINDO PARA VÍCIO" 28/09

**GRUPO
MAGILUTH**
20H / CENTRO CULTURAL PIOLLIN

"FARSA DA BOA PREGUIÇA" 25/09
GRUPO GARAJAL
"ROMÉU E JULIETA" 29/09
20H / LARGO S. FREI PEDRO GONÇALVES

ENTRADA GRATUITA

ESPETÁCULOS DEBATES PALESTRAS OFICINAS
PROGRAMAÇÃO COMPLETA NO SITE
WWW.SERTÃO-TEATRO.COM.BR/4MOSTRA



CAIXA BRASIL

ANEXO 07 – Release das apresentações dos espetáculos “Flor de Macambira” e Carroça de Mamulengo no Largo São Frei Pedro Gonçalves, durante a III Mostra de Teatro de Grupo.

Ser Tão Teatro (PB)

Abertura: Flor de Macambira

Segunda Feira, dia 23, às 20hs, no Largo São Pedro Gonçalves, em frente à sede do Coletivo Ser Tão Teatro

Em caso de chuva, consultar o site da Mostra para possíveis alterações nos locais das apresentações

Sinopse: “Flor de Macambira” é uma festa popular com música, comicidade, cor e teatralidade que conta a história da jovem Catirina, a mais bela flor da Fazenda Macambira, que sucumbe aos vícios e tentações mundanas e, para salvar a si e a seu amado, mergulha nas profundezas de sua alma. Tipos do cotidiano brasileiro como o coronel sanguinário, o padre mercantilista, o bicheiro corrupto, e o triunvirato do capitalismo: o economista ilusionista, o banqueiro especulador e o marqueteiro enganador são apresentados, quadro a quadro, no espetáculo.

Ficha Técnica:

Texto original: “O Coronel de Macambira”, de Joaquim Cardozo

Adaptação: Rosyane Trotta e Ser Tão Teatro

Concepção e Encenação: Christina Streva

Elenco: Cida Costa, Gladson Galego, Isadora Feitosa, Maisa Costa, Thardelly Lima, Winsthon

Aquilles, Zé Guilherme, Anderson Lima e Rodrigo Costa e Silva

Assistente de Direção: Breno Sanches e Thardelly Lima

Direção Musical: Beto Lemos e Zé Guilherme

Letra das Músicas: Beto Lemos e Thardelly Lima

Músicas instrumentais: Beto Lemos

Coreografia : Juliana Manhães

Cenografia e Adereços: Carlos Alberto Nunes

Assistente de Cenografia: Arlete Rua

Modelagem de Máscaras: Bruno Dante

Figurista: Daniele Geammal

Visagismo: Mona Magalhães

Iluminação: Gladson Galego

Carroça de Mamulengos (CE)

Histórias de Teatro e Circo

Terça Feira, dia 24, às 20hs, no Largo São Pedro Gonçalves, em frente à sede do Coletivo Ser Tão Teatro

Em caso de chuva, consultar o site da Mostra para possíveis alterações nos locais das apresentações

Sinopse: “Histórias de Teatro e Circo” é a cristalização de momentos vivenciados pela Família Carroça nos seus 32 anos de vivência artística. As cenas e os bonecos foram criados a partir do nascimento e crescimento de cada filho, conhecimento passado de irmão para irmão. Revelam o amadurecimento de uma família que surgiu e se desenvolve a cada dia, a cada espetáculo, onde o palco é um espaço natural, uma extensão do próprio lar. É um espetáculo em constante transformação e aprimoramento. Sintetiza uma linguagem lapidada por anos de estrada, apresentando em ruas, praças, escolas, teatros e festivais. Através de uma comunicação direta, busca-se uma arte viva que toque corações de adultos e crianças.

Ficha Técnica:

Direção e concepção: Carlos Gomide

Assistente de direção: Maria Gomide

Bonecos: Carlos Gomide

Cenário e figurinos: Carroça de Mamulengos

ANEXO 08 - Quadro sobre bairros de João Pessoa preferidos para moradia segundo depoimentos obtidos em pesquisa popular (Centro de Estudos de Conservação Integrada, 2004)

Bairros Preferidos na Cidade *	Frequência	%
Centro	35	10.5
Manaira	33	9.9
Bancários	32	9.6
Jaguaribe	28	8.4
Torre	27	8.1
Bessa	24	7.2
Mangabeira	20	6.0
Tambaú	18	5.4
Bairro dos estados	15	4.5
Cabo Branco	15	4.5
Tambiá	12	3.6
Cristo	10	3.0
Expedicionários	8	2.4
Alto Roger	7	2.1
Miramar	6	1.8
Cruz das armas	5	1.5
Tambauzinho	5	1.5
Geisel	3	.9
Praia	3	.9
Alto do Mateus	2	.6
Castello Branco	1	.3
Outros	23	6.9
Total	332	100.0 □

Obs: bairros assinalados em amarelo representam bairros centrais e pericentrais, bairros assinalados em azul representam bairros litorâneos